

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA - PPGCP

PATRÍCIA DE ARAÚJO COSTA

AO VENCEDOR A VERDADE:
OS ARQUIVOS DA HISTÓRIA E O INSTANTE DA AÇÃO

Orientador: Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho

Niterói/RJ

2016

PATRÍCIA DE ARAÚJO COSTA

AO VENCEDOR A VERDADE:

OS ARQUIVOS DA HISTÓRIA E O INSTANTE DA AÇÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho.

Niterói/RJ

2016

C837 Costa, Patrícia de Araújo.
Ao vencedor a verdade: os arquivos da história e o instante da ação
/ Patrícia de Araújo Costa. – 2016.
126 f.
Orientador: Gisálio Cerqueira Filho.

Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Ciência Política, 2016.

Bibliografia: f. 123-126.

1. Verdade. 2. Arquivos. 3. Espanha – História - Guerra Civil, 1936-
1939. I. Cerqueira Filho, Gisálio. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho – Orientador (UFF).

Membro Externo: Prof. Dra. Márcia Barros Ferreira Rodrigues (UFES)

Membro Interno: Prof. Dra. Claudia Henschel de Lima (UFF)

Suplente: Prof. Dra. Gizlene Neder (UFF)

Niterói/RJ

2016

Dedicatórias: as deixarei em aberto.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES pela bolsa de estudos ao longo do período do mestrado, sem ela seria muito difícil me dedicar à leitura da bibliografia e a escrita desta dissertação. Agradeço ao governo Lula pela bolsa de estudos (PROUNI) ainda na graduação; agradeço também ao ex-ministro da educação Fernando Haddad pela implementação, na sua gestão, de bolsas de estudos pelo país para jovens que frequentemente são forçados a desistirem de seus sonhos e de suas criatividade. Este presente trabalho não tem como foco as questões referentes às políticas institucionais, todavia, este trabalho somente é possível devido às políticas institucionais.

Agradeço a minha avó Dalva pelo suporte espiritual e pela presente jovialidade de quem deseja a vida e se surpreende a cada novo dia com ela. Agradeço a minha mãe, Conceição pela amizade, pelo companheirismo, pela dedicação com que sempre enfrenta os desafios, pela sabedoria que a emana e pela referência de caráter para mim. Agradeço ao meu irmão mais velho, Rodrigo pela amizade, pelo companheirismo de sempre e pela influência neste trabalho mesmo que nós não tenhamos discutido sobre ele. Agradeço ao meu irmão mais novo, Mateus pela amizade, pela fanfarronice da adolescência, por tentar manter o quarto arrumado e pelas conversas sobre futebol. Agradeço ao Bruno Mistura pela leveza da sua companhia, pela amizade, pelos ouvidos, pelas histórias e pelo otimismo com que abraça a vida. Agradeço a Daniela Velásquez pela amizade, pelo companheirismo, pela paciência, pelo suporte emocional, pelo cuidado e pela companhia tão necessária. Agradeço a Camila Lima e ao André Stock pela amizade e pelos cafezinhos acompanhados de longas conversas que voam. Agradeço ao Felipe Azevedo pela amizade, pela sabedoria afetiva e também, pelas conversas imprescindíveis. Agradeço ao Ivar Rocha, o “fado madrinho” que me emprestou/deu o livro que serviu como base para este trabalho.

Agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Gisálio Cerqueira Filho pela liberdade que tive, ao longo deste trabalho, referente às escolhas teóricas e às escolhas metodológicas. Agradeço a professora Dra. Gizlene Neder e a professora Dra. Cláudia Herschel de Lima pelos conselhos e observações na defesa do projeto desta dissertação. Agradeço aos membros da banca: a professora Dra. Márcia Barros Ferreira Rodrigues, a professora Dra. Cláudia Herschel de Lima e a professora Dra. Gizlene Neder pela gentileza e disposição de participar

da finalização desta etapa profissional ao se disporem a compor a banca, acredito que as contribuições serão muito importantes para desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma influenciaram este trabalho para o bem, para o mal e, claro, para além disto. Por fim, agradeço as conversas, contribuições e influências dos pensadores póstumos, dos pensadores vivos, dos pensadores dos cafés e dos pensadores de botequins para este trabalho.

Resumo

Esta dissertação propõe discutir acerca do conceito de verdade, e para além deste conceito, a pluralidade de pontos de vista. Todo arquivo intitulado como verdadeiro ou não, é assim nomeado devido aos interesses e escolhas políticas. Cada arquivo revela um dado ponto de vista, assim como, cada releitura é única. A partir dos pensadores Jacques Lacan, Jacques Derrida e Hannah Arendt, este trabalho apresenta a discussão acerca da linguagem e do arquivo e se é possível identificar a ação da escrita. Como pano de fundo desta argumentação é apresentada a visão da Guerra Civil espanhola como exibida em Homenagem a Catalunha, de George Orwell, da mesma maneira em que ela é confrontada com perspectivas produzidas por historiadores pró-republicanos.

Palavras-chaves: Verdade; Arquivo; Ação; Instante; Guerra Civil Espanhola.

Abstract

This work aims discussing on the concept of truth, and, beyond it, the plurality of viewpoints. Every file, entitled as truthful, or not, has this property on the behalf of political choices and interests. Every file discloses a point of view, as every rereading is unique. From the scholars Jacques Lacan, Jacques Derrida, and Hannah Arendt, this work presents a discussion on language and file, and if it is possible to identify the writing action. As a background on this argumentation, it is presented the Spanish Civil War, observed on George Orwell's Homage to Catalonia as well as it is confronted with pro-republican historians' perspective.

Key Words: Truth; File; Action; Instant; Spanish Civil War.

Sumário

Introdução.....	2
Advertência Sobre o Capítulo I.....	17
Capítulo I - A Guerra Civil Espanhola: um olhar republicano	18
Capítulo II - O Problema da Verdade.....	60
Capítulo III - O Retorno da Verdade e o Instante da Ação	99
Considerações Finais.....	121
Referências Bibliográficas	123

Introdução

Implicações Pessoais

Desde muito cedo me interessei pela política, como, por exemplo, na quinta série (novo sexto ano) quando o professor de geografia perguntou para a turma, quais eram os partidos políticos de oposição e quais eram os partidos de situação. Respondi, não era difícil. Meu pai, mesmo não sendo muito próximos, não tinha a menor relação com partidos políticos e a política, nem minha mãe, ou minha avó, ou qualquer outro membro da minha família; naquele tempo ninguém próximo a mim tinha alguma relação direta com a política; todos os meus amigos, bem como seus familiares não gostavam de política, não gostavam de “políticos”. Respondi ao professor e acertei. Mesmo não tendo relações diretas com ninguém que fosse interessado pela política, desde muito nova assistia no telejornal a parte voltada para este assunto e, quando possível, lia nos jornais sobre. Certamente, a parte de esportes me era mais encantadora, e muitas das vezes assistia ao telejornal todo apenas para no final assistir aos gols da rodada. Ainda assim, desfrutava ao assistir as notícias sobre política, mesmo não entendendo boa parte, gostava.

Cresci em um ambiente em que a política, seja ela partidária, seja ela institucional, e etc., só aparecia perto do período eleitoral. Inclusive, a primeira eleição da qual tenho memória sensível aconteceu em 1993, foi um plebiscito que tinha como questão a proposta do retorno da monarquia no Brasil. Morava em Petrópolis, cidade símbolo da lembrança da monarquia no país, e por morar nesta cidade, mesmo eu sendo nova, me lembro de alguns comentários e opiniões a respeito. Mas, a cena mais marcante neste pleito para mim aconteceu passeando num dia qualquer pelo centro da cidade com minha mãe, um homem parou-a, lhe entregou um papel e pediu o seu voto. Minha mãe não disse que sim, nem que não; apenas pegou o “santinho”. Ele argumentou o quanto a monarquia seria interessante para Petrópolis e para o Brasil e mais outras coisas que não me recordo. Após um pequeno “corpo-a-corpo”, minha mãe e eu continuamos o caminho, e caminhando ela me disse que aquele cara era um príncipe. Voltei à cabeça para trás onde estávamos há pouco. Um príncipe: isso existe? Existia, e não tinha nada de mais, pensei. Ainda assim, este episódio, de alguma forma, marcou meu imaginário.

A primeira eleição na qual pude votar foi em 2002, foi também a primeira vez que me engajei numa campanha eleitoral. No ano anterior havia me filiado à juventude do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e em janeiro seguinte me filiei ao referido partido propriamente, assim, já no meu primeiro voto numa eleição nacional, também fazia campanha para alguns candidatos. Entre eles para as câmaras de deputados, o senado e para o governo do estado do Rio de Janeiro. A campanha que tive mais gosto foi para a presidência da República. Foi realmente um deleite poder integrar-me a campanha do Lula, participar ativamente daquela diligência, seja distribuindo panfletos, adesivos, botons; seja debatendo com as pessoas na minha escola, com meus colegas, com os professores, em outras escolas, nas praças, em casa. Defendia um novo tempo, discursava uma ideologia e adorava aquilo, acreditava que poderia ser possível a utopia, e em certa medida tinha razão.

Ao longo dos anos de militância no PCdoB, e foram 10 anos, em geral, os debates que ocorriam, ao menos os que eu participava com frequência, eram muito mais pautados em questões estratégicas, eleições, esfera institucional e conjuntura política, muita conjuntura. Sentia falta da possibilidade de um debate mais estrutural, mais crítico. Um dos motivos que colaboraram pela escolha em ingressar no curso de Filosofia, em especial, Filosofia Política, constituiu em querer discutir mais profundamente questões que aparentemente para outros membros da militância não eram urgentes. Importo-me com as urgências, por isso mesmo entrei no curso de Filosofia.

A graduação em Filosofia constava prioritariamente no ensino de história da filosofia, ainda assim, tive acesso a discussões que não estavam postas na minha vida, ao menos não conscientemente, até então. E isto, em certa medida, tanto me animou, quanto me podou no que se refere à construção da minha reflexão política. Digo que me animei, pois descobri que existiam várias linhas políticas e ideológicas que constroem as estruturas de pensamento, e que não necessariamente a “verdade” precisaria ser universal. Em certa medida, entretanto, este processo me podou, pois não me sentia à vontade em expor minhas experiências, ou ainda, me sentia imatura intelectualmente para fazer escolhas, para me posicionar, para discutir sobre um determinado filósofo. Senti-me compelida pela autoridade dos filósofos, pela autoridade dos professores, pela autoridade das instituições. Este possível constrangimento com a autoridade influencia, em certa medida, o meu comportamento acadêmico.

O curso de Filosofia tem por característica o estudo de um filósofo específico e não um tema, como é o caso da Ciência Política, acredito que este tenha sido o principal fator para a minha escolha em ingressar no campo da Ciência Política. Tenho preferência pelo estudo voltado para determinadas questões e não para determinados filósofos, isto não significa que não possa estudar um determinado autor/filósofo com maior parcimônia, ainda assim, não é o que me movimenta. A decisão em vir para o campo da Ciência Política deveu-se principalmente à intenção em estudar um tema e, assim, fazer uso de alguns autores que conversem sobre o assunto que eu estude, isto é, que dialoguem sobre política e/ou subjetividade. Diferentemente do campo da Filosofia, a Ciência Política me possibilita um contato que me parece interessante com a interdisciplinaridade, desta forma, posso pôr alguns autores para discorrerem sobre um determinado tema, neste caso, no que se refere à subjetividade e a política.

A escolha em estudar política e subjetividade me é plausível, e imperativa, pois estes dois pontos “política” e “subjetividade” me parecem ser complementares, seja o quanto estes dois motes podem movimentar-se, ou contrapor-se, ou mesmo coexistir. A discussão acerca da alteridade, do afeto político, da subjetividade me parece fundamental para entender a ação política, para compreender o jogo político e conseqüentemente, a política propriamente.

Desde muito nova tenho uma relação sensível com a política, a começar de muito pequena me interesse por ela, a partir de muito jovem quis estar próxima a ela, seja discutindo sobre política institucional à teoria política, tenho prazer nisto. E além de deleitar-me sobre as questões relacionadas à política, penso que a política, como um todo, é quase tão importante quanto respirar ou se alimentar.

Considero que as relações sensíveis e afetuosas são de grande relevância para a política, desde o que se escolhe ao que aparentemente não se opta; a partir do que se discursa ao que se cala, destarte, tenho grande interesse pelos “não ditos” da política, pelos sentimentos, pelas ideologias, pelas influências dos pontos postos em questão numa determinada contenda política.

Devido à influência da Filosofia na minha formação acadêmica, tive certa dificuldade em não permanecer exclusivamente no campo teórico, desta forma, a linha teórica da pesquisa ao qual me proponho a encampar pareceu-me mais nítida e suficiente para mim, num primeiro momento. Contudo, diferentemente do campo da Filosofia, a Ciência Política necessita de um campo prático, de um acontecimento. Destarte, esse processo de assimilação do que se propõe

a Ciência Política não foi instantâneo. Seguramente, a proposta do professor Gisálio Cerqueira Filho em optar por uma obra literária como campo prático foi nova para mim. Menos ao que se refere ao uso da literatura e mais ao que se refere à necessidade da existência de um campo material.

Certamente a escolha por George Orwell e o título “Homenagem à Catalunha” é um pouco mais nebulosa do que a proposta teórica da dissertação de mestrado. Queria um assunto para debater sobre a linha teórica que estabeleci no projeto de dissertação, e tive a grata surpresa ao me deparar com “Homenagem à Catalunha” e com parte da obra de George Orwell pouco difundida. Parece outro autor, se comparada a outras obras do mesmo, tais como “Revolução dos Bichos” e “1984”. Aparentemente a primeira fase¹ de George Orwell, se distancia significativamente de um segundo momento que o tornou celebre.

As influências político-ideológicas que circundavam o autor não parecem ser necessariamente de cunho capitalista, mas aproximam-se mais de uma relação com o trotskismo e o anarquismo, que num primeiro momento da escrita do autor parece bem vivaz. O relato e a vivência de George Orwell na Guerra Civil Espanhola exemplificam as influências de ser inglês, de ter nascido na Índia, de considerar-se a “esquerda da esquerda”; e não somente um relato literário-jornalístico ao qual num primeiro momento pode assemelhar-se a sua obra.

A Guerra Civil Espanhola veio juntamente com Orwell, ainda assim, esta foi uma guerra civil fundamental para entender a Europa no “entre guerras”, isto é, entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial. E, seguramente, não menos importante, pois o que pode significar mesmo: “entre guerras”? A escolha pelo tema sobre esta guerra civil constituiu-se apropriadamente como a própria política, isto é, foi da ordem da contingência.

*

Eric Arthur Blair

Eric Arthur Blair nasceu na Índia em 25 de junho de 1903, e, no entanto, inglês. Eric Blair é inglês, devido ao fato da Grã-Bretanha ter dominado entre os anos de 1858 a 1947 o

¹ Estou chamando de primeira fase livremente o período em que o autor escreveu “Na Pior em Paris em Londres”, “O Caminho Para Wigan Pier” e “Homenagem à Catalunha”.

território compreendido como *Raj britânico* (*rāj* significa reino em hindustano), nesta faixa territorial os seguintes países atuais (ano de 2015) faziam parte: Índia, Paquistão, Bangladesh (antigo Paquistão Oriental), Mianmar (antiga Birmânia) e Maldivas, além de ilhas menores no Oceano Índico.

A mãe de Eric Blair, Ida Mabel Blair (nome de solteira Ida Mabel Limouzin) cresceu nos domínios do *raj britânico*, na Birmânia (atual Mianmar); seu pai Richard Walmesley Blair foi um funcionário do Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, agência do governo britânico que controlava o serviço público da Índia britânica. Não se sabe ao certo se em 1904 ou em 1907, isto é, se Eric Blair tinha um ano ou quatro anos de idade quando foi levado por sua mãe para morar na Inglaterra. Além de morar com sua mãe, Eric morava ainda com suas duas irmãs, Marjorie, cinco anos mais velha e Avril cinco anos mais jovem. Eric Blair ficou sem ver seu pai até 1912, seu pai continuou vivendo e trabalhando na Índia britânica; Eric teve pouco contato com o pai, mesmo já em 1912, quando ele retornou à Inglaterra após ter se aposentado; o jovem Blair achava seu pai chato e conservador.

A mãe de Eric tinha o desejo de matriculá-lo em uma escola privada, mas não tinha condições financeiras para pagar as taxas, para que fosse possível efetuar sua matrícula, o jovem teria que ter uma bolsa de estudos. Assim, Charles Limouzin, tio de Eric, que era um jogador de golfe habilidoso e havia ganhado alguns prêmios na modalidade, entrou em contato com o diretor da Escola São Cipriano através do clube de golfe do qual fazia parte, e desta forma, acordou com o diretor que fosse pago apenas metade das taxas usuais. Mais tarde, mas ainda na Escola São Cipriano, Eric ganhou bolsa de estudos para dois internatos tradicionais da Inglaterra, sendo o Wellington College e o Eton College. Passou um tempo em Wellington e em 1917 transferiu-se para o Eton College, permaneceu neste colégio até 1921.

Eric Blair, nos últimos anos em Eton, não obteve um rendimento escolar elevado, e, devido ao fato de seus pais não terem condições de pagarem seu ingresso na universidade sem bolsa de estudos, não se matriculou em nenhuma universidade. Sem poder continuar seus estudos, foi decidido que Eric faria o exame de admissão para a Polícia Imperial Indiana. Não se sabe ao certo porque Eric Blair decidiu ir para o território do Raj britânico, de todo modo, ele foi. Eric passou no exame e em 1922, aos 19 anos, ele mudou-se para Burma (atualmente Myanmar) e após passar um período na escola de formação policial, integrou-se à Polícia Imperial Indiana.

Em 1927, pós cinco anos na Birmânia, Eric Arthur Blair contraiu dengue na cidade de Katha. Naquele mesmo ano Eric Blair poderia retornar para a Inglaterra, e o fez um pouco antes do previsto devido ao fato de ter contraído a doença. Já na Inglaterra, decidiu se demitir da Polícia Imperial Indiana, mesmo ganhando um salário relativamente bom, e decidiu se dedicar a profissão de escritor. Aos trinta anos, Blair escreve seu primeiro livro *Na Pior em Paris e Londres*, no ano seguinte, em 1934 publica *Dias em Birmânia*, o romance foi inspirado na sua experiência como membro da Polícia Imperial Indiana e, logo, em certa medida, na sua vivência no *Raj britânico*.

Eric Blair escreveu três obras não-ficcionais fundamentais para entender tanto a sua escrita como a sua vida, são elas: *Na Pior em Paris e Londres*, publicada em 1933, *O Caminho para Wigan Pier*, publicada em 1937 e *Homenagem à Catalunha*, publicada em 1938. As três obras de Blair têm em comum a experiência sensível do autor, respectivamente, como um mendigo em Paris e Londres, como um trabalhador mineiro em Wigan Pier e como um guerrilheiro republicano na Espanha.

Para Mario Sérgio Conti, que escreve no posfácio da edição brasileira de *O Caminho para Wigan Pier*, afirma que cada um destes três livros determina o amadurecimento de George Orwell como escritor e, principalmente, determina o seu amadurecimento pessoal:

O primeiro ‘Na pior em Paris e Londres’, é um testemunho dos anos que passou entre mendigos, cozinheiros e garçons das duas cidades (...); ‘O caminho para Wigan Pier’ é uma obra de transição(...), devido ao fato de que (...)a simpatia de Orwell pela ralé é de caráter sentimental; O terceiro, ‘Homenagem à Catalunha’, relata sua participação na Guerra Civil Espanhola. Os livros podem ser tomados, a posteriori, como uma trilogia cujo fundamento unificador é a experiência direta com a vida dos pobres — sejam eles marginais e mal remunerados de Paris e Londres, mineiros do norte da Inglaterra ou trabalhadores espanhóis transformados em soldados na guerra contra o fascismo. A trilogia também comporta uma progressão, uma trajetória que começa no individualismo exacerbado de um moralista e termina no engajamento político.²

Eric Arthur Blair passou a utilizar o pseudônimo George Orwell devido à sua primeira grande obra intitulada *Na Pior em Paris e Londres* (1933), no qual contava suas experiências como pobre e mendigo nessas duas cidades. Para escrever a obra, ele aceitou todos os tipos de

²Posfácio da edição brasileira do livro *O Caminho para Wigan Pier*. Companhia das Letras, 2010.

empregos e, não querendo envergonhar sua família, publicou-o com um pseudônimo que se tornaria celebre.

No posfácio da edição brasileira do livro *Na pior em Paris e Londres*, Sérgio Augusto comenta sobre o significado acerca do nome: George Orwell.

Orwell era ainda apenas Eric Arthur Blair quando viveu ‘Down and Out em Paris e Londres. ‘O nom de plume’ com que se consagraria como jornalista, ensaísta e escritor surgiu justamente quando da publicação de seu livro de estreia. A Leonard Moore, seu agente literário desde a primavera de 1932, sugeriu outros três: P. S. Burton, Kenneth Miles e H. Lewis Allways. Mas George Orwell, o preferido do autor, venceu fácil. George como o santo padroeiro do Reino Unido. Orwell, como o rio que corta a East Anglia, região do leste de Inglaterra, e desemboca no mar do Norte.³

Eric Blair, já George Orwell, vai para à Barcelona em meio a Guerra Civil Espanhola. Inicialmente, George Orwell pretende escrever alguns artigos para a imprensa sobre o que ocorria na região, contudo, assim que chega à Barcelona não consegue ser apenas um jornalista e ingressa na milícia local. Ainda na Inglaterra, Orwell consegue uma carta de recomendação do ILP (Independent Labour Party), que tinha boas relações com o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), ambos próximos ao trotskismo. Sua primeira opção na Inglaterra para fazer contato com a Espanha não foi o ILP, mas o partido comunista da Grã-Bretanha. Entretanto, o secretário geral do PC inglês sabia das críticas de Orwell à ortodoxia comunista e seus intelectuais a partir do livro *O Caminho para Wigan Pier* e não enviou a recomendação à Espanha, o que condicionou que Orwell fosse procurar outra sigla para conseguir a recomendação necessária para ingressar em alguma organização político-partidária espanhola. Orwell evitou integrar-se como miliciano nas Brigadas Internacionais, pois a maioria das lideranças comunistas próximas à URSS não gostavam de Orwell.

O período em que George Orwell permaneceu na Espanha não foi tão prolongado. Orwell chegou em Barcelona no dia 26 de dezembro de 1936, e, retornou à Inglaterra em 23 de junho de 1937. Ainda assim, este período, mesmo não tão extenso, proporcionou grandes mudanças na vida de Orwell, especialmente quanto a sua posição político-ideológica, que influenciaria toda a sua vida e conseqüentemente a sua escrita. No prefácio da edição

³Posfácio da edição brasileira do livro *Na pior em Paris e Londres*. Companhia das Letras, 2012.

brasileira do livro *Lutando na Espanha* (livro que contém *Homenagem à Catalunha*), Ronald Polito escreve:

Mesmo confuso (referente as várias siglas políticas que existiam na Espanha), Orwell mergulha fundo nessa nova experiência. E volta à tona atingindo um alto grau de maturidade e esclarecimento sobre o que estava se passando na Espanha. O livro é, portanto, esse périplo difícil, esse processo de conscientização política com repercussões para toda a vida do autor.⁴

A primeira edição do livro *Homenage to Catalonia* (em inglês no original) foi um fracasso editorial, teve apenas cerca de 900 exemplares vendidos. Este livro tornou-se relativamente significativo somente após a morte de Orwell. Em certa medida, o êxito deste livro ocorreu devido ao sucesso das obras ficcionais posteriores do autor, em especial, *Revolução do Bichos* e *1984*. Ainda assim, *Homenagem a Catalunha* não deixa de ser um livro interessante, mesmo que ofuscado por outros livros ficcionais do autor.

Homenagem à Catalunha é escrito em primeira pessoa, como um diário, ou ainda, como um relato. George Orwell relata sua experiência na Catalunha em meio a Guerra Civil Espanhola, em meio ao alastramento do nacionalismo, do fascismo e do totalitarismo. Durante a Guerra Civil Espanhola, Orwell foi baleado no pescoço e relata o ocorrido em seu livro acerca das sensações que teve com esta experiência.

Nunca ouvi falar de um homem ou animal que levasse uma bala no meio do pescoço e sobrevivesse. O sangue escorria pelo canto de minha boca ‘A artéria se foi’, pensei. Perguntava-me quanto tempo se dura depois que a carótida é seccionada; poucos minutos, provavelmente. Tudo estava muito embaçado. Devem ter-se passado uns dois minutos durante os quais admiti ter morrido. E isso também foi interessante – quer dizer, é interessante saber quais seriam seus pensamentos numa hora dessas. Meu primeiro pensamento, bem convencional, foi para a minha mulher. O segundo foi um ressentimento violento por ter de abandonar este mundo que, no fim das contas, me cabia tão bem. Tive tempo de sentir isso intensamente.... Também pensei no homem que me atingira – perguntei-me como ele era, se era um espanhol ou um estrangeiro, se sabia que me pegara e assim por diante. Não consegui sentir qualquer ressentimento contra ele. Refletia que se ele era um fascista, eu o teria matado se pudesse, mas que se ele fosse feito prisioneiro e trazido diante de mim nesse momento, eu simplesmente o

⁴Prefácio da edição brasileira de ‘*Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos*. Globo, 2006.

cumprimentaria pela boa pontaria. Pode ser, no entanto, que se estivermos morrendo de verdade, nossos pensamentos sejam bem diferentes.⁵

Orwell não estava morrendo, caso estivesse, este arquivo não existiria.

*

Não existe verdade histórica sem arquivo histórico. Encontrar-se-á nos arquivos históricos a base de toda a verdade que já foi inventada. Sim, sim, toda e qualquer verdade é um invento de alguém, este alguém que deixa de existir a cada página lida e que renasce outro, mesmo que falecido a cada nova leitura da “mesma” página por uma nova pessoa. Toda verdade tem um quê de fantasia, pois mesmo num relato a imaginação não se ausenta: a realidade é documentada através do ponto de vista que poderá se tornar verdadeiro. *Realidade e fantasia*⁶ constroem a verdade.

O narrador de história que apresentara seu ponto de vista transformou-se no escritor do livro sagrado. Não mais parte da pluralidade, a história do contador de histórias tornou-se a universal. O ponto de vista é substituído pela verdade histórica. Os documentos oficiais são aqueles que contam a verdade (ao invés de “um ponto de vista”), e, logo, são aqueles que afirmam se aproximar mais da realidade, a saber, do instante. Todavia, mesmo a verdade sendo um grande marco da cultura ocidental, ainda assim, por mais que se anseie, não é possível impedir a pluralidade, deste modo, a cada novo instante, a cada novo nascimento, a proposta da verdade é reafirmada, pois alguém escreve os arquivos e alguém elege quais serão os arquivos verdadeiros. Sem agentes não há arquivo algum. A cada nova geração a defesa do conceito de verdade é resignificada e reafirmada bem como os arquivos históricos o são.

Deste modo, cada arquivo pode ser contestado, e, assim sendo, cada leitura e cada interpretação são únicas, pois, o instante da leitura é único. O arquivo, mesmo empoeirado, sempre será uma novidade, inclusive, na sua releitura. Assim, como há variados pontos de vista, há também variadas formas de interpretações, o que proporciona, deste modo, a abertura para possibilidades infinitas de pontos de vista e reinterpretções. Todavia, a necessidade de limitar, definir as possibilidades para enquadrá-las e arquivá-las é um axioma, pois é a partir

⁵ORWELL, 2006, pp. 157 e 158.

⁶FREUD, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, 1924.

das definições dos conceitos, das determinações espaciais, das verdades e proposições que construímos nossas vidas, nossas tradições, nossos arquivos.

A cada novo instante e, agora enquanto escrevo e você lê, escolhemos entre um infinito de possibilidades: isto. E, ainda assim, diferentemente, você e eu fantasiemos a realidade de forma distinta, inclusive, ao reler, talvez já ache uma grande balela boa parte deste escrito. Escolhemos, inclusive, os arquivos que serão reconhecidos como verdadeiros, destarte, toda e qualquer escolha, mesmo aparentemente solitária, são da ordem das contingências políticas: são instantâneas e reverberam. Escolhemos, mesmo que não necessariamente como sujeitos do conhecimento, pois, boa parte das nossas escolhas não faz parte da tradição consciente, são antes desconhecidas, inconscientes. Escolhemos, sobretudo, sermos sujeitos do conhecimento!

Teoria do arquivo e não somente uma teoria da memória – Derrida argumenta que a teoria da psicanálise se fundamenta no arquivo. O arquivo, diferentemente da memória, necessita de uma tecnologia para advir, isto é, o arquivo precisa de instrumentos que possam ser reificados como o papel, o livro, a tinta, a rocha (no caso das pinturas rupestres), a máquina de escrever, o computador e etc.; diferentemente da memória que faz parte das características biológicas de alguns organismos vivos. O arquivo é um instrumento, o objeto de escolhas, escolhas que são feitas e refeitas na confecção, na tentativa de manutenção e ressignificação dos arquivos. Existem vários âmbitos possíveis no que se refere às escolhas quanto aos “porquês” de documentar, retomar, resignificar e, talvez o mais importante, quanto ao o que não documentar, o que proibir, o que esquecer, ou ainda, o que se ausentará.

É possível ver semelhanças entre o “real” de Lacan, a “realidade” de Freud e a “realidade psíquica” de Derrida, pois estes termos se aproximam no que se referem às suas ausências, isto é, sem possibilidade de simbolizações, assim sendo, impossíveis de serem definidas, efêmeras. Estes termos se coadunam principalmente em relação ao instante, isto é, a contingência. Não há simbolização possível para o instante, todavia, a concepção de uma simbolização, enquanto a simbolização acontece, ocorre em um dado instante. O instante não pode ser imobilizado, ou simbolizado, ou imaginado, pois ele é movimento puro. Destarte, o instante não pode ser simbolizado, mas a simbolização de algo acontece num determinado instante – a simbolização não dá conta do instante, mas o instante dá conta das simbolizações. O instante em si não pode ser representado pela oralidade ou mesmo pela escrita, não pode ser representado, enfim, pela linguagem. Pois ao se tentar fazê-lo, se faz outra coisa, a saber,

constrói-se outro instante, e desconstrói-se ao tentar simbolizá-lo; isto poderia ser levado ao infinito.

O que não contém num dado arquivo, isto é, suas ausências se tratam também de escolhas políticas, tão importantes quanto o que se documenta. Assim como, as ressignificações, interpretações dos arquivos e, conseqüentemente, a criação de novos arquivos influenciados, conseqüentemente, por outros arquivos proporcionam a transformação do arquivo, o que evidencia que o arquivo por mais que aparentemente seja o mesmo, não é o mesmo. O esquecimento é uma constante ao documento em si, mesmo que superficialmente ele se mantenha, tanto suas páginas amarelam como as reinterpretações são infinitas.

Cada novo instante apresenta uma ação que mesmo que ela seja documentada é única; bem como o instante da escrita é único e cada releitura também é única; deste modo, o discurso, a documentação e a interpretação são da ordem da ação, especialmente no que se refere ao instante da ação. O documento não versa apenas em relatar um acontecimento ou escrever um roteiro, ele apresenta variadas formas de ação bem como existem outras tantas ações que não farão parte de um dado documento, visto que é um ponto de vista e não a totalidade das possibilidades, ou a verdade universal. Cada momento tem suas peculiaridades, deste modo, cada peculiaridade possibilita uma determinada configuração de ação, darei ênfase a três espécies de ação, que poderiam ser inventadas e seriam atemporais: a leitura; a escrita e o discurso. Elas são atemporais mesmo que datadas de um momento, de uma atualidade, pois estes quesitos serão também construídos através da ação.

Todas estas formas de ação são reverberadas infinitamente bem como esquecidas e transformadas. Deste modo, não é somente o ator que é agente, mas o escritor e o espectador, cada um ao seu modo, o que eles têm em comum é um dado arquivo, um objeto que media esta relação mutante e fantasmagórica. O arquivo seria uma espécie de *Ágora* para os gregos antigos, só que um pouco mais amplo, pois é através dele que discursos e diálogos atemporais e inimagináveis acontecem. Nos documentos estão contidas as disputas políticas pela condição de documentar este ou aquele ponto de vista; é onde as discussões políticas ocorrem numa relação temporal mais ampla do que a condição de quem vive, todavia, somente os vivos podem perceber enquanto vivos os atravessamentos que os tocam. E, sim, os mortos ainda estão de certa maneira vivos e sofrem mutações dos propriamente vivos.

A forma mais nítida de perceber a mutação dos mortos em nosso tempo (tempo dos vivos) é através dos arquivos, estes não são imutáveis, mesmo seus autores estando mortos, os

arquivos se movimentam, a cada releitura, a cada reinterpretação, dos que estão vivos, como numa conversa. O peso dos arquivos, especialmente, os arquivos que se propõem a serem os verdadeiros estão presentes no cotidiano dos que estão vivos, ainda que os documentos que não são reconhecidos como verdadeiros continuem presentes à espera de reinterpretações que possam colocá-los em uma condição de maior destaque. As disputas para determinar os arquivos que são identificados como verdadeiros são uma constante deste instante que perdura o período que consiste na nossa tradição. A estrutura binária é a marca deste instante que chamamos de tradição ocidental.

De certo, a tentativa de manutenção da permanência em um determinado estado é presente e resignificada, deste modo, o tentame da sustentação do instante proporciona o alargamento significativo de seu momento. E, por conseguinte, os instantes são variáveis, inclusive, nos tamanhos referentes aos seus períodos. Assim sendo, o instante de um dia é tão infinito quanto o instante de uma época, todavia, um grupo de infinito é maior que o outro, mas isto não diminui a condição de infinito para cada instante. Levando em consideração as possibilidades infinitas de determinados grupos, que podem ser agrupados arbitrariamente; o grupo que é atribuído ao grupo de documentos verdadeiros é infinito, mas trata-se de um infinito menor que os documentos tidos como falsos (não verdadeiros), e mais, o grupo de infinitos de espaçamentos, isto é, os que não são documentados ou de possíveis interpretações é ainda maior.

A pluralidade é efetiva mesmo que diminuída a uma estrutura binária. Ela é efetiva, pois, é mais forte do que a manutenção de um ponto de vista que se propõe a ser estático, a saber, a verdade. A estrutura de verdade, do discurso pontualmente vencedor, não consegue eliminar a pluralidade de pontos de vista, e, para tanto, desloca as opiniões que não são reconhecidas como verdadeiras para a condição de falsas. Deslegitimam-se as opiniões que não coadunem com a “verdade” e legitimam-se as opiniões que compactuem com a “verdade”, assim sendo, a verdade é variável de acordo com os interesses políticos compreendidos na sua atualidade, em outras palavras, jogos de interesses.

A pluralidade referente aos pontos de vista é patente, todavia, as disputas em relação ao domínio de determinados pontos de vista em detrimento de outros tantos pontos de vista são constantes. Assim nasce a verdade (com V maiúsculo), algum ponto de vista busca a hegemonia através das disputas que se dão. Logo, ao vencedor: a verdade. O argumento vencedor se torna verdadeiro e todos os outros pontos que não são determinados como

factuais por quem vence são identificados como menos verdadeiros, ou ainda, falsos. Assim, o que determinamos como verdadeiro, ou ainda, o que aceitamos como verdade, em geral, é a opinião que se constrói como verdadeira.

Este presente trabalho preocupa-se em repensar as histórias, tendo em vista, a pluralidade e as variadas possibilidades de reinterpretação. Para tanto, o verdadeiro deixaria seu trono e em seu lugar viria o verdadeiro como uma possibilidade e não como lei (nomos)⁷ obrigatória. Não se trata em propor uma inversão de ordem, mas pode se tratar disto também, tendo em vista que, tanto há condições, que esta discussão acontece; de todo modo, existem outras tantas questões e possibilidades além de propor uma inversão da estrutura. Em geral, as discussões, especialmente no ocidente, são perpassadas pelo crivo do que seja reconhecido como verdadeiro, e isto, em certa medida, pode ocasionar na confecção de uma estrutura binária, e que, em certa medida, inibe a criatividade.

Assim sendo, se trata de como este mecanismo que se propõe a ser a verdade bloqueia uma gama muito maior do que ela mesma, a saber, o falso. E, deste modo, a estrutura binária consiste em verdadeiro (modificando-se em metade, ou algo do tipo de um todo inventado) e falso (o infinito de possibilidades e impossibilidades para além do que seja constituído como verdadeiro); destarte, transformando em dois, o que poderia ser um trilhão. A estrutura do argumento da verdade não consegue eliminar a pluralidade, na tentativa de que isto aconteça: inventa o falso. E, assim, tudo que não é reconhecido como verdadeiro é falso.

As disputas referentes ao que será documentado e como será documentado são constantes. Assim sendo, não existe o jeito certo do que quer que seja; o que há é a disputa para determinar o que será verdadeiro, isto é, o que será reconhecido como verdadeiro. O que está definido como verdade não é imutável, deste modo, a cada instante existem disputas sobre o que será reconhecido como verdadeiro em meio aos vivos: são os vivos quem determinam a verdade, ou ainda, quais documentos serão elevados à condição de verdadeiro e quais serão reconhecidos como falsos.

Como pano de fundo às questões propostas para a discussão teórica nesta dissertação: a Guerra Civil Espanhola – evento que mudou significativamente (que não mudou tanto assim

⁷ Lei (nomos). A palavra ‘nomos’, usada pelos gregos, e que é traduzida por ‘lei’, tem várias significações: a de ‘uso’, ‘costume’, ‘convenção’, ‘mandato’ e com isso a de certa ordem. Entendia-se originariamente a lei como algo que regula as relações entre os homens. Deve-se a lei, primariamente, ao autor das leis, ao legislador. Com a li segue-se uma ordem; quando se trata da ordem das coisas, temos, como em Heráclito, a ideia de ‘cosmos’, sendo a lei, nesse caso, a lei divina de acordo com a qual são reguladas todas as coisas do universo, incluindo os homens. – FERRATER MORA, *Dicionário de Filosofia*, pp.1707, 1708, 2004.

oficialmente) a história recente do ocidente no século XX, especialmente porque ficou entre o “entre guerras” em relação à Primeira Guerra Mundial e à Segunda Guerra Mundial. Preferi escolher para esta dissertação um evento histórico que não representasse um marco hegemonicamente estabelecido, isto é, que não fosse consensualmente reconhecida sua importância histórica. O intuito desta proposta é de apresentar um ponto de vista histórico que não faça oficialmente parte facilmente dos principais eventos de um determinado período histórico, para deste modo, pensar sobre o que pode determinar que isto ou aquilo possa de algum modo, resumir um determinado período, contenda política, e etc.

George Orwell escreveu um livro a partir de um relato jornalístico/literário acerca da guerra civil na Espanha. Orwell, não ficou conhecido pelo livro *Homenagem à Catalunha*, mas por outros livros, como, por exemplo, *1984*, um livro que representa o combate contra o totalitarismo, mais precisamente contra os comunistas e a URSS (e o espírito de Stalin) e, na segunda metade do século XX durante a Guerra Fria entre União Soviética e os EUA, tornou-se um símbolo contra os russos. Preferi escolher, para esta dissertação, um livro que não se tratasse de uma primeira referência ao se pensar sobre um dado evento, assim sendo, *Homenagem à Catalunha* tornou-se um livro interessante para servir como referência para este trabalho.

Ao se pensar na primeira metade do século XX, três acontecimentos (curiosamente três eventos bélicos) vêm à tona, sendo eles: Primeira e Segunda Guerras Mundiais e a Revolução Russa, de certo, a Guerra Civil Espanhola não é lembrada num primeiro momento. Todavia, é possível observar nesta guerra, apesar de uma guerra civil, e, portanto, oficialmente interna, elementos dos três eventos bélicos reconhecidamente mais importantes da primeira metade do século XX interferindo diretamente do decorrer da guerra e, inclusive, não é difícil perceber a influência da Guerra Civil Espanhola diretamente na Segunda Guerra Mundial.

A vitória na Segunda Guerra Mundial pelos Aliados, frente composta principalmente por: Inglaterra e França – que não deram suporte bélico suficiente para os republicanos na GCE e preferiram a neutralidade na ocasião; por URSS – que estava mais preocupada em caçar os trotskistas e os dissidentes soviéticos, mas, ainda assim, apresentou muito mais apoio militar aos republicanos na GCE do que Inglaterra e França; e os EUA – que durante a Guerra Fria contra a URSS contribuiu significativamente com ditaduras militares, desde que as referidas ditaduras fossem suas aliadas e que os ajudassem a “caçar” comunistas, como

aconteceu em vários países da América do Sul, como, Brasil, Chile e Argentina, e como aconteceu com a ditadura de Franco na Espanha.

Os vencedores da SGM ou ajudaram menos do que poderiam, ou não ajudaram quase nada os republicanos, ou ainda, contribuíram posteriormente para a ditadura franquista. A Guerra Civil Espanhola é, porque não, o “calcanhar de Aquiles” do discurso em defesa da democracia dos países aliados, pois, além de não terem ajudado os republicanos, ainda, posteriormente foi oferecido apoio ao general fascista espanhol, que com ajuda dos principais países da Tríplice Entente, Alemanha e Itália (que ajudou muito mais do que França e Inglaterra), representados por Hitler e Mussolini, derrotou os republicanos.

Homenagem à Catalunha de George Orwell é um livro que evidencia a experiência do ponto de vista particular, a partir da experiência de Orwell é possível observar os eventos políticos e ideológicos na Europa ocidental na primeira metade do século XX, pensamentos que influenciaram também a segunda metade do século XX e, estão presentes no raiar do século XXI, levando em consideração uma possível linearidade dos instantes, isto é, referente a um ponto de vista possível entre tantos outros.

Advertência Sobre o Capítulo I

Talvez não seja necessária a leitura deste primeiro capítulo, especialmente, para quem esteja preocupado com a estrutura teórica desta presente dissertação. Todavia, os acontecimentos retratados no primeiro capítulo desta dissertação servirão de suporte para os pontos levantados nos capítulos seguintes. A título de dúvida: o primeiro capítulo deste trabalho apresenta um apanhado histórico sobre a Guerra Civil Espanhola, tendo em vista, o ponto de vista de historiadores pró-repúblicanos. Assim sendo, como em um jogo de tabuleiro, se preferir, avance até a página 68 desta dissertação.

Capítulo I - A Guerra Civil Espanhola: um olhar republicano

A Guerra Civil Espanhola foi oficialmente datada entre os dias 17 e 18 de julho de 1936, a partir do pronunciamento dos generais rebeldes e oficialmente concluída em 1º de abril de 1939, com a vitória dos militares. Esta não foi a primeira guerra civil da Espanha, muito menos foi a primeira guerra civil na História, também não foi a última, pois, outros países entraram em guerra civil ao longo do século XX. O que traz a magnitude desta guerra civil não é a internalização referente às suas fronteiras na Espanha; ou mesmo, referente às regiões que pretendem ser autônomas; ou ainda, a forte presença do pensamento cristão; ou até, a força significativa neste período dos sindicatos e do movimento anarquista. Estas forças e disputas são por si mesmas suficientes para que aconteça uma guerra civil, para que ela tenha relevância histórica significativa. Ainda assim, o que torna a Guerra Civil Espanhola significativamente importante e tão atual é o seu caráter internacional. Não se trata apenas da Espanha, ou dos espanhóis, trata-se das ideologias existentes e da disputa de interesses entre determinadas linhas de pensamento, entre determinadas inscrições em certas associações, e assim, variadas ações e discursos políticos.

A guerra civil na Espanha ultrapassou seus limites bem como foi invadida, ou ainda, atravessada por variadas formas de pensamento e por variados interesses além de suas fronteiras; as fronteiras geográficas, propriamente ditas do território espanhol, foram mantidas, mas não sem peleja. Nem a Catalunha, ou o País Basco, regiões que almejavam obter sua autonomia em relação à Espanha, conquistaram sua independência em relação ao Estado espanhol, após o seu término. Esta guerra civil ultrapassou seus limites, pois é possível observar o mapa estrutural das ideologias e dos variados interesses presentes na Europa e no mundo de forma clara presentes nela. Assim sendo, é possível observar que os acontecimentos políticos da primeira metade do século XX podem ser condensados na Guerra Civil Espanhola (antes mesmo do principal acontecimento da primeira metade do século XX: a Segunda Guerra Mundial). Por exemplo: as principais disputas ocorreram entre as organizações sindicais estruturadas nas principais cidades; organização anarquista; organizações comunistas; constituição de uma república; manutenção do ideário monárquico; defesa da tradição católica; ascensão dos militares; ascensão do fascismo e do totalitarismo. Além disto,

a Espanha sofreu interferência direta como da política externa: do nazismo, do fascismo, do comunismo, do capitalismo, do liberalismo, algo irresistível para a Espanha e para os espanhóis.

A Guerra Civil Espanhola, no que se refere a sua significação simbólica, não é posta no patamar ao qual deveria pertencer na História recente, principalmente, porque os eventos que ocorreram durante a guerra civil na Espanha puderam ser percebidos na Europa e no mundo. A Guerra Civil Espanhola interferiu não somente na Europa, por se tratar de uma guerra que teve reverberações globais, como discorre Gisálio Cerqueira Filho e Gizlene Neder, as reverberações desta guerra alcançou o Brasil e outras regiões do mundo:

A Guerra Civil Espanhola e a Espanha aparecem como catalisadoras dos conflitos nacional e internacional que opõem bons e maus. Neste particular, o esquematismo e o maniqueísmo foram permanentemente associados, no Brasil e no mundo, à Guerra Civil Espanhola”. (...) “Sublinhamos que a Guerra Civil Espanhola constituiu-se no primeiro marco internacional a definir clivagens ideológicas nacionais, tendo como pano de fundo o conflito socialismo versus capitalismo, ao longo do século XX. Outros embates foram travados tendo como foco outras situações de conflito (Coréia, Vietnã, Palestina, Cuba), onde tais clivagens estabeleceram-se pelo menos até a queda do Muro de Berlim, no início da década de 1990. Entretanto, a Guerra Civil em Espanha pode ser tomada como o primeiro caso a atingir dimensões internacionais.⁸

O século XX foi marcado pelo binarismo político e as guerras em torno da bipolaridade. Desde a Revolução Russa em 1917 o tal *espectro* que Marx afirmou rondar a Europa no seu *Manifesto Comunista*, no século XIX, tornou-se tangível no século XX, para a tristeza de muitos que se diziam democráticos. Posteriormente, devido a uma derrota muito sentida pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial, e tendo seu brio ferido desde então, o Nacional Socialismo surge como uma “onda de esperança” em construir uma Alemanha imponente para os alemães. Por outro lado, a Inglaterra perdia forças nas suas colônias e não era mais, mesmo ainda forte, a grande potência mundial que foi em virtude da Revolução Industrial. Paralelo aos países mais fortes da Europa, os EUA cresciam, mas o ano de 1929 foi devastador para o país e influenciou negativamente toda a Europa devido à quebra da Bolsa de Valores naquele país na ocasião.

⁸CERQUEIRA e NADER, 1999 p.16.

A crise de 1929 influenciou todos os países capitalistas e chegou até a Espanha, que não tinha uma grande economia em relação a outros países europeus. Em 1930 o primeiro ministro da Espanha, Primo de Rivera abdica do cargo e o rei Afonso XIII o substitui por Dámaso Berenguer. Berenguer pretendia governar por decreto, o que proporcionou, na ocasião, que alguns membros da direita, mesmo monarquistas, se organizassem contrários ao seu governo e, assim, criaram a Direita Liberal Republicana. Em 1931 cai a ditadura dos militares e a Segunda República ascende na Espanha. O rei, antes da queda, se refugiou em Paris.

Na Espanha, as lideranças políticas da Segunda República não souberam muito bem relacionar as questões econômicas complicadas ao redor do mundo com um governo republicano e ainda em 1931 era perceptível o alcance da crise de 1929 no país. Os republicanos pretendiam solucionar as questões relativas às propriedades de terras e melhorias das formas de trabalho rapidamente e isto ocasionou muita confusão e a resposta imediata do exército.

Além disto, a proximidade da Segunda República, mesmo que simbolicamente, com a Revolução Russa de 1917 foi repudiada pela direita espanhola, pelo exército e pela tradição religiosa do país. Sendo, certamente, a proximidade simbólica com a Revolução Russa o ponto fundamental para o discurso agressivo da direita espanhola, contudo, o principal motivo para a insatisfação da direita para como os republicanos era a perda do comando executivo do país. Estas questões proporcionaram desde o início da Segunda República a conspiração dos campos tradicionalistas para a sua queda. O novo não era bem-vindo, especialmente se o novo tinha em mente a supressão do velho: que o novo seja ele eliminado.

O discurso católico fundamentalmente maniqueísta defendia que existia na Espanha a luta do bem contra o mal: entre a cidade de Deus e a cidade de Satanás. A Espanha historicamente trata-se de um país essencialmente católico, especialmente, em virtude do período da Reconquista do território da Península Ibérica, na Idade Média, que havia sido dominada pelos mouros. Os séculos de disputa e a expulsão dos muçulmanos e, logo, a vitória católica contribuíram francamente para a construção da tradição católica como basilar da cultura na Península Ibérica. Os países da Península Ibérica ao longo das grandes navegações, e, posteriormente, proporcionaram que suas colônias de exploração portuguesas e espanholas foram influenciadas pela tradição católica. Os países da Península Ibérica desde as Cruzadas

não apenas defendem a tradição católica para si, mas propõe que ela seja universal, como o significado do nome “católico” representa⁹.

O anseio em manter a tradição entre os católicos e o ódio de parte da esquerda para o que representa o catolicismo na Espanha apresentou a inexistência de diálogo, entre os católicos e a esquerda. Toda essa animosidade entre as partes proporcionou aos católicos a defesa de que se deveria existir uma nova cruzada, se da primeira vez foi contra os mouros muçulmanos, desta vez seria contra os “comunistas ateus republicanos”. Por parte dos membros da esquerda, sobretudo, anarquistas e comunistas, a aversão ao catolicismo e ao discurso católico proporcionou o ímpeto em queimar e destruir igrejas, conventos e tudo mais que tivesse relação com a igreja. Os eventos anticlericais tiveram grave impacto no interior da Espanha e fora dela.

Niceto Alcalá-Zamora, (presidente da república, no período compreendido entre 1931 a 1936), estava a pouco tempo a frente do governo e teve de enfrentar a proclamação da República catalã e os eventos anticlericais de maio daquele ano. Havia também muitas dificuldades com as organizações anarquistas, que negavam a sua colaboração com a Segunda República e inclusive, sempre que possível, os anarquistas a confrontava abertamente. A república enfrentava graves e muitos problemas: os generais confabularam a derrocada da Segunda Republica logo em seguida ao seu pronunciamento. Em 1932 José Sanjurjo encabeçou o que seria o golpe militar em resposta a proposta republicana de reforma agrária na ocasião; entretanto não foram bem-sucedidos e Sanjurjo fugiu para Portugal e outras lideranças como o general Franco foram modificadas de postos. Franco foi transferido para as Ilhas Canárias.

Estava claro que a Segunda República não teria vida fácil em seu governo, seja pela pressão do exército, seja pela pressão do clero, ou mesmo pela desconfiança dos países ao redor da Espanha quanto a sua proximidade com a União Soviética, que, curiosamente, nem era assim tão próxima. A relação era sobretudo simbólica, principalmente para os opositores do governo. O governo não era comunista, tão pouco socialista, era antes, mais próximo do ideário francês, ou inglês do que um governo que se pretendia tornar socialista ou comunista. Inclusive, por isso mesmo, esta posição da Segunda República será fundamental para a sua derrocada, pois ela não tinha nenhuma inscrição significativa com alguma força externa à

⁹Católico: *adj (gr katholikós pelo lat)* **1** Universal. **2** Pertinente à religião católica. **3** Que professa o catolicismo. **4 fam** São e perfeito: *Não estavas ontem muito católico. sm* **1** O que segue a religião católica. **2** Primaz da Igreja Armênia e de outras igrejas asiáticas. Fonte: dicionário Michaelis.

Espanha que lhe desse suporte. Quando a Guerra Civil Espanhola eclodiu, nem França, nem Inglaterra, países mais próximos ideologicamente dos republicanos espanhóis tomaram uma posição a favor da República espanhola e preferiram a neutralidade, ou seja, temia a guerra que inevitavelmente se aproximava com os alemães, por isto a neutralidade em relação à guerra civil. Diferentemente de Inglaterra e França, Alemanha e Itália intervieram na guerra para o lado dos fascistas; os republicanos tiveram ajuda apenas da União Soviética.

As implicações conjunturais que proporcionaram a Guerra Civil Espanhola demonstraram a força política do exército, do clero e da tradição na Espanha, e em certa medida, demonstraram também a fraqueza do governo da Segunda Republica na ocasião. Mesmo a Frente Popular tendo ganhado as eleições em fevereiro de 1936, o que certamente foi uma derrota sentida pela direita, mas não uma derrota plenamente reconhecida pela direita. Assim, em 1936 outra tentativa de golpe militar foi orquestrada pelos militares espanhóis e desta vez foi bem-sucedida. Todavia, a esquerda não se reconheceu vencida e tratou de se organizar para retomar a república eleita. E, mais, para parte da esquerda, em especial, para os anarquistas, não se tratava de retomar o poder para a “democracia burguesa”, mas se versava em uma oportunidade de uma revolução. Todavia, nem a Republica, nem a Revolução tiveram êxito.

Ainda em 1936, internamente entre os defensores da república, mesmo após o início da guerra civil, o sentimento não era de derrota, mas de disputa, mesmo posteriormente quando conhecida a postura dos países liberais próximos em tornarem-se “neutros” em relação à guerra civil na Espanha, ou, ainda, com o pontual apoio russo, ou ainda, com a ajuda massiva da Itália e a suporte alemão para com o lado fascista; ainda assim, o ânimo da esquerda espanhola não foi destruído, nem com a tentativa de golpe militar, nem mesmo com o avanço das tropas fascistas. O historiador Pierre Villar comenta sobre o “triunfo” e o “fracasso” do golpe militar desferido em 1936:

En efecto, el golpe de estado triunfó, en el sentido de que privó a la República de casi todos sus cuadros militares; jamás gobierno alguno resistió en el siglo XIX un caso semejante. Pero el golpe de estado fracasó en el sentido de que el ejército no reconstituyó los poderes sino sobre una parte restringida del territorio; en las otras partes fue desarmado por la población y el gobierno no se consideró vencido, a pesar de la destrucción Del instrumento militar.¹⁰

¹⁰VILAR, P. 1978, pp. 44, 45.

A esquerda espanhola, diferentemente da direita, em alguns momentos fundamentais travou embate entre si, caso emblemático foi o ocorrido em Barcelona em maio de 1937. Enquanto a esquerda tinha que enfrentar os fascistas e disputas internas, a direita espanhola juntava força internamente e conseguia apoio significativo com italianos e alemães; enquanto isto, a esquerda, tinha suas disputas internas: os comunistas que compunham o governo republicano, preocupavam-se em perseguir os “comunistas dissidentes” (segundo os próprios comunistas dissidentes e os anarquistas), além disto, odiavam os anarquistas, que tinham o contingente de militantes maior do que os seus. Os membros do exército russo que estavam na Espanha, próximos ao PCE (Partido Comunista de España - Partido Comunista Espanhol), estavam muito preocupados em responder as demandas soviéticas, talvez mais do que defender a república espanhola.

Diferentemente das Brigadas Internacionais (a Internacional Comunista defende que foram os comunistas quem as criou, além disto, a maioria dos seus membros eram militantes ou simpatizantes comunistas, ainda assim, não se sabe ao certo como ela foi fundada) que enviaram mais de 40 mil brigadistas ao longo da guerra civil para a Espanha e, além disto, foi o principal apoio estrangeiro que a república recebeu. A URSS também enviou soldados, mas foram menos numerosos que as Brigadas Internacionais, além disto, os soviéticos tinham plenas condições materiais para enviar mais maquinário e soldados do que fez ao longo da guerra civil. Ainda assim, foram infinitamente mais solidários com a república espanhola do que França e Inglaterra que preferiram a neutralidade, como se isto não fosse dar apoio aos fascistas, e como se esta “neutralidade” possibilitasse a não iminência de uma grande guerra. De tal modo, as Brigadas Internacionais, simbolicamente, foram mais importantes para defesa da república, do que os governos de onde boa parte dos membros das brigadas se originavam.

A Guerra Civil Espanhola foi marcada pela complexidade de forças contidas nela, e isto possibilitou as disputas internas pelo governo, destarte, do lado republicano existiam duas batalhas, a primeira, obviamente, contra o fascismo, o nacionalismo, a tradição católica e a monarquia; a segunda disputa ocorria entre os partidos e organizações que compunham o governo republicano. Enquanto que entre os fascistas as disputas eram pessoais, isto é, quem seria o grande líder. Primeiramente se Sanjurjo, ou posteriormente, se Mola, ou se José Antônio Primo de Rivera (todos morreram durante a guerra) até que Franco fosse o

“escolhido”; entre os republicanos, é importante destacar que as disputas não se tratavam apenas de “nomes”, mas de ideologias.

Entre os fascistas apenas se agregavam linhas de pensamento: militares, cristãos, fascistas e monarquistas, uma não excluía a outra; diferentemente dos republicanos, que o importante era qual a inscrição do discurso, se socialista, anarquista, comunista ou republicana, isto demonstra porque a disputa do lado republicano se tornou mais acirrada, isto é, devido as próprias características estruturais da esquerda e da direita.

El Franquito

Francisco Franco tornou-se a principal personalidade ao se recordar a Guerra Civil Espanhola, devido ao fato de ter se tornado o principal general entre os generais fascistas, e com a vitória fascista na guerra civil tornou-se o “generalíssimo”; e, ainda, em consequência do extenso período em que foi ditador da Espanha, comando que foi cessado apenas devido a sua morte, por causas naturais em 1975.

Francisco Franco Bahamonde nasceu em 4 de dezembro de 1892 no município de Ferrol, situado no noroeste da Galícia, que por sua vez, situa-se à noroeste da península ibérica; faleceu em Madrid, no dia 20 de dezembro de 1975. Francisco Franco, ficou conhecido pela alcunha de “generalíssimo”, devido as suas decisões em meio a Guerra Civil Espanhola, e pela forma ditatorial e personalista ao qual dirigiu o governo espanhol; entre o período de 1 de outubro de 1936 à 20 de novembro de 1975, isto é, até o dia de sua morte. O franquismo foi o regime político implementado na Espanha no período entre 1939 a 1976. O governo de Francisco Franco teve início em primeiro de abril de 1939, dia que Franco assinou o documento que determinou o fim da Guerra Civil Espanhola e que oficializou o que seria o princípio da ditadura que ficaria conhecida por um adjetivo a partir do seu nome: franquista.

Franco não nasceu em uma família tradicional e com grandes posses, ou ainda, não teve um sobrenome que pudesse abrir portas e causar reverência alheia por onde passasse. O pai de Franco foi um comissário de bordo do serviço administrativo da Marinha em Ferrol, cidade onde Francisco Franco nasceu. Francisco Franco não tinha grande admiração pela figura paterna, talvez pelo patamar medíocre que o seu pai adquiriu na carreira militar e tudo que se referia a carreira militar era de grande valia à Franco. Uma carreira militar bem-sucedida certamente foi algo que Franco conseguiu ao longo de sua vida.

Realizada por Luis Franco de Espés, barón de Mora, ferviente admirador de Franco, la entrevista se centraba más en el “hombre famoso” que en la “mujer del hogar”. A la pregunta de si estaba satisfecho con ser lo que era, Franco respondió sentenciosamente: “Estoy satisfecho de servir a mi patria al máximo”. El barón le preguntó qué le habría gustado ser de no haber sido soldado, a lo que respondió: “Arquitecto u oficial de la marina. Sin embargo, a los catorce años entré en la Academia de Infantería de Toledo contra la voluntad de mi padre”. Era la primera vez que Franco indicaba alguna oposición paterna a que entrase en la Academia Militar, pero no hay razón para creer que su padre se opusiera y, de haberlo hecho, no cabe duda de que habría impuesto su voluntad. Al parecer, Franco intentaba poner distancia entre su querida carrera militar y su odiado padre.¹¹

Francisco Franco ingressou na Academia de Infantaria, porque a Marinha tinha fechado sua quota na oportunidade. Na Academia de Infantaria foi um cadete aplicado, mas não extraordinário. Além disto, Franco não tinha “feições” militares aparentes, pois era gordinho, baixinho, com poucos pelos na face e, ainda, tinha voz fina. Por causa destas características Franco foi bastante zombado por seus colegas de Academia, como por exemplo, o apelido que recebeu dos colegas: “franquito”.

Já como general, na África, conseguiu crescer rapidamente e em 1920 foi destinado ao comando da Legião Estrangeira como comenta Paul Preston:

En Marruecos había sido un disciplinario implacable y un individuo abstemio y aislado, con pocos amigos. A su regreso a la península pareció relajarse ligeramente, aunque siempre le obsesionaría la supremacía de la obediencia incuestionable y la disciplina. Se tornó más dispuesto a hacer la vista gorda ante la pereza o la incompetencia de sus subordinados, obteniendo lo mejor de colaboradores voluntariosos mediante la manipulación y las recompensas (...) Era un hombre de acción, obsesionado por su carrera militar y poco más. Sus primeros escritos militares son relativamente sinceros y están redactados con corrección y cierta sensibilidad hacia las gentes y los lugares. Por supuesto que era reservado y predispuesto por su experiencia militar, y particularmente por África, a ciertas ideas políticas, hostil a la izquierda y a los movimientos autonómicos regionales. Si algo leía sobre política, economía e historia reciente, era probablemente más para confirmar sus prejuicios que para ilustrarse.¹²

Franco era extremamente dedicado às suas ambições pessoais, tanto que foi conhecido no princípio da sua carreira militar como alguém inabalável, e, em certa medida, indiferente a

¹¹PRESTON, P. p. 57, 1994.

¹²PRESTON, P. pp. 56, 57, 1994.

qualquer questão que pudesse contribuir para a não concretização de seus interesses. Ele era conhecido como um homem muito cauteloso; não muito estudioso, mas aplicado; e extremamente ambicioso. Como comenta o general e historiador Carlos Blanco Escolá: “Franco era um hombre de exasperante lentitud, extremadamente cauteloso, rutinario, conservador a ultranza”.¹³

Franco nasceu em um ambiente voltado para os interesses da direita, da religião católica, do conservadorismo; e era neste ambiente que ele pretendia ser bem-sucedido, e ser bem-sucedido neste caso significa entrar para História. Apesar de ter sido, ao longo da sua vida, um grande defensor do pensamento da direita, do conservadorismo e ter inclinação para o catolicismo, não era um grande religioso, ou mesmo, um bom teórico da direita e, por consequência, um bom teórico do conservadorismo. Ele parecia não se importar com as estruturas do seu discurso, parecia importar-se mais em se tornar referência dentro do exército espanhol, ou ainda, preocupava-se mais em entrar para a História, e nisto, certamente, teve êxito.

O que parece nítido é que para Francisco Franco as questões mais importantes eram o poder e o prestígio. Possivelmente, se o tradicionalismo espanhol fosse muçulmano, talvez Franco defendesse Alá. O historiador Juan Pablo Fusi comenta sobre a opinião dos subalternos de Franco, membros da Legião, o viam: “Era un hombre introvertido, parco en palabras, y poco religioso en aquel entonces. A Franco se le conocía en la Legión como el oficial de las tres ‘emes’: ‘sin miedo’, ‘sin mujeres’, ‘sin misa’”.¹⁴

O Escolhido dos *Caudillos* Italiano e Alemão

Itália e Alemanha eram aliados naturais dos nacionalistas espanhóis. Logo, bem como os republicanos pediram ajuda militar a França, a Inglaterra e também a União Soviética; os nacionalistas pediram ajuda aos dois países europeus que anos mais tarde formariam a base do “Eixo”: Itália e Alemanha. Todavia, os países com aparente inclinação democrática informados acima: França e Inglaterra, não foram tão generosos com os republicanos, tal qual, Alemanha e Itália foram com os nacionalistas na Espanha.

¹³ESCOLÁ, C. B. p.21, 2000.

¹⁴FUSI, Juan Pablo. p. 26, 1985.

La propaganda republicana trató de demostrar más tarde -con ficheros del partido nazi procedentes del consulado alemán en Barcelona, incautados por los milicianos- que la intervención fascista había sido acordada de antemano y que los generales rebeldes no se habrían atrevido a dar el golpe de estado sin aquella garantía, pero, en realidad, tal garantía nunca existió. Las relaciones entre Alemania e Italia se habían hecho tensas a principios del verano de 1936 principalmente a causa de su rivalidad sobre Austria, y fue, justamente, su común ayuda a la España nacional lo que contribuyó a forjar el “eje Korna-Berlín”, denominación que Mussolini utilizó por vez primera el 1 de noviembre de 1936.¹⁵

Segundo o historiador Pierre Vilar, a Itália foi quem mais contribuiu com o lado franquista. A Itália enviou 70 mil “voluntários” pagos por Mussolini e Franco, além da emissão de aviões que foram importantes na guerra civil. Os alemães foram mais discretos e sua contribuição foi fundamentalmente de tipo técnico e sempre controlada por alemães. “A campanha de Catalunha foi, desde o ponto de vista técnico, a necessária experiência ‘motorizada’ antes das companhias de Polônia e França”.¹⁶

Mesmo a ajuda alemã sendo mais discreta em relação ao apoio italiano, a Alemanha contribui significativamente para a vitória dos nacionalistas e, certamente, contribuiu para o crescimento pessoal de Franco, em relação a sua liderança entre os generais rebeldes, principalmente após a morte de Sanjurjo, pois havia uma disputa não tão velada para quem seria o novo “generalíssimo” representante da falange espanhola.

Adolf Hitler recibió a los enviados de Franco en Bayreuth, tras asistir a la representación del Sigfrido. Allí Bernhardt y Langenheim expusieron al dictador alemán la situación de España y le entregaron una carta manuscrita del general Franco en la que éste explicaba a Hitler las razones del levantamiento militar y le pedía ayuda aérea y armamentística. Tras oír que Franco era el más capaz de todos los generales españoles y escuchar el relato de sus hazañas en África y su papel en el aplastamiento de la revolución de Octubre en Asturias, el Führer decidió enviar a Franco el material solicitado -doblando los aviones de transporte- por valor de cuatro millones de marcos. Hitler encargó al mariscal Goering y al ministro de la Guerra, general Von Blomberg, que lo dispusieran todo de inmediato. A la una y media de la mañana del 26 de julio terminó la entrevista. Hitler exigió a Bernhardt y a Langenheim que todo se mantuviera en el más estricto secreto e impuso la condición de que la ayuda alemana fuese a parar íntegramente a las manos de Franco y no a ningún otro general (en detrimento, sobre todo, de Mola, quien también había tratado, infructuosamente, de obtener ayuda alemana).¹⁷

¹⁵BEEVOR, A. 2005, pp.117, 118.

¹⁶VILAR, P. 1986 p.46.

¹⁷BEEVOR, A. 2005, pp.118, 119.

Emilio Mola foi o grande organizador da conspiração dos generais que acarretou o início da Guerra Civil Espanhola, conhecido como “El Director” devido a sua astúcia em organizar a rebelião dos generais. Foi quem esteve à frente dos preparativos e quem dirigiu a rebelião tecnicamente. Franco, por sua vez, considerava que a tentativa de golpe não triunfaria e, evitou comprometer-se a fundo com a conspiração. Franco, num primeiro momento não quis se envolver profundamente com o golpe militar, ainda assim, era visto por alguns dirigentes como um possível líder após a possível tomada de poder dos militares na Espanha.

Emilio Mola ficou conhecido como “el Directo” e José Sanjurjo como “el Jefe”, como comenta o historiador Antony Beevor: “El general Emilio Mola, el gran organizador de la conspiración que sería llamado el ‘Director’, Sanjurjo sería el ‘Jefe’ y el teniente coronel Valentín Galarza el ‘Técnico’”.¹⁸ Valentín Galarza, ou o “Técnico”, era quem assegurava a ligação entre Mola e Franco e na ditadura franquista, “El Técnico” foi subsecretário da presidência do governo, ou seja, trabalhou diretamente com Francisco Franco e foi seu subsecretário de governo.

Certamente o “Director” e o “Jefe” foram juntamente com Franco as personalidades mais influentes entre os generais nacionalistas, e curiosamente, apenas um sobreviveu ao fim da guerra civil. A morte do “Jefe”, isto é, de Sanjurjo, ao que parece, foi de um acidente, contudo há controvérsias acerca da morte de Emilio Mola, o “Director”, que era desafeto declarado de Franco pela disputa do poder entre os generais nacionalistas e ganhando a guerra, um deles deteria o poder do Estado. Curiosamente, tanto Sanjurjo, quanto Mola morreram em acidentes aéreos.

De todo modo, Mola propôs que Franco fosse o novo chefe de Estado e “generalíssimo” nas reuniões em final de setembro de 1936. A principal diferença com a versão oficial é o testemunho de piloto militar Jose Gonzalez Feo, recolhido pelo jornalista Vicente Talon, o piloto declarou ter atirado naquele dia contra um bimotor no município de Orduña, província do País Basco, mesmo tipo de avião em que viajava Emilio Mola quando sofreu o acidente e morreu. Na zona republicana circulou um rumor de que Franco tinha mandado assassinar Mola para se livrar de seu principal rival pelo poder do Estado entre os nacionalistas. Todavia, quando Mola morreu Franco já detinha o poder absoluto. Ainda assim,

¹⁸BEEVOR, A. 2005, p. 42.

no periódico “ABC de Madrid” foi informado que Mola iria presidir o primeiro governo que se formaria após a queda de Bilbao.

Mola esteve à frente do exército do norte da Espanha, mais precisamente no País Basco, região conhecida pelo lado dos membros da esquerda, pela grande influência comunista e também, pela influência anarquista. Os anarquistas detinham maior força na Catalunha, ainda assim, tinham significativo mando no País Basco; já os comunistas, estavam fundamentalmente nesta região, e assim, era onde tinham influência política nos sindicatos no território espanhol. A resistência republicana no País Basco foi intensa, e inclusive, mesmo após o término formal da guerra civil, ainda havia resistência dos comunistas na região. Este era o quadro em que Mola se encontrava. A resistência que Mola enfrentou na parte de cima do mapa espanhol foi muito mais intensa do que Franco teve que encarar invadindo o território espanhol a partir de Marrocos *à moda muçulmana* de outrora.

Franco mesmo não tendo que enfrentar diretamente a resistência republicana, que era mais forte na Catalunha e no País Basco, ainda que houvesse forte resistência em outras regiões, como em Madri, teve que enfrentar o isolamento político por estar em Marrocos. Isto o levou a necessidade de estabelecer contatos com o governo italiano e com o governo alemão, a fim de deter meios de transporte. Franco enviou Luis Bolín à Roma e, simultaneamente, conversou com o encarregado italiano em Tanger, mas sem grande sucesso na ocasião. Em seguida, Mola enviou uma delegação a Roma e pediu uma ajuda bem mais modesta que Franco. Ciano, genro de Mussolini, se interessou pela questão e enviou à Franco, num primeiro momento doze aviões. A partir deste momento Mussolini tornou-se aliado de Franco. Posteriormente, a Itália ainda se envolveria mais e criaria o *Corpo Truppe Volontarie* (Corpo de Tropas Voluntárias) que enviaram cerca de 50 mil soldados para ajudar os nacionalistas espanhóis durante a guerra civil.

Tanto Hitler como Mussolini, por distintas considerações estratégicas, julgaram conveniente apoiar o general Franco, que devido a isto, passou a ter melhores contatos internacionais que Mola. Posteriormente, Mola foi informado de que a ajuda militar alemã seria exclusivamente para Franco. Mesmo isolado politicamente em Marrocos, e sendo que sua transferência para a região ocorreu devido a uma punição da Segunda República por causa da sua participação na tentativa de golpe dos generais que foi fracassada em 1932, e assim, devido a esta punição que o retirou da Espanha foi que o levou num primeiro momento ao isolamento político. O que durou pouco, pois Franco exclusivamente conseguiu apoio de

Itália e Alemanha. Apesar de haver distintos interesses nos acordos com Franco, tanto Mussolini, como Hitler, apresentavam interesse significativo na região do Estreito de Gibraltar que fazia parte do território espanhol, para numa futura guerra com a Inglaterra construir bases no local. Se a Espanha já fosse uma aliada, tanto melhor. Destarte, devido ao fato de ser o general responsável pela região de Gibraltar, Franco teve a preferência de Mussolini e de Hitler.

O Início do Fim

A instauração da Segunda República foi datada em abril de 1931, apenas um ano após seu início, em 1932, os militares espanhóis tentaram efetuar um golpe de estado, tendo como liderança José Sanjurjo, na ocasião diretor da Guarda Civil. Sanjurjo foi o nome indicado para encabeçar o golpe de estado, por generais como Goded (chefe do Estado Maior do Exército), além do general Ponte e do general Orgaz. A tentativa de Golpe de Estado pelos generais fracassou.

No dia 16 de fevereiro de 1936 foi a última eleição em 40 anos na Espanha, ou seja, entre a época em que começou a Guerra Civil Espanhola e o período em que Franco governou o país não houve uma eleição sequer. O período eleitoral no ano de 1936 foi marcado pela postura agressiva no discurso tanto entre os defensores da direita, como entre os defensores da esquerda. Antony Beevor escreve que a liderança da frente popular, Largo Caballero disse: “Largo Caballero había dicho que si las derechas ganaban las elecciones, se iría a la guerra civil abierta. De forma nada sorprendente la derecha reaccionó con una actitud similar”.¹⁹; membros da direita, por sua vez, responderam o mesmo. O resultado das eleições de 1936 foi a vitória da frente popular por uma diferença de cerca de 150 mil votos, isto é, 2% a mais para a esquerda, em relação ao total de votantes, que a direita²⁰.

Em consequência da vitória da frente popular e a instauração do governo pelos republicanos, uma nova tentativa de golpe foi desferida por parte dos generais ainda em 1936, e, desta vez, teve êxito. Contudo, não sem resistência por parte da Frente Popular vitoriosa no

¹⁹BEEVOR, A, 2005. p.27

²⁰BEEVOR, A. 2005, p. 30

pleito eleitoral em fevereiro de 1936. E assim, teve início a Guerra Civil Espanhola que perdurou até o dia 1º de abril de 1939, quando teve oficialmente seu término.

Em 28 de março de 1938 foi o dia em que Franco, os generais, o exército, a falange, a igreja, a direita e o conservadorismo ocuparam a cidade de Madri, a principal cidade do país após a queda de Barcelona, além de ser a capital espanhola, o que representou o início do fim da Guerra Civil, como também o início do fim da esperança republicana na Espanha durante décadas. Barcelona havia caído em 26 de janeiro de 1938 e, em fevereiro 400 mil refugiados foram para a França. Ainda houve resistência ao norte da Espanha, por parte dos comunistas, mas com poucos armamentos, sem muitos combatentes e sem apoio estrangeiro significativo: não resistiram.

Ainda no início da rebelião dos generais, José Sanjurjo foi proposto novamente como o “generalíssimo” entre os generais. José Sanjurjo Sacanell nasceu em Pamplona, cidade basca no dia 28 de março de 1872. E, em março de 1938, estaria completando 66 anos, se não tivesse falecido em um acidente aéreo em 20 de julho de 1936 em Estoril, Portugal. Sanjurjo esteve exilado em Portugal, pois teve comutada sua pena de morte pelo governo da Segunda República devido a tentativa de golpe em 1932. Finalmente quando pode retornar à Espanha, o seu avião sequer levantou voo.

A segunda tentativa de golpe pelos generais espanhóis teve sucesso, contudo, Sanjurjo não se tornou o “generalíssimo” da Espanha, ao invés disto, Franco tornou-se o grande *caudillo* do exército espanhol, curiosamente num 28 de março, dia que seria o aniversário de nascimento de Sanjurjo. Franco além de ser ambicioso, tinha sorte.

Nova Cruzada

Os muçulmanos ingressaram na Península Ibérica pelo sul da Espanha através do Estreito de Gibraltar, no século VIII, mais precisamente em 711 pelo bereber Tarik, (por curiosidade, o nome “*Gibraltar*” é derivado em espanhol do nome em árabe *Jabal Táriq*, ou *Jab al-Tarik*, que significa “montanha de Tarik” e foi nomeada desta forma após o desembarque dos bereberés e do general Tarik na região), tal qual os islâmicos, o exército falangista (defensor da tradição e da igreja católica) liderado por Franco, séculos após a invasão “bárbara”, fez o percurso parecido.

Tanto Tarik, quanto Franco partiram com seus exércitos de Marrocos para o sul da Espanha aportando nas terras da atual comunidade autônoma de Andaluzia (nome derivado de Al-Andalus, que foi como os muçulmanos chamavam à Península Ibérica). Parte do Marrocos era dominada pela Espanha quando Franco e suas tropas preparavam-se para invadir pelo sul da península. Assim, muitos dos soldados de Franco eram muçulmanos, soldados esses que pensavam estar defendendo Alá, todavia, defendiam parte da cristandade espanhola.

Os falangistas ao comandar soldados muçulmanos diziam que a República era contra Alá; ao comandar soldados espanhóis diziam que a República era contra Jesus. O discurso para os combatentes variava de acordo com quem ouvia o que se discursava. Poderia ser Alá ou Jesus desde que fosse bom para alguns espanhóis. Estes espanhóis eram os membros do alto escalão do exército, do clero, donos de latifúndios, ou ainda, como continuidade dos pontos anteriores: deveriam ser conservadores. Conservar o que esta gama da sociedade espanhola entendia como primordialmente espanhol. Ou seja, a igreja, o nacionalismo, o exército e posteriormente, a coroa. O início do que é tradicional para os nacionalistas tem suas raízes com o princípio das Cruzadas, isto é, com a guerra santa cristã que se propôs a expulsar os muçulmanos do seu território.

O inimigo do nacionalismo cristão do século XX ainda são os estrangeiros, o que é exterior (nem todos certamente, porque alguns são convenientes) todavia, o perigo não vem do norte da África, como no período da Reconquista. O perigo vem da Europa e traja vermelho: é o comunismo. Mesmo que somente uma parte dos membros eram comunistas, ainda assim, segundo a propaganda nacionalista, tratava-se de uma luta contra o comunismo. Desta vez, uma parte do norte da África (uma pequena parte é bem verdade) estava sob domínio espanhol e naquela região Franco e seus subordinados se preparavam para a invasão aérea para o sul da Espanha.

Franco a princípio encontrava-se nas Ilhas Canárias, no dia 15 de julho, quando recebe o comunicado de que deveria se dirigir para Marrocos com a finalidade de comandar o Exército Espanhol na África, a data para a sublevação estava marcada para o dia 18 de julho. Na manhã do dia 18 de julho Franco proclama o estado de guerra em todo o arquipélago e, ainda na manhã do dia 18, Marrocos está sob o controle dos sublevados, no dia seguinte Franco aporta em Marrocos sem maiores problemas.

Os generais rebeldes não poderiam falhar em Marrocos. Pois tratava-se de uma base estratégica, devido a entrada pelo sul da Espanha e a proximidade com o Estreito de Gibraltar.

A proximidade com Gibraltar se tornou estratégica principalmente porque seus aliados, Alemanha e Itália, tinham interesses na região, por se tratar de um local engenhoso para ter uma base numa possível guerra contra a Inglaterra. E devido ao interesse alemão e italiano na região, Franco pediu alguns aviões para seus aliados, pois a passagem pelo mar seria quase impossível, devido a marinha espanhola, em sua maioria, ter permanecido ao lado dos republicanos.

A solução encontrada pelos rebeldes é o transporte das tropas do exército de Marrocos por via aérea, em direção à Sevilha. Conjuntamente, foram enviados soldados por navios, com a ajuda de bombardeiros italianos como cobertura, desta forma, os bombardeiros mantiveram os navios republicanos à distância. Ainda assim, a maior parte dos soldados nacionalistas do exército espanhol da África foi transportado por aviões. O que atribuiu à Guerra Civil Espanhola a primeira operação de transporte aéreo militar em guerra na História.

Os generais insurgentes não teriam grandes problemas na África, porque não havia mais do que alguns oficiais com ideias republicanas que poderiam ser neutralizados rapidamente, ademais, os homens que serviam aos generais rebeldes os obedeciam sem questionar a ordem para se juntar a insurreição. Aos soldados rasos marroquinos de origem muçulmana foi informado que a República era inimiga de Alá. E os trabalhadores espanhóis que viviam em Marrocos, estes estavam desarmados e tinham pouco contato com os nativos africanos, além disto, foram mantidos totalmente isolados dos acontecimentos na Espanha. Devido a essas condições a campanha de Franco para invadir a Espanha pelo Sul foi um sucesso. Também não é todo dia que Alá e Jesus Cristo juntam forças em prol de um ideal. Franco definitivamente é um abençoado!

Diferentemente dos muçulmanos, no período da Reconquista, que nunca conseguiram conquistar o norte da Península Ibérica, os nacionalistas do Exército do Norte, liderados pelo General Emilio Mola, tiveram êxito na sublevação nas regiões da Galícia, Castilha e Leão, Navarra, Alava e Aragão. Mola se tornou o encarregado para dirigir as operações militares contra as regiões que se mantiveram fiéis a república ao norte do país. Todavia, encontrou grande resistência em Bilbao, capital do País Basco. Guernica, cidade conhecida como capital cultural para os bascos, foi alvo de um forte bombardeio com aviões alemães e que foi orquestrado por alemães e italianos, serviu fundamentalmente para dar experiência para combates aéreos para os futuros membros da Tríplice Entente. Todavia, o ataque mesmo tendo destruído significativamente a cidade, não teve para Mola grandes benesses, pois

reforçou a atitude de resistência dos bascos. Quando finalmente a resistência basca retrocedia, Mola morreu em um acidente aéreo. Dias depois da morte de Mola, Bilbao foi conquistada pelos nacionalistas. Os bascos resistiram, ao menos, para que Mola não tivesse o sabor de ver Bilbao cair.

Assim, as investidas fascistas ocorreram pelo norte liderados pelo general Mola e pelo sul liderados pelo general Franco. Mola enfrentou muito mais resistência do que Franco. E devido a vitória, por assim dizer, de Franco em relação à Mola, já em meio à guerra, Franco se tornou a principal liderança entre os rebeldes. Após a morte de Mola não há mais nenhuma contestação, mesmo em pensamento, que o generalíssimo da Espanha, com a vitória fascista, seria Franco. Diferentemente de Tarik que não governou por muito tempo a Península Ibérica, pois teve que retornar à Damasco, Franco governou a Espanha até o último dia de sua vida.

Cristianismo na Hispânia

Por quase oito séculos, a Península Ibérica foi dominada pelos muçulmanos, somente em 1492 o último rei muçulmano se rende aos reis católicos e tem fim o período da Reconquista, mesmo ano em que Cristóvão Colombo desembarca nas Américas. O período da Reconquista e conseqüentemente a vitória sobre os mouros implicaram na influência estrutural da igreja católica na Península Ibérica, época em que o cristianismo resistiu contribuiu para que ele se tornasse mais forte, tanto no que se refere a política, quanto em relação a cada espanhol intimamente. Tanto a adoração ao cristianismo, como o ódio para com a igreja católica (que será marcante entre os membros da República em meio a guerra civil na Espanha no século XX), são implicações de um país significativamente influenciado pelo pensamento e a estrutura cristã.

Mesmo com a ampla vitória do cristianismo sobre o islamismo no território espanhol, ainda existiam muitos muçulmanos na região, ao final do século XV e início do século XVI, que permaneceram no território mesmo após a derrota árabe. Ainda antes da vitória católica plena na região da Península Ibérica, a grande quantidade de não cristãos, em especial, judeus e também muçulmanos na península, incomodava a massa cristã. A solução encontrada foi a de converter quem não fosse adepto ao cristianismo em cristãos. E assim, surgiram os cristãos-novos, todavia, esta solução não foi suficiente, pois os novos convertidos, com alguma frequência, exerciam seus cultos antigos mesmo eles sendo proibidos, além disto,

existia um agravante político importante que contribuía para o mal relacionamento dos cristãos-novos com os cristãos-velhos (ou cristãos puros, porque eles eram os cristãos que nasceram cristãos, de pais cristãos), pois geralmente os judeus, bem como, os muçulmanos eram intelectualmente mais instruídos que o católico comum, e por causa disso acabava ocupando posições de destaque dentro da própria da estrutura católica.

Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão expulsaram todos que não se converteram à religião cristã, pois não desejavam mais a influência de mouros e judeus nas cortes. Isabel, primeiramente, representava a ordem monárquica, ou ainda, os cristãos contra judeus e mouros; em um segundo momento, Isabel I juntamente com seu marido Fernando IV representavam a unificação espanhola, a junção entre os reinos de Castela e Aragão, este casal terá a alcunha de “reis católicos” dado pelo Papa Alexandre VI. Os “reis católicos” foram os primeiros que tiveram este título, algo que permanece, inclusive, ainda vigente, pois a atual dinastia espanhola reinante, não abdicou deste título, mesmo que não o utilize, ainda assim, os reis espanhóis em vigência podem ser chamados oficialmente por “Sua Majestade da Espanha”.

A partir do reinado dos reis católicos, Portugal criará um império próprio e a Catalunha desaparecerá como potência. Começa o período da aventura colonial, da ânsia pela conquista de novos territórios e propagação do cristianismo. Igualmente, começa a caça aos hereges, especialmente, mouros, judeus e posteriormente, ciganos, com a implementação da Inquisição Espanhola. No que se refere ao período de colonização, para os espanhóis, a concepção territorial e religiosa da expansão é maior que a ambição comercial e econômica. Desta forma, Espanha expande suas conquistas levando consigo a marca da tradição.

Na primeira metade do século XIX a Espanha é marcada com o início do carlismo. Carlos Maria Isidoro, auto intitulado Carlos V, abre disputa pelo trono da Espanha com Isabel II, devido a morte de Fernando VII, irmão de Carlos V e pai de Isabel II, no que foi conhecida como a Primeira Guerra Carlista. A Primeira Guerra Carlista teve início em 1833 e durou até 1840, com a vitória isabelina. A monarquia espanhola dividiu-se em duas, na oportunidade, de um lado, os partidários de Isabel II defendiam as reformas liberais-burguesas, que estavam em curso na Europa devido principalmente a Revolução Francesa e a Revolução Industrial; por outro lado, Carlos V, e seus correligionários, defendiam o catolicismo-monárquico e o tradicionalismo.

Destarte, uma nova contenda sobre a sucessão da coroa teve início, em razão da abolição da Lei Sálica de 1713 que excluía as mulheres do trono, pelo então rei Fernando VII, graças ao nascimento de sua filha. Fernando VII estava já no seu quarto casamento quando finalmente conseguiu um sucessor para o trono, todavia, nasceu uma menina, assim, ele aboliu a lei que previa a proibição de uma rainha governar. No ano de nascimento de Isabel, em 1830 a lei foi modificada; apenas três anos depois Fernando VII vem a falecer, o que proporciona a guerra pelo trono.

Para além da questão de sucessão entre monarcas existia um conflito político entre o lado que congregava as altas patentes do exército, da igreja e do Estado, além de aglutinar também os liberais que se formavam na Espanha tinham em mente a modernização do país e o alinhamento com o restante da Europa, esta era a composição dos defensores da infanta Isabel; do outro lado, com Carlos V estavam os tradicionalistas, os que não defendiam a revolução liberal, formados pelos produtores rurais, pela nobreza rural, pelo baixo clero, e para aqueles que o ideário liberal significava apenas o aumento de impostos. Deste modo, o contexto do conflito apresentou-se como o conflito entre campo e cidade. Carlos defendia o absolutismo e imobilismo absoluto, intimamente relacionado à tradição monárquica cristã, e defendia o lema: “Deus, Pátria e Rei”. O movimento carlista perdurou fortemente na Espanha até a morte de Francisco Franco, ou seja, de 1833 a 1975.

As Frentes de Direita

A frente de direita CEDA (Confederación Española de Derechas Autónomas – Confederação Espanhola de Direitas Autônomas) foi uma junção composta por partidos de direita com inclinação católica, constituídos de monárquicos e carlistas, criando, destarte, a frente nacional contrarrevolucionária. O congresso de fundação ocorreu nos dias 27 de fevereiro a 02 de março de 1933, cerca de 400 delegados participaram do congresso representando mais de 700 mil filiados. A organização, imediatamente, em seu nascimento demonstrava força significativa.

Nas eleições de 1936 para o governo geral, a CEDA foi o partido mais votado singularmente, o que não foi o suficiente para ganhar as eleições, porque a Frente Popular, formada por republicanos, socialistas, anarquistas, isto é, a esquerda unificada, foi vitoriosa no total dos votos. A sua derrota e a não participação do governo proporcional a sua votação

deixaram os cedistas enfurecidos, muitos saíram da organização e foram para a Falange de la JONS, pois desejavam uma postura mais radical da CEDA, o que não aconteceu objetivamente. A Falange de la JONS tinha uma atitude muito mais prática e violenta do que a CEDA, o que parecia bem mais interessante para os derrotados nas eleições que haviam ocorrido. Desta forma, a organização liderada por José Antônio Primo de Rivera (filho do ditador dos anos 1920), Ernesto Caballeros e Ramiro Ledesma, começou a crescer e tornar-se influente na Espanha. Na mesma eleição em que a CEDA recebeu grande quantidade de votos, a Falange de la JONS teve uma votação pífia. O crescimento da FE de la JONS ocorreu após o período eleitoral.

Os membros da direita, em geral, repudiavam o parlamentarismo, especialmente, a Falange de la JONS que tinha clara inclinação fascista, e, inclusive recebiam ajuda financeira de Mussolini; além da ajuda financeira dos fascistas italianos, a organização recebia ajuda financeira de RE (Renovación Española – Renovação Espanhola), composta por monárquicos carlistas, e, devido a esta ajuda financeira foi acordado entre fascistas e monarquistas que a monarquia seria recomposta com a vitória da direita; além disto, a FE de la JONS se juntou aos generais Mola, Franco e Goded que organizaram e orquestraram a tentativa de golpe militar em 1936 e foram os líderes do lado fascista em meio a guerra civil. Basicamente a composição da direita espanhola: fascistas, militares e monarquistas que tinham como pilar estrutural de seus discursos o cristianismo, e, portanto, a igreja católica deu a alma a este campo político.

Em 19 de abril de 1937, Francisco Franco auto intitulado Generalíssimo dos exércitos sublevados e Chefe de Estado cria o Decreto de Unificação que visava à conglomeração dos partidos de direita, pois Franco já pensava na necessidade institucional de pertencer a um partido, destarte, a unificação das direitas no chamado “bando nacional”, denominada FET y de la JONS foi a solução encontrada para criar uma ideologia para ditadura franquista.

Independentismo na Península Ibérica

Durante o período da Reconquista ocorreu a criação do reino independente de Portugal e a criação do reino de Espanha, haviam diversos reinos no território que ficou compreendido o reino de Espanha e sua unificação ocorreu de forma gradual. Portugal foi a primeira região da Península Ibérica a tornar-se um reino independente, isto ocorreu no ano de 1139, mas foi

reconhecido formalmente no ano de 1143. Portugal era um núcleo burguês, isto é, uma república mercantil, como as cidades italianas naquele período; além de Portugal, Catalunha e Valencia tinham características mercantis na Península Ibérica. Esta característica mercantil, em algumas localidades, teve início justamente no século XII, isto é, período em que Portugal tornou-se reino independente do restante da Península Ibérica. O século XII ficou conhecido também como o período do nascimento das cortes, mesmo que sua plenitude tenha ocorrido apenas no século seguinte, ou seja, no século XIII juntamente com o triunfo do mundo cristão. Durante o século XIII, Valencia, Mallorca, Aragon e Catalunha juntaram-se e separaram-se durante séculos de tendo em vista as uniões matrimoniais e das sucessões familiares. Além das uniões e separações em razão dos acordos nas cortes, as guerras contra os mouros favoreceram as tentativas de independência, como por exemplo, a independência de Portugal e a separação de Castela de Leão. Todavia, somente em 1640, Portugal torna-se completamente independente da Espanha. Ainda assim, já em 1297 torna-se um Estado-nação, inclusive, o mais antigo da Europa.

A Espanha da Reconquista, entre o período de 711 a 1492, teve por característica uma sociedade em combate permanente, como comenta o historiador Pierre Vilar:

La presión de las necesidades, em un país pobre y de población creciente, hizo en todas partes de la Reconquista una empresa de colonización permanente, a la vez que una guerra santa. La sociedad medieval española se fundó sobre esa necesidad de expansión, y sobre ese impulso de fe.²¹

A postura de resistência dos cristãos na Península Ibérica devido a invasão muçulmana do seu território proporcionou o espírito de luta constante e proporcionou também o ímpeto para a expansão da cultura cristã. Todavia, os reinados que se mantiveram e posteriormente se consolidaram internamente na península também disputavam o poder entre si em vários períodos, pois em vários momentos na história da Espanha se pelejou pela autonomia de algumas de suas regiões.

O império árabe de Al-Andalus, ou seja, da Península Ibérica, teve início após a expulsão dos visigodos, povos germânicos convertidos ao cristianismo, que tinham relações com o Império Romano, este que no início do século VIII já estava em plena decadência. Algumas décadas após a conquista muçulmana na península, no final do século IX, o Império

²¹VILAR, P. 1978, p. 6

Carolígio avança até a região da Catalunha, com apoio da população autônoma das montanhas, e constrói uma fronteira político-militar entre o seu império, o império árabe e os Pirineus, denominada de Marca Hispânica. A Marca Hispânica, diferente de outras fronteiras carolíngias, não tinha uma estrutura administrativa unificada própria. A princípio, para governar estes territórios, os franceses designaram alguns condes de origem francesa, outros autônomos, o fundamental a era que fossem fiéis a coroa. Durante o século IX, os condados que constituíam a extensão da marca Hispânica, foram se consolidando e foram adquirindo cada vez mais autonomia, ao mesmo tempo o Império Carolíngio entrava em crise e não tinha plenas condições de resolver os problemas de comando com a região fronteira entre os árabes. Assim, alguns territórios se aproximaram dos estados vizinho muçulmanos e criaram boas relações com eles.

Com o tempo, as relações de dependência com a monarquia francesa foram diminuindo, e foram se consolidando a partir da afirmação de direitos de herança entre as famílias que constituíam os condados. Assim, isto possibilitou que um processo de unificação dos condados fosse possível até formar centros políticos mais amplos. No final do século XX, Barcelona foi atacada pelos árabes, que saquearam a cidade, o então conde de Barcelona Borrell II, espera a ajuda da coroa francesa na ocasião, o que não acontece. Alguns anos após ao ocorrido, a dinastia carolíngia foi substituída pela dinastia Capeta em 988, e o ainda conde de Barcelona Borrell II não presta o juramento de fidelidade ao rei francês. Simbolicamente, este é um momento primeiro da independência do condado de Barcelona.

A “Diputació del General del Principado de Catauña”, mais conhecida como “Generalitat de Catalunya”, teve início nas cortes em Monzón no ano de 1289, com o propósito de arrecadar, tributos ao rei. Este imposto era conhecido popularmente como “generalitat”. Durante o reinado de Jaime I o Conquistador, o rei de Aragão convocava reuniões com os representantes dos estamentos sociais da época. Posteriormente, no reinado de Pedro o Grande, as cortes catalãs tomaram forma institucional, a corte passou a se reunir todo o ano. Contudo, somente no reinado de Afonso III o Liberal, que tinha pretensões nos condados do mediterrâneo, e isto provocou na nobreza aragonesa algum receio. Desta forma, os estamentos sociais das cortes de Barcelona e de Valencia pretenderam reforçar o poder do monarca contra o poder dos nobres de Aragão com a criação da Generalitat.

Entre o início do século XIV ao início do século XVI, Catalunha mergulha numa fase decadente. A princípio, a união com o reinado de Aragão possibilitou que a principal cidade

da Catalunha, Barcelona, se tornasse uma cidade iminente entre as principais cidades mercantis do período medieval. Todavia, O reino de Aragão estreitou suas relações com Valencia, e esta cidade se tornou a rota comercial do reino aragonês em substituição à Barcelona. Este período sombrio para a Catalunha tem início junto ao reinado de Pedro IV o Cerimonioso, que foi caracterizado como um período com graves tensões bélicas que eclodiam no reino espanhol e segue até o século XVI.

Na ocasião compreendida entre 1462 a 1472 foi deflagrada uma guerra civil catalã na Coroa de Aragão que já era esperada, pelo poder da coroa. Durante o século XV Catalunha, e sua principal cidade Barcelona, perderam peso político na confederação aragonesa em favor de Valência, que crescia sua influência e que se construía como o motor econômico e cultural da monarquia espanhola, isto contribuiu para que houvesse a guerra civil catalã. Este foi um período de grandes epidemias que contribuíram para a diminuição da população da Catalunha significativamente o que afetou diretamente o campo, ocasionando uma crise agrária. Após o término da guerra a Generalitat teve grande desprestígio. E com sua estrutura social abalada, Barcelona não mais competia com outras potências europeias e com Castilha. A partir do século XVI, Barcelona deixa de ser a grande cidade que fora durante o período medieval.

O pior período para a Catalunha até então, chegaria entre os séculos XVI e XVIII quando houve a Guerra dos Segadores ou Sublevação da Catalunha, esta ocorreu entre os anos de 1640 até 1652. A declaração de guerra de Luis XIII da França a Felipe IV rei de Espanha em 1635 (declaração de guerra em meio a Guerra dos Trinta Anos, referente a Guerra franco-espanhola), proporcionou que a Catalunha ficasse entre este conflito, devido a questões geográficas. Assim, a Sublevação da Catalunha teve início devido ao incômodo das tropas espanholas na região e as mazelas que ocorreram devido a Catalunha ser o terreno onde ocorreu o conflito propriamente. A Sublevação da Catalunha ficou marcada pela revolta dos mais pobres contra a nobreza e os ricos das cidades, isto é, contra a oligarquia catalã. A sublevação se transformou numa legítima revolução social de um lado a autoridade do rei, do outro o radicalismo dos súditos mais pobres.

Sobre o movimento independentista na Península Ibérica no século XVII, segundo Pierre Villar:

Portugal se sublevó. Y Cataluña se ofreció a Francia. Com este doble incidente, el año de 1640 evidencia uno de los defectos de contrucción del edificio español. La unidad 'organica' entre las provincias no podrá

obtenerse, cuando ya la decadencia siembra los gérmenes de descontento. El recuerdo de las gloriosas independências medievais renacerá periódicamente²².

Em 1640 Pau Claris proclama a república catalã à frente da Generalitat de Catalunya. Em 1641, a Catalunha anuncia que se tornou uma república independente sob a proteção da França, todavia, dias depois a região se remete voluntariamente ao governo francês e proclama como conde de Barcelona e soberano da Catalunha Luis XIII, que se torna Luis I de Barcelona. Catalunha continuou sofrendo com a guerra entre os reinados de Espanha e França até 1659, data do fim da Guerra franco-espanhola, que foi o desdobramento entre França e Espanha da Guerra dos Trinta anos que teve seu término em 1648.

Em consequência do desinteresse francês pela Catalunha, Felipe IV de Espanha, em 1651 assedia a região que se entrega no ano seguinte. Barcelona reconhece Felipe IV como seu soberano e tem fim a Sublevação da Catalunha. Em 1659 França e Espanha assinam o Tratado de Pirineus que, entre outras questões, separa a cidade de Perpinhã da Catalunha que passa a fazer parte do reino francês. Cada aniversário do tratado, no dia 7 de novembro, os catalãs manifestam-se em Perpinhã, que desde 2008 tornou-se a capital cultural catalã.

A Guerra de Sucessão Espanhola teve início em 1701 devido a morte de Carlos II sem deixar herdeiros. Carlos II encontrava-se doente há alguns anos e sua morte era iminente, ele não teve filhos, sem herdeiros legítimos, pretendia passar a coroa para José Fernando de Baviera, mas foi frustrada devido a morte prematura do menino em 1699, aos seis anos de idade. Deste modo, a coroa espanhola tornou-se local de grande disputa em quase toda a Europa. Existiam duas forças políticas interessadas no trono espanhol, na oportunidade, os Habsburgos, da casa de Áustria e os Borbóns da França. A Catalunha apoiou a casa de Áustria, tornando-se assim, adversária dos castelhanos e dos franceses, que naquele período tinham grande prestígio e poder na Europa. Desta forma, Catalunha se viu cercada (novamente), devido as características geográficas, pela pressão inimiga vinda da França e da região de Castela.

Carlos II foi o último rei dos Habsburgo, na Espanha, pois com o término da guerra e a vitória de Felipe V, este se tornou o primeiro Borbón a ser consagrado rei da Espanha. A Catalunha mesmo após o término formal da Guerra de Sucessão manteve-se relutante à Felipe V e por mais de um ano se opôs à sua coroação. No período entre julho de 1713 a setembro de

²²VILAR, 1978, pp. 11 e 12.

1714. No mesmo dia que as tropas imperiais abandonaram a Catalunha, em 9 de julho de 1713, a Generalitat de Catalunha proclamou a resistência. Em março de 1714 Felipe V afirmou que numa iminente vitória não pretendia abrir concessões a Catalunha e a Mallorca em relação à “Nueva Planta” que tratava de garantir que os Estados rebeldes implementada em 1707, que Valencia e Aragão não mais seriam Estados. Felipe V alegava que isto era necessário para manter sua autoridade como rei e para que servisse de exemplo contra possíveis futuras rebeliões.

Com a morte da rainha Ana da Inglaterra, seu sucessor, Jorge I resolve dar mais atenção ao “caso dos catalães”, todavia, tardiamente, pois em 11 de setembro de 1714 cai o último reduto de defesa da Catalunha e finalmente tem fim a resistência naquela ocasião. Todavia, a resistência catalã não terminaria com a tomada do Castelo de Cardona, em 11 de setembro de 1714, ao contrário, o sentimento de resistência se tornaria parte fundamental da construção do povo catalão até os dias atuais.

Em todo jogo do time de futebol Barcelona F.C. aos 17 minutos e 14 segundos do primeiro e do segundo tempo a torcida catalã faz menção à resistência da Catalunha frente aos castelhanos e franceses que se uniram em torno da dinastia Bourbon e seu representante, Felipe de Anjou, que se tornaria Felipe V, ao derrotar uma considerável parcela da Europa e, já com características de guerra civil, derrotar Catalunha e Mallorca últimos locais a serem conquistados, em meio a Guerra da Sucessão Espanhola.

Ao final do século XIX, surgiu o movimento na Catalunha denominado em catalão como “Reinaxença”, que teve como característica o início das reivindicações do catalanismo, fundamentalmente, no que se refere à esfera institucional. Em 1914 a Mancomunitat foi fundada, e este foi o primeiro organismo administrativo da Catalunha. Não perdurou por muito tempo, pois em 1923 foi dissipado pela ditadura de Primo de Rivera. Posteriormente, com o início da Segunda República, em 1931, a Mancomunitat pode voltar a exercer suas funções administrativas. E em 1932, tem aprovado seu estatuto e é eleito como presidente da Generalitat da Catalunha Francesc Macià.

Diferentemente do restante da Espanha que predominavam os velhos modos de vida, na Catalunha, a burguesia se mostrava ativa. Esta característica marcante neste período somada ao desejo de independência que se configurava entre as características de ser catalão contribuíram para o movimento de autonomia da Catalunha, na oportunidade.

El problema nacional fue al fin resuelto, no sin, inquietud. Maciá había proclamado, el 14 de abril (1931), 'la República catalana', lo que excedía al Pacto de San Sebastián. Mediante una transacción se resucitó el viejo término de Generalitat catalana. Cataluña votó casi unánimemente su Estatuto. La discusión en las Cortes fue bastante difícil, pero Azaña logró la decisión con un sólido discurso. El estatuto daba a Cataluña gobierno, parlamento, administración, justicia, presupuesto y cultura. Los catalanes estaban ampliamente preparados para la experiencia. Pero los delicados problemas de orden público (¿dispondría Cataluña de su policía?) y del traspaso de servicios prolongaron la controversia. Los vascos elaboraron entusiásticamente su estatuto. ¿Cuántas regiones harían lo mismo? Por ironía, los castellanos hablaban de presentar un estatuto de Castilla. El unitarismo se convertía en excelente plataforma de oposición.²³.

No governo da Segunda República, presidido por Alcalá-Zamora ocorreu a Revolução de outubro de 1934, a proposta de revolução ocorreu em virtude da indicação de alguns ministros da CEDA para comporem o governo; o que deixou o PSOE e a UGT (frente sindical muito próxima ao PSOE) enfurecidos. Assim, o PSOE, a UGT e algumas juventudes socialistas propuseram, liderados por Largo Caballero (que anos depois viria a presidir a república), a Guerra Geral Revolucionária. Na oportunidade, a CNT se absteve de dar apoio à convocatória, apenas esteve presente em Astúrias. Na Catalunha, durante o mês de outubro de 1934, ocorreu a Proclamação do Estado Catalão pela Generalitat de Catalunya, presidida por Lluís Companys. Todavia, a República Catalã durou poucos dias e foi contida pelo exército da Segunda República.

Se o argumento do lado republicano também perpassava pela autonomia da Catalunha em relação ao restante da Espanha, argumento este que constituía na autonomia administrativa, parlamentar, jurídica e cultural, sendo a Catalunha a região da Espanha mais desenvolvida industrialmente, no princípio do século XX, sua separação do restante do país poderia acarretar ainda mais no distanciamento político da Espanha em relação aos países europeus influentes no período. Assim sendo, a defesa da manutenção das regiões do país como membros de uma "coisa" só, parecia razoável para boa parte das regiões espanholas e certamente, para os setores da elite política e financeira do país. Logo, a contrapartida do argumento de autonomia da Catalunha seria acompanhada da defesa da união da Espanha numa só Espanha, argumento este muito conveniente para os nacionalistas e fascistas espanhóis.

²³VILLAR, P. 1978, P. 39.

Catalunha foi o último reduto de resistência e, simbolicamente, a sede da resistência à esquerda em meio a Guerra Civil Espanhola. Tiveram grande pujança Madri e País Basco, em ambas as regiões o lado republicano esteve presente e resistiu bravamente, todavia Catalunha, tornou-se, mesmo após a Guerra Civil, no governo franquista, a região que simbolizava a própria Guerra Civil Espanhola, visto que a guerra em si foi um movimento de resistência ao golpe militar. Posteriormente, com o final da guerra civil na Espanha e a derrota do lado republicano, a Catalunha, mais uma vez, perdeu sua autonomia. E mais, após a vitória de Franco, a língua catalã se tornou proibida e as expressões culturais que fizessem referência à resistência catalã, ou ainda, que aparentassem fazer alusão à independência catalã eram proibidas e perseguidas durante a ditadura fascista. Somente com a morte do ditador espanhol em 1975, a Catalunha voltou a ter sua autonomia.

A resistência catalã permanece nos dias atuais juntamente com seus movimentos independentistas permanecem como marca catalã. Em 27 de setembro de 2015 ocorreram as Eleições Parlamentares da Catalunha (o período eleitoral foi antecipado em 14 meses, pois tinha data limite até 25 de dezembro de 2016). Este plebiscito foi encarado por alguns partidos como um plebiscito pela independência da Catalunha, todavia, nem todos os partidos que compõem a Generalitat pensam desta forma. Duas frentes defendem a autonomia do Estado catalão, são estas o Junts pel Si (Juntos pelo Sim) e o CUP (Candidatura d'Unitat Popular – Candidatura de Unidade Popular). Os demais partidos veem as eleições parlamentares na Catalunha como eleições ordinárias que foram antecipadas para eleger um novo parlamentar autônomo.

O Junts pel Si, conseguiu das 135 cadeiras no parlamento 62 delas, o CUP conseguiu 10 cadeiras; o JxSi e o CUP conseguiram juntos 72 cadeiras, o que caracteriza como o suficiente para pedir a independência plena da Catalunha. Todavia, existem conflitos de interesses entre as duas frentes, a JxSi defende que seja estruturada alguns planos até a independência, o que levaria 18 meses, a partir de setembro, entretanto, a CUP defende que a independência fosse instantânea, o que não vem ocorrendo.

O Junts pel Si é uma coligação com diversos partidos sendo eles: Convergencia Democrática de Catalunya (CDC), Esquerra Republicana de Catalunya (ERC), Moviment d'Esquerres e Demòcrates de Catalunya; se uniram pela defesada independência da Catalunha, se juntaram em 20 de julho de 2015, tendo em vista as eleições parlamentares que definiriam o novo presidente da Generalitat. Em virtude da votação expressiva pelo JxSi, Artur Mas

membro da frente, conquistou a presidência do governo catalão. O atual presidente da Espanha Mariano Rajoy não tomou nenhuma medida imediata no que se refere a independência da Catalunha do governo espanhol e disse esperar as eleições gerais.

As eleições gerais na Espanha ocorreram em 20 de dezembro de 2015, e deram a reeleição à Mariano Rajoy, membro do PP (Partido Popular), entretanto, não foi uma vitória tão expressiva, como a ocorrida em 2011, em razão da criação do partido Podemos, em janeiro de 2014, resultado da coligação de várias frentes partidárias de esquerda, o PP, partido de direita, não governa mais com maioria absoluta. Na Catalunha, o resultado das eleições gerais deixou o PP com apenas 8 das 47 cadeiras de deputados. A coalizão de esquerda Em Comú Podem, fundado em outubro de 2015, próxima ao Podemos, obteve 12 cadeiras, tendo assim o maior número de cadeiras disponível para a Catalunha na câmara de deputados da Espanha. E assim, a Catalunha demonstra, mais uma vez, sua inclinação à esquerda.

O que parece comum a Catalunha ao longo de sua história é a característica de resistência, isto é, de se fortificar a cada derrota, inclusive, mesmo tendo mais derrotas do que vitórias, isto não consegue abater o espírito catalão. Mesmo que a proposta de emancipação plena ao governo espanhol possa ser em consequência de interesses de ordem variada, ainda assim, o apelo independentista e a vontade de resistir demonstram serem as ações catalãs que os une.

Segunda República

Em virtude da queda da ditadura de Miguel Primo de Rivera e ao insucesso do general Dámaso Berenger, seu sucessor, em tentar trazer de volta a “normalidade constitucional”, o então rei Afonso XIII nomeou Juan Bautista Aznar como chefe do governo da monarquia em 18 de fevereiro de 1931. Aznar, pouco depois que chegou ao governo convocou eleições municipais para o dia 12 de abril. Todavia, a atitude de Aznar não teve o resultado que ele pretendia, em razão da vitória na maioria das principais cidades pelo lado dos republicanos. Mesmo que na totalidade de votos, em âmbito nacional, a direita tenha tido maioria apertada; em relação ao número de cidades, a diferença entre o lado republicano-socialista ficou muito à frente da votação das direitas unidas. Os partidos republicanos venceram em 41 das 50 capitais de províncias. Os republicanos ganharam de forma acachapante em Barcelona, Madri e Valencia, isto é, nas principais capitais do país. Em compensação, a direita tinha sua

concentração de votos nas áreas rurais, onde o voto era efetuado a partir do “voto de cabresto”, além disto, a maioria da população espanhola vivia nas zonas rurais.

Em razão da derrota nas eleições municipais, o rei Alfonso III se exilou e o governo da Segunda República teve início em 14 de abril de 1931, devido a vitória do lado republicano na maioria das capitais de províncias nas eleições. Niceto Alcalá-Zamora foi o primeiro presidente da restauração da república. Foi anunciada a liberdade de cultos e crenças, além de uma reforma agrária.

A crescente participação popular nas discussões políticas desde então proporcionou que fosse possível a implementação da lei agrária de setembro de 1932, que visava a expropriação dos latifundiários, o que, certamente, proporcionou o acirramento entre os interesses dos membros da igreja católica, dos monarquistas e dos fascistas, estes tinham interesses semelhantes entre si em manter seus privilégios; acirramento este, com os interesses dos sindicatos, dos anarquistas, dos socialistas, dos comunistas e dos trotskistas em manter a república instituída e construir ações que visassem a melhoria de vida dos trabalhadores, bem como, a divisão de renda e recursos. Aparentemente existia uma polarização entre os interesses, ou seja, republicanos contra nacionalistas, todavia, na Espanha a questão não poderia ser definida tão facilmente em dois grandes grupos.

A Reforma Agrária era a única reforma de mudança estrutural formalmente prometida pela Segunda República. Mas o acordo sobre os princípios não havia sido realizado. Uma vez que, os anarquistas e comunistas defendiam que a terra era para quem trabalha; os socialistas argumentavam que a terra deveria ser estatal e a exportação deveria ser dos sindicatos de trabalhadores agrícolas; os liberais defendiam que a propriedade deveria ser individual e os católicos afirmavam a propriedade familiar e sustentavam ainda, que houvessem indenizações substanciais aos ex-proprietários das terras. A partir deste exemplo é possível verificar que existia na Espanha, na ocasião, uma pluralidade de pontos de vista, bem como, uma gama de ideologias e interesses distintos. Todavia, é possível assinalar quais correntes formavam o campo da esquerda e quais constituíam o campo da direita, ainda assim, neste caso cada organização pretende defender seus interesses e dos seus membros. Ou seja, em meio a guerra generalizada, geralmente, institui-se dois campos com variados grupos inscritos nele, por exemplo, no campo da direita tinha-se os carlistas e os falangistas, grupos distintos, mas que devido as circunstâncias da guerra se apoiavam, bem como, disputavam poder. No campo da esquerda, mais até do que no campo da direita, a disputa pelo poder e por espaço era

significativamente maior. Mesmo porque, a estrutura fundamentalmente hierárquica da igreja católica e também do exército facilitam a ordem em meio à divergência de interesses.

A eleição de 16 de fevereiro de 1936 foi bastante disputada entre as principais frentes: Frente Popular, que representava os movimentos de esquerda reunidos; e as direitas unidas, que tinha como maior força a CEDA. A eleição foi apertada e ambos os lados afirmavam que a vitória inimiga resultaria em resistência e, logo, em guerra civil.

A propaganda da direita consistia em defender que os republicanos eram comunistas relacionados à União Soviética e votar em Calvo Sotelo, candidato da frente de direita, era o mesmo que votar em Jesus Cristo, segundo, inclusive, o próprio Calvo Sotelo. O discurso da CEDA e da direita como um todo, no período eleitoral, consistia o argumento que versava na luta do bem contra o mal; Deus contra Satanás; nacionalistas contra comunistas. Entre os republicanos o discurso central era a luta contra o fascismo.

A vitória republicana foi apertada em relação aos votos das direitas unidas. A votação foi a suficiente para a vitória nas urnas dos republicanos, todavia, foi também o impulso para a formação do Golpe de Estado pelos generais rebeldes. A disputa eleitoral foi tão acirrada que não importava mais quem venceria nas urnas. Seja qual frente tivesse a maioria dos votos ninguém se sentiria derrotado. E foi o que ocorreu, em consequência da vitória do lado republicano, a tentativa de golpe da direita e devido a tentativa de golpe dos nacionalistas, a resistência da esquerda e a guerra civil.

Movimento anarquista

O movimento anarquista ao final do século XIX e princípio do século XX em toda a Europa e, em alguns casos, para além do velho continente, foi influenciado e influenciou significativamente o pensamento de esquerda no período. Na Espanha, o movimento anarquista durante as primeiras décadas do século XX, especialmente, no período anterior a Guerra Civil Espanhola e durante ela, isto é, durante a década de 1930, sobretudo, entre os anos de 1933 até 1939, era o maior movimento anarquista de toda a Europa.

Após a derrota do lado republicano na guerra civil, e, conseqüentemente, a vitória de Francisco Franco, todo o movimento organizado anarquista espanhol foi posto na ilegalidade e seus líderes que ainda não haviam sido mortos nas batalhas foram mortos nos campos de

concentração espanhóis e quem não foi morto em guerra, ou executado posteriormente, teve que ficar preso por muitos anos. Aqueles que conseguiram fugir tiveram vida menos penosa.

Devido à base de o movimento anarquista espanhol ser composta por trabalhadores e, talvez por isso mesmo, os anarquistas espanhóis não tinham boas relações institucionais com socialistas e comunistas e, logo, com a URSS, pois disputavam ideologicamente o mesmo público; inclusive, os stalinistas os tinham como seus inimigos “número 2”, pois os primeiros eram os dissidentes marxistas, isto é, os trotskistas; além disto, os anarquistas também não tinham boas relações com os países tidos como democráticos, como o caso da França e da Inglaterra. Mas nada poderia ser pior do que a relação com os fascistas, pois, seguramente estes eram o principal problema de todos. Ao menos, no que se refere aos discursos dos próprios anarquistas, dos stalinistas, dos trotskistas, dos democratas, socialista e etc.

O movimento anarquista talvez seja o mais peculiar à Espanha em meio a sua guerra civil. Pois não existia neste período em nenhum outro país da Europa, força anarquista significativamente ativa politicamente como existia na Espanha durante os anos 1930. Diferentemente das outras forças como os stalinistas, os trotskistas, os fascistas e os republicanas, que tinham seus olhos para fora da península; e, mais ainda, olhavam de fora da península, caso dos países como URSS, Inglaterra e França, Alemanha e Itália. Os anarquistas espanhóis tinham seus olhos voltados para dentro da Espanha, de forma bem pragmática contra o fascismo de Franco e a Igreja. E quando existia alguma contenda com outras ideologias com suas “sedes” fora da Espanha, os anarquistas traziam a problemática para dentro da Espanha, com os trabalhadores, mesmo porque não existiam muitos movimentos anarquistas fora da Península Ibérica, não havia uma central fora da Espanha para instruí-los, ou mesmo para ajuda-los, ou qualquer país da Europa ou do mundo que fosse anarquista.

Socialistas, stalinistas, trotskistas, anarquistas e republicanos juntaram-se pela resistência ao golpe de estado proferido pelos generais rebeldes, todavia, as diferenças entre essas ideologias não puderam esperar ao final da guerra, o que talvez tenha facilitado o lado fascista. Mas o que parece ter contribuído significativamente para a vitória do lado nacionalista foram as posições, especialmente, dos stalinistas e dos democratas, mais precisamente, o posicionamento dos governos da URSS, da Inglaterra e da França, que pouco depois do término da Guerra Civil Espanhola entraram em guerra com os nazistas e fascistas da Alemanha e da Itália, que deram suporte à Franco e aos nacionalistas. Todas essas ideologias e governos estavam presentes na guerra civil na Espanha, entretanto, uns Estados

contribuíram mais que outros com suas respectivas proximidades ideológicas. Observando por esse prisma, a guerra na Espanha parecia se tratar mais de um espaço para a materialização da contenda ainda silenciosa que se formava em toda a Europa.

Segundo Pierre Vilar, a Guerra Civil Espanhola, apesar de ser uma guerra aparentemente interna, por se tratar de uma guerra civil, não significava exatamente isto no caso da Espanha em meio a não tão “sua” guerra civil:

Lo cierto es que, desde 1933 a 1939, cualquier problema español sugiere referencias exteriores: Dollfus, fascismo, nazismo, Frente Popular francés, aislacionismo americano, preferencia inglesa por ‘appeasement’, crisis interna de la URSS, divisiones obreras ante el hecho soviético y, finalmente, Munich. Ante este complejo entremado, es tam peligroso simplificar como perderse en el laberinto de los ‘hechos menores’ (aunque sean ‘verdaderos’).²⁴

A CNT, juntamente com a UGT, foram as principais forças sindicalistas do país, especialmente na década de 1930. Diferentemente da UGT que se tratava de uma força socialista, a CNT tratava-se como uma força anarquista, ou seja, anarco-sindicalista. Fundada em Barcelona em novembro de 1910, com o objetivo de ser uma alternativa no campo sindical, que era majoritariamente, na ocasião, ligado à UGT, que foi fundada bem antes, em 1888. Assim, a CNT, anarquista, nasceu em resposta a UGT, socialista, contrariando o restante do mundo que, devido a Revolução Russa em 1917, o movimento trabalhista socialista crescia, enquanto que o movimento trabalhista anarquista diminuía.

Anos antes a fundação da CNT, ainda em 1907, formou-se o sindicato catalão *Solidariedad Obrera*, sindicato anarquista que tinha como objetivo organizar os trabalhadores catalães. Não à toa este sindicato foi criado na Catalunha, a região que situa a cidade de Barcelona era o principal centro industrial da Espanha. Cerca de três anos após sua fundação a *Solidariedad Obrera*, em 1910, convocou um congresso de trabalhadores que criara a CNT, com o intuito de nacionalizar a causa sindical anarquista. E assim, foi criado o anarco-sindicalismo na Espanha.

A CNT começou pequena, com cerca de 30 mil filiados, todavia, seu crescimento foi acelerado e, em 1936, ano que teve início a Guerra Civil Espanhola, a CNT tinha em suas

²⁴VILAR, 1986.

fileiras cerca de 550 mil filiados em toda Espanha. A maioria de seus filiados, era da Catalunha, com aproximadamente 178 mil filiados em 1936. Mesmo esses números sendo elevados, a CNT, em seu congresso de 1919 chegou a ter por volta de 705 mil filiados, o que foi o máximo de adeptos que esta organização teve num congresso na sua história. Em 1923 em razão do início da ditadura de Primo de Rivera, a CNT caiu na ilegalidade, retornando em 1931, devido a implementação da Segunda República.

O golpe de estados dos generais rebeldes ocorreu em 17 de julho de 1936, e em apenas dois dias o levante dos generais já estava cercado a cidade de Barcelona, todavia, não perdurou muito tempo e os fascistas foram contidos, em grande medida devido aos anarco-sindicalistas da CNT, e Barcelona ficou sob o poder dos republicanos.

Ainda que os anarquistas tivessem alguma voz no governo da Segunda República, com alguns ministros, não era o suficiente para a pressão do Partido Comunista que há algum tempo se articulava para se colocar à frente do poder executivo e, em maio de 1937 Negrín assume o posto em detrimento de Largo Caballero. Isto proporcionou que houvesse a participação direta dos socialistas.

A relação entre comunistas, socialistas e anarquistas não andava boa, de certo, nunca se deram muito bem, e na Espanha não foi muito diferente. Devido a desavenças para além da Espanha, e dos espanhóis, comunistas, socialistas e anarquistas se chocaram em Barcelona em maio de 1937. E o momento não poderia ter sido pior para um conflito armado entre estas linhas ideológicas: em meio a uma guerra civil contra o fascismo. Obviamente, entre os que se afrontavam, ninguém ganharia muito devido a uma vitória pontual para o lado dos comunistas e socialistas, ou para o lado dos anarquistas. A disputa entre si, do lado republicano, apenas aumentava a possibilidade de uma vitória fascista, o que representaria que tanto as organizações socialistas e comunistas, como as anarquistas entrariam na ilegalidade e seus membros seriam cassados, presos e/ou executados. Ao invés de contribuir para o fortalecimento interno de uma força em detrimento da outra, contribuía para a vitória do fascismo.

O ataque a Barcelona na sede da Companhia Telefônica, que era operada, sobretudo, por membros da CNT, foi um ataque surpresa operado pela Guarda de Assalto, isto é, a polícia da Segunda República, que estava organizada para tomar o edifício da Telefônica. De um lado CNT e POUM (que se juntou aos anarquistas em meio ao ataque da polícia republicana) contra PSUC E UGT. Novamente as principais correntes sindicais da Espanha

estavam em lados opostos. A batalha em Barcelona não durou muito e os ânimos foram apaziguados dias após seu início. Em dezembro de 1938 Catalunha finalmente caiu e, em abril de 1939, todos perderam formalmente.

Comunistas e Socialistas

O PCE (Partido Comunista de España – Partido Comunista Espanhol), foi fundado em 14 de novembro de 1921 por membros de PSOE (Partido Socialista Obrero de España – Partido Socialista Trabalhista Espanhol) que entendiam que existiam, no período, duas alas dentro do PSOE, uma ala reformista, que pretendia se tornar burguesa, e a outra ala que mantinha o espírito revolucionário. Esta segunda ala foi a responsável pela fundação do PCE. Sua principal intenção, quando fundado, era a de somar-se a Internacional Comunista. Após a Revolução Russa de 1917, muitos partidos comunistas foram fundados nos anos seguintes influenciados pelo sucesso da revolução na Rússia; isto também contribuiu para a fundação do partido comunista espanhol.

El Partido Comunista envió una delegación al II Congreso de la I.C. reunido en Moscú a finales de julio de 1920. Fue reconocido como sección española de la III Internacional y se le concedió un puesto en el Comité Ejecutivo. Merino Gracia, delegado español, fue recibido por Lenin, quien se interesó vivamente por los problemas de España y principalmente por la situación de los campesinos. (...) En el segundo Congreso extraordinario del PSOE, reunido en julio de 1920, la mayoría aplastante de los delegados se pronunció por el ingreso en la III Internacional y por el envío a Moscú de dos delegados, al objeto de entrevistarse con el Comité Ejecutivo de la I.C. Pero los líderes reformistas supieron desvirtuar la resolución del Congreso, condicionándola con tres cláusulas que, de hecho, anulaban su valor.²⁵

O PCE teve seu crescimento de filiados acelerado, assim como, muitos outros partidos da Espanha. A década de 1920 e especialmente a década seguinte, de 1930 marcaram o crescimento das filiações partidárias, desta forma, quase todo mundo era filiado em algum partido, ou sindicato e todos tinham o lado político bem definido, mesmo que a população da Espanha fosse em sua maioria analfabeta, ou, ao menos, analfabetos funcionais. Também devido ao grande número de analfabetos as discussões se acirravam muito mais pelo lado sensível das questões levantadas do que por uma discussão teórica se este ou aquele ponto de

²⁵Historia del Partido Comunista de España – Versión Abreviada 1960. p.24, 25.

vista, esta ou aquela linha ideológica. No caso do PCE, entre os primeiros meses de 1936 e o princípio da guerra civil, o partido passou de 30 mil filiados para 100 mil, em poucos meses.

O surgimento do PCE se deve à saída de vários membros do PSOE, este movimento se caracterizara pela aproximação ideológica à Moscou. Esta aproximação foi marcante para o PCE, pois foi devido a ela o partido foi construído, ao menos, o argumento para a fundação do partido comunista espanhol foi remetida ao revisionismo em que a maioria dos membros do PSOE se afiguravam. Além disto, a existência de uma nova grande força política a partir da revolução socialista na Rússia, consistia num campo político promissor aberto, em especial, porque ainda não existia um partido comunista que se propusesse a representar toda a Espanha.

A participação do PCE no governo republicano proporcionou o envio de muitos soviéticos para auxiliarem seus camaradas espanhóis tanto na esfera institucional, como nos fronts de batalha. Todavia, a pressão estalinista contra organizações do lado republicano, especialmente anarquistas e trotskistas foi bastante efetiva, ao ponto de ser questionada quais seriam as intenções stalinistas na Espanha.

A Catalunha foi a região onde a resistência ao fascismo tornou-se tão emblemática que mesmo após a guerra civil, ou seja, durante o período da ditadura de Franco, a região se consolidou como símbolo da Guerra Civil Espanhola. Muitos partidos e organizações de esquerda foram fundados na região, ou ainda, se este não fosse o caso, boa parte de seus membros eram catalães. O PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya – Partido Socialista Unificado da Catalunha) foi fundado dias após o início da guerra civil, em 23 de julho de 1936, foi constituído pela união de três partidos, sendo eles, a federação catalã do PSOE, a USC (União Socialista da Catalunha); o PCC (Partido Comunista da Catalunha) e o PCP (Partido Catalão Proletário), ainda assim, não foi possível a unidade completa dos partidos de esquerda de Catalunha, pois o pequeno grupo chamado ICE (Esquerda Comunista da Espanha) com inclinações trotskistas juntamente com o BOC (Bloco Operário Camponês) fundaram o POUM (Partit Obrer d'Unificació Marxista – Partido Operário de Unificação Marxista).

O PSUC era confederado ao PCE, e, portanto, de matiz marxista-leninista, e como o PCE estava ligado intimamente aos soviéticos; enquanto o PCE estava preocupado com o governo da República, tanto disputando, como compondo, o PSUC, por ser um partido

regional, preocupava-se com as questões relacionadas à Catalunha, ainda assim, foi o responsável pela organização da Brigadas Internacionais.

O PSOE (Partido Socialista Obrero Español – Partido Socialista Trabalhista Espanhol) é, na atualidade, um dos dois principais partidos da Espanha; fundado em 1879, por Pablo Iglesias, seu primeiro presidente, quando fundado se propunha a ser um partido de esquerda e marxista. Nos primeiros anos da sua fundação tinha força significativa, em especial, em Madri, País Basco e Astúrias; tinha muito pouca influência na Catalunha, em consequência da forte presença dos anarquistas e, posteriormente da CNT. Todavia a UGT (Unión General de Trabajadores – União Geral dos Trabalhadores) foi fundada na cidade de Barcelona em 1888, pelo mesmo fundador do PSOE, Pablo Iglesias e, assim, o que se tornou notório ao longo dos anos na Espanha, a força sindicalista UGT e os socialistas do PSOE mostraram-se intimamente ligados.

O PSOE participou de inúmeras situações controversas, uma delas foi a proximidade com a ditadura de Primo de Rivera. Curiosamente, o ditador tomou medidas repressivas à CNT e tolerou a UGT. Quando se apontava que o PSOE iria participar formalmente do governo de Primo de Rivera, o partido rompe com o governo e se declara a favor da república. Desta forma, se torna o partido majoritário no primeiro biênio da república, durante o governo de Manuel Azaña. Nas eleições de 1933, o PSOE deixa de se ser o partido majoritário no parlamento espanhol, porque perde seu posto para o partido de direita recém-formado a CEDA.

No segundo biênio da república, em razão da vitória da Frente Popular nas eleições de 1936, o PSOE por duas vezes, teve representantes seus à frente do governo da república. Primeiramente Francisco Largo Caballero, que tinha postura mais à esquerda dos que Juan Negrín, seu sucessor. Durante o governo de Negrín a caça aos trotskistas, anarquistas e pessoas próximas a eles foi efetivada.

As contendas entre partidos membros da república, especialmente, socialistas e comunistas versus anarquistas e trotskistas foram marcantes no segundo biênio da República, todavia, não foram as desavenças entre a esquerda que determinaram a derrota da mesma. A derrota do lado republicano se deve a muitos outros fatores que não estavam fundamentalmente nas mãos dos partidos e organizações espanholas. Ainda assim, quem mais perdeu foi a Espanha.

Em razão da ascensão do fascismo todas as organizações e os partidos democráticos da Espanha foram postos na ilegalidade até o final da ditadura de Francisco Franco. A maioria dos membros da esquerda espanhola teve de se refugiar em outros países, grande parte foi para a França. Membros do PCE, entre os socialistas e comunistas, foram os que mantiveram a resistência anti-franquista após a tomada de poder de Franco.

Brigadas Internacionais

Não se sabe formalmente como e de que maneira as brigadas internacionais foram criadas, ainda assim, elas foram fundamentais para a internacionalização da guerra e, certamente, para entender a Guerra Civil Espanhola. A informação que parece mais provável (pois não é oficialmente correta) é a de que as Brigadas surgiram durante a Internacional Comunista em 1936, informação oferecida pelos próprios membros da Internacional; a inspiração veio, devido a existência do *Corpo Truppe Volontarie* italiano e a *Legião Condor* alemã, o campo da esquerda teve a ideia de criar sua força expedicionária em resposta as brigadas fascistas. Mesmo os comunistas da Internacional, não serem oficialmente os mentores das brigadas, ainda assim, tomaram para si a responsabilidade sobre elas.

Ao longo da guerra cerca de 60 mil voluntários foram à Espanha para lutarem do lado Republicano contra os exércitos fascistas; sendo que cerca de 15 mil estrangeiros não voltaram para seus respectivos países. Além dos brigadistas, milhares de voluntários de vários países também engrossaram as fileiras republicanas, Entre esses voluntários não-brigadistas estava George Orwell.

Alguns membros das Brigadas eram pessoas influentes, em especial, no campo das artes em seus países e, inclusive, mundialmente, sendo eles, escritores, pintores, artistas em geral e pessoas iminentes no período, como o estadunidense Ernest Hemingway que escreveu *Por Quem os Sinos Dobram* (*For Whom The Bell Tolls*), um romance ambientado em meio a Guerra Civil Espanhola; e Garcia Lorca que morreu assassinado pelo exército nacionalista, no mês seguinte a tentativa de golpe dos nacionalistas. Algumas figuras influentes nas artes mesmo não tendo participado da guerra em um grupamento militar, se envolveram com o que acontecia na Espanha, como por exemplo, o espanhol Pablo Picasso, que antes mesmo do período da guerra vivia na cidade de Paris, na França, Picasso expressou o que sentia em relação à guerra em seus país de origem, ao pintar o quadro *Guernica*, obra que representava

os ataques aéreos de aviões italianos e alemães na cidade de Guernica, uma novidade bélica apresentada nesta guerra que foi amplamente utilizada na Segunda Guerra Mundial; ou ainda, o chileno Pablo Neruda, que esteve na Espanha na ocasião, mas não esteve no front, escreveu *Espanha em el Corazón*, livro repleto de poemas sobre a guerra civil na Espanha e sua opinião ao lado dos Republicanos, contra o fascismo, o nacionalismo e também contra algumas figuras centrais do lado fascista, como Franco e Mola.

A ajuda da União Soviética enquanto instituição governamental para com o governo Republicano espanhol, não foi compatível ao seu tamanho e poder, ainda assim, mesmo o auxílio não sendo razoável, no que tange as possibilidades de apoio de um país com o poderio militar que a URSS detinha, ainda assim, foi importante para a resistência republicana, em especial, o envio de homens para a Espanha, através das Brigadas Internacionais, além da ajuda com armamentos ao longo da guerra.

As Brigadas estavam relacionadas ao PSUC, tendo seu centro de recrutamento em Paris. Todos os voluntários da Europa e do mundo se apresentavam primeiro na capital francesa e então eram enviados para variadas companhias na Espanha. As Brigadas eram organizadas pelos comunistas e os voluntários seguiam as ordens dos dirigentes do PSUC. As Brigadas internacionais afirmavam que todos os seus membros foram para a Espanha como voluntários espontâneos e negou veementemente que existiam jovens comunistas de vários países da Europa que foram enviados para a guerra devido a um recrutamento organizado.

Sendo um recrutamento organizado, ou não pelos partidos comunistas da Europa, ainda assim, foi louvável a implementação das Brigadas na Espanha. Já que a guerra, mesmo sendo uma guerra civil, se configurava como uma guerra internacionalizada, os partidos comunistas europeus poderiam se organizar para enviar reforços para seus camaradas espanhóis.

O Partido Trotskista Espanhol

Não, segundo Trotsky. Para Trotsky, o partido espanhol tido como trotskista não era trotskista. O POUM (Partit Obrer d'Unificació Marxista – Partido Operário de Unificação Marxista) partido comunista dissidente, a partir de uma definição pró-stalinista; ou de oposição de esquerda, a partir de um olhar pró-trotskista; que cresceu o contingente da sua militância devido ao fato de parecer oferecer uma via média entre os desígnios anarquistas e

os comunistas. Devido à Andreu Nín, principal liderança do partido, ter sido um colaborador próximo à Trotsky, os estalinistas odiavam ainda mais ao POUM do que aos anarquistas. Entretanto, Trotsky e sua Quarta Internacional nunca deixaram de atacar o partido espanhol de Andreu Nin e Joaquina Maurín.

Andrés Nin Pérez mais conhecido como Andreu Nin foi a principal liderança do POUM e por isto chamava a atenção da União Soviética, que em meados da década de 1930 parecia preocupar-se mais em combater Trotsky e as ideias trotskistas do que combater o fascismo e o nazismo que se alastrava na Europa. Mesmo o POUM não sendo um partido reconhecidamente trotskista pela Quarta Internacional, ainda assim, era reconhecido pelo serviço de inteligência russo como trotskista e, logo, como um problema russo.

O POUM tem início a partir da junção de dois partidos que tinham alguma expressão na Catalunha e em Valencia, sendo eles, o ICE (Izquierda Comunista de España -Esquerda Comunista da Espanha) pequeno partido originariamente trotskista, que tinha em sua liderança Andreu Nin e o BOC (BloqueObreroy Campesino - Bloco Operário Camponês), sua principal liderança foi Joaquím Maurín. O BOC era significativamente maior que o ICE, todavia, mesmo havendo desproporção de tamanho entre os partidos que fundiram, isto não significou que um grupo fosse mais forte que o outro e Maurín e Nin, ambos se tornaram os líderes do POUM.

Após a batalha em Barcelona entre os republicanos, em maio de 1937, Nin foi preso pela polícia política soviética, que atuava nas fileiras republicanas ao lado do PCE (Partido Comunista de España – Partido Comunista Espanhol). Curiosamente, o PCE, foi fundado, em certa medida, influenciado por Andreu Nin e Joaquina Marín.

La radicalización de la CNT chocó con la moderación de la UGT, que los anarcosindicalistas vieron desde entonces, sin remedio, como reformista y pactista, cuando no «traidora» a la clase obrera. La formación del Partido Comunista de España, en 1921, constituido por socialistas y anarquistas que respondieron a la llamada de los comunistas de Andreu Nin y Joaquina Maurín, vendría a ensanchar el panorama de las organizaciones políticas y sindicales españolas y a complicar la lucha por la hegemonía.²⁶

Segundo o historiador inglês Antony Beevor no livro *La Guerra Civil Española*, a criação do Partido Comunista Espanhol em 1921foi logo um complicador da unidade entre a

²⁶BEEVOR, A. 2005, p.11

esquerda, visto que o partido comunista nasceu devido a uma cisão no seio do PSOE, prontamente, isto demonstra a dificuldade na obtenção de acordo entre a esquerda espanhola. E, por ironia, o POUM tinha preceitos parecidos aos do PCE, no que se refere ao ponto que ambos propunham o meio-termo entre radicais e moderados. O PCE procurava encontrar este ponto de interseção entre anarquistas e radicais da CNT e os socialistas moderados do PSOE. O POUM tinha a intenção de encontrar um ponto comum entre anarquistas e comunistas.

Devido a postura do POUM em denunciar o stalinismo e os crimes de Stalin, especialmente, os Processos de Moscou (ocorreu entre os anos de 1936-38, durante o governo de Stalin, e tinha o objetivo de julgar e perseguir quem fosse condenado como traidor da Revolução Russa de 1917) e, além disto, por defender que o momento em que a Espanha atravessava representava a vitória do fascismo, ou a vitória da revolução socialista, e assim sendo, existiam duas opções possíveis, segundo o partido: ou fascismo se consagraria vencedor, ou o socialismo. Destarte, o governo da República, durante a presidência de Negrín pôs o POUM na ilegalidade, especialmente, em razão ao envolvimento dos comunistas e socialistas do PCE e do PSOE com o governo russo, que não poderia aceitar o discurso agressivo do POUM para com o governo da União Soviética.

Além do fato de que a União Soviética era o principal parceiro da república espanhola, seja devido ao envio de armamentos, de militantes, de brigadistas, ou ainda, em razão do relacionamento entre os comunistas da III Internacional, convocada ainda quando Lênin presidia a União Soviética. A ligação com a URSS entre os marxista-leninistas era frequente e certa. Logo, se torna compreensível no jogo político da época, principalmente tendo em vista a guerra civil que estava em curso, que os partidos pró-stalinistas se posicionariam contrários aos trotskistas, inclusive, devido a própria inscrição de suas linhas ideológicas que visam o choque transformador, isto é, dialético. Os trotskistas se transformaram na antítese dos stalinistas, para os stalinistas; assim, como, a recíproca é verdadeira para os trotskistas.

O POUM acreditava que o principal intuito do PCE e do PSOE era o de enfraquecer os anarquistas que tinham muita força na Espanha (especialmente na Catalunha), inclusive era o local onde os anarquistas eram mais fortes na Europa na ocasião, todavia, justamente devido a força dos anarquistas, seu enfraquecimento não seria facilmente conquistado, assim, o POUM serviu como bode expiatório para a disputa, por vezes, não tão encoberta entre os membros da República.

E assim, a esquerda espanhola antecipou suas contendas para durante a guerra civil, provavelmente se o lado republicano conquistasse a vitória, os ânimos continuariam acirrados, possivelmente, a guerra ainda duraria um tempo a mais tendo em vista que dificilmente o governo da república conseguiria conciliar socialistas, comunistas, trotskistas, liberais e capitalistas todos juntos, pois mesmo em meio a uma guerra contra os fascistas e com o agravante de que os nacionalistas estavam melhor equipados, e por isto deveriam manter-se unidos, as disputas do lado republicano não puderam esperar uma vitória republicana, que inclusive, não viria.

George Orwell na Espanha

George Orwell foi um entusiasta do anarquismo, antes mesmo da sua experiência na Espanha na guerra civil. Além da sua admiração pelas ideias anarquistas, ele fortificou este sentimento durante o período em que lutou na Catalunha. Mesmo ao lado da milícia do POUM, ele não era adepto do trotskismo, caso o POUM fosse mesmo trotskista. “Dissera a todo mundo já havia muito tempo que deixaria o POUM. Se fosse pelas minhas preferências estritamente pessoais, gostaria de me juntar aos anarquistas”.²⁷ Orwell gostaria de ir para a Frente em Madri, algo que nunca aconteceu, pois ele deixou a Espanha pouco tempo depois para se refugiar na França. O interessante desta fala é o posicionamento de Orwell como anarquista, mesmo lutando nas fileiras do POUM, ele não mudou sua inclinação pró-anarquista.

Orwell era influenciado pela formalidade inglesa; pela rebeldia anarquista; pela decepção com o stalinismo, visto que ele esteve ao lado do partido próximo aos trotskistas na Catalunha; e, foi influenciado pela luta contra o fascismo e o totalitarismo. Além de tudo isto, foi atravessado pela guerra, pelas sensações que a guerra pode proporcionar a quem esteja em meio a ela: a alegria nas pequenas coisas e o horror quase constante como facilmente é possível verificar em *Homenagem à Catalunha*. Tendo em vista todos os sentimentos que o tocaram na guerra, o canalizador dessas sensações tão profundas tornou-se o ato de escrever.

A guerra em si costuma ser marcante e traumática, além de ser um marco para quem a vivencia, isto ocorreu com Orwell, especialmente, em virtude do tiro que recebeu no pescoço, a experiência na guerra na Espanha tomou uma dimensão definitiva em sua vida, sendo

²⁷ORWELL. 2006, p118.

possível diferenciar a vida dele antes e depois da guerra, tanto no que se refere a sua vida pessoal, como a sua conduta política e certamente a sua escrita.

Orwell, arrebatado pelo que vivenciou na Espanha, e também, influenciado pela organização que lutou enquanto esteve lá e tendo em vista que sua aproximação com o pensamento anarquista já vinha das experiências que lhe renderam os livros *O Caminho Para Wigan Pier* e *Na pior em Paris e Londres*, respectivamente, quando vivenciou a rotina dos carvoeiros do norte da Inglaterra e, posteriormente, quando viveu com quase nenhum dinheiro nas cidades de Paris e Londres, Orwell, sobretudo, intensificou sua paixão pela ação, pela escrita e o que isto poderia proporcionar para que ele se tornasse um agente de mudanças. Assim, em Orwell, a escrita se aproxima da política, da revolução, das ideologias, ou melhor, a escrita se torna o discurso, a própria ação. Orwell fundamentalmente agia enquanto escrevia.

Capítulo II - O Problema da Verdade

Por que utilizar, para esta dissertação, um livro mais facilmente definido como literário, ao invés de valer-me de um livro que se proponha tecnicamente como próprio da área de história para tratar sobre a Guerra Civil Espanhola? Caso fosse possível responder a esta questão de forma direta: seria para desconstruir “o jeito certo” de pensar história, ou mesmo, para repensar se poderia existir “o jeito certo” do que quer que seja.

Não são apenas as estruturas teóricas que determinam o curso do mundo, são as pessoas, em variados tempos, são as ressignificações que determinam se algo possa se “manter”. Em certa medida, escolhemos a tradição metafísica, escolhemos. Escolhemos contar a história de um ponto de vista, e escolhemos que ele seja “universal”. Levando em consideração a obrigatoriedade da universalidade, do encontro com o verdadeiro: escolhi pensar a Guerra Civil Espanhola, tendo em vista, uma fonte literária de alguém que participou da guerra e que foi sensível a ela; um escrito que se propõe a ser particular e não universal. Ainda assim, no primeiro capítulo deste presente trabalho organizei alguns escritos históricos não literários, e preferi claramente contar a história da Guerra Civil na Espanha a partir de um olhar pró-república, crítico à cristandade na Espanha (país ultracatólico) e gostaria de documentar isto formalmente. Destarte, a universalidade é um panfleto que diz que não é um panfleto, isto é, um ponto de vista que diz que não é ponto de vista, posto que se proponha a ser universal.

A desconstrução, segundo Jacques Derrida, parte de uma resposta, alguma coisa que já começou, algo como uma dupla afirmação: sim. Sim. E assim, toda a resposta, para Derrida é estratégica. Dizer sim é uma espécie de reapropriação, ou melhor, é uma expropriação. Toda vez que se deseja apropriar-se do que quer que seja, desde que uma identidade, é antes, uma expropriação. Uma reapropriação é sempre uma expropriação, e, assim, não há lugar, espaço, ou definição que se incruste. De tal modo, a desconstrução assemelha-se, especialmente, à ordem do movimento, das contingências, do que não se pode pegar, do que não é essencial. A desconstrução não é um termo estrito senso, sendo ela melhor ambientada em relação à ordem do acontecimento do mundo. Destarte, para Derrida, as coisas se auto desconstroem. E mais, a desconstrução não se propõe a dizer nada: ela diz nada!

Jacques Lacan duvida que a linguagem possa comunicar o que provém do real que se situa mais além da perspectiva filosófica da linguagem, ainda assim, aquilo que não pode ser dito, provoca justamente o forçamento de uma nova escrita do real. Esta escrita tem uma fundamentação simbólica, mas é ao mesmo tempo separada da função imaginária, própria ao texto literário. A ordem do imaginário na escrita é o que dá corpo ao texto, isto é, as imagens, os sons, as letras. A ordem do simbólico é a linguagem, que por meio dela o sistema de representações baseados em significantes determinam o sujeito. E o real, por sua vez, é o impossível, aquilo que não pode ser representado.

Através do real incluído pelo *sinthoma*, que ao se diferenciar *sinthoma* (da grafia antiga francesa que se relaciona a aquilo que não cai) e não sintoma (da grafia grega ‘*symptôme*’ que apresenta o radical ‘*ptoma*’ que significa queda), Lacan recorre à topologia do nó borromeano, buscando situar, através da função do real, o ponto central mínimo, isto é, o ponto do pequeno objeto ‘a’, o que não se pode pegar, ou ainda, o que não se cessa de não se escrever, núcleo real do gozo, situado no cerne do *sinthoma*. O *sinthoma* seria o quarto registro (RSI – real, simbólico e imaginário - e *Sinthoma*), este conduz ao caminho analítico que possibilita a abordagem do real pela escrita, em outras palavras, para além do discurso como semblante. A escrita de Orwell em *Homenagem à Catalunha*²⁸ não está unicamente ligada ao imaginário, mas está necessariamente ligada ao simbólico, e no que se refere aos não-ditos do texto, ao real, especialmente, devido a sua experiência de quase morte.

O pequeno objeto “a” parece ser o que é “essencial” para a estrutura lacaniana, especialmente, ao final da vida de Lacan. Bem como a escritura é o “essencial” no pensamento de Derrida. Identificar o que seria o essencial tem a ver com utilizar os termos correntes tradicionais do ocidente, todavia, como deixar de ser atravessado pelas influências ocidentais, sendo que somos ocidentais? Desconstruir não parece ser o mesmo que destruir; e destruição não se trata de extermínio. Segundo Derrida, é possível “sacrificar” a estrutura do sacrifício. Sacrificar a estrutura sacrificial. Negociar como o ‘ter que comer’ em *Who Comes After The Subject*²⁹ é possível negociar, ou mesmo romper. Mas seria possível apagar?

A história comumente costuma ser contada e/ou escrita por quem se intitula vencedor, o mais forte, isto não parece ser uma característica somente do mundo ocidental, mas sim, uma característica bastante comum entre variados povos e culturas ocidentais ou não. Nas

²⁸ ORWELL, *Homenagem à Catalunha*, 2006.

²⁹ DERRIDA, *Who Comes After Subject*,

sociedades antigas, os derrotados tornavam-se escravos dos vencedores; em algumas culturas canibais, os guerreiros mais honrosos do lado adversário, eram literalmente engolidos pelos vencedores para que seu espírito virtuoso pudesse ser repassado para os vencedores. Em ambos os casos, os derrotados não foram totalmente exterminados, mesmo quando escravizados ou devorados.

O arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável ‘passado’, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido (...) O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação.³⁰

Em outras palavras, o arquivamento é o que proporciona a vivacidade da história. Ou ainda, que a releitura seja um momento único e novo. Todavia, ao longo da tradição metafísica, a tentativa de essencialização dos eventos, a defesa da verdade absoluta e a tentativa de impossibilitar a reinterpretação e a criatividade, muitas vezes pelo autoritarismo, marcaram as disputas políticas, ideológicas e também teóricas em prol de um tradicionalismo opaco e oco. O que é problemático não é o tradicionalismo em si, mas sua exclusividade e a sua obrigatoriedade através da tirania.

As dualidades, oposições, binaridades e outros mais termos que se refiram às divisões em duas partes dos elementos marcam a base (repetição) das estruturas ao longo da tradição metafísica. A dialética, por exemplo, tese-antítese-síntese (nova tese) tem por característica a noção de movimento para a estrutura binária, tendo em vista que a síntese é a resolução das duas primeiras questões que se transformaram em uma nova questão, isto é, em uma nova tese que terá a sua oposição, ou seja, uma antítese. A síntese não é simplesmente a soma, ou o aglomerado das características entre tese e antítese. A síntese tem as nuances das duas, mas também não é o caminho do meio. A síntese é uma nova tese que terá uma nova antítese e assim sucessivamente. Destarte, a dialética trata do movimento de dois elementos que se renovam a partir das disputas travadas entre si.

As dualidades entre feio e bonito; perto e longe, por exemplo, são mais estanques do que a estrutura dialética, ainda assim, as dualidades e a dialética não são tão distintas para além do movimento. Feio e bonito são dualidades compreendidas no campo da estética; perto

³⁰DERRIDA, *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*, 2001, p.28,29.

e longe são dualidades compreendidas entre as distâncias. Dentro desta lógica, feio não se opõe a longe; tampouco, perto se opõe a bonito. Pois que as oposições fundamentalmente ocorrem entre seus pares, dentro de uma área previamente determinada. Assim sendo, as oposições são possíveis apenas dentro de seus campos, no caso dos exemplos, no campo da estética e da distância. De todo modo, trata-se de uma abstração, uma vez que as oposições foram inventadas.

Levando em consideração a oposição entre as dualidades, a relação entre uma oposição e outra já tem determinado o limite da área entre seus opostos. Por exemplo, uma moeda: cara e coroa. Cara e coroa são opostos que compõem uma moeda - importante ressaltar que a moeda em si não é a síntese dos lados, ou mesmo suas oposições. Além disto, a distância entre as oposições não está em questão, como se não fizesse parte da moeda, me refiro a sua espessura.

Mesmo dentro de áreas determinados as oposições não dão conta das características de uma determinada estrutura, de um determinado espaço, e assim, há a possibilidade de tantos outros elementos que não estão elencados, definidos e, logo, postos em oposição, elementos que sequer são mencionados. É possível verificar que para além das questões definidas como opostas existem outros tantos pontos que compõem infinitamente uma determinada questão, elemento, ou mesmo, extensões. Dentro de ambientes aparentemente fechados existem variadas possibilidades que extrapolam as oposições.

As variações de grau que determinam se algo é mais bonito, ou menos bonito; se mais alto, ou mais baixo, maior ou menor; são ângulos que poderiam já ter em seu significado outra coisa, ou seja, os graus que determinaram a distância entre as oposições poderiam já ser, por definição, outra questão. Quero chamar a atenção para a amplitude de possibilidades entre as condições definidas como opostas, pois poderiam facilmente ser fundamentalmente diferentes, ou mais parecidas, ou ainda a mesma coisa, ou mesmo, mais distantes ainda.

Os distanciamentos entre as oposições, em geral, marcado por graus invisíveis que determinam se uma coisa se distancia significativamente de outra coisa, isto é, se algo é bonito ou feio, podendo ser muito bonito e muito feio, tornando assim a distância maior entre as dualidades: muito feio e muito bonito, mas ainda situações opostas; proporciona que a multiplicidade fique escondida entre as medidas de grau entre bonito e muito bonito; feio e muito feio; bem como, entre as oposições: “muito bonito” e “muito feio”. Existem muitas possibilidades, mas faz-se uma escolha entre o que será bonito e o que será feio, ou ainda,

entre variadas possibilidades apenas “feio” e “bonito”, são destacados. Uma gama de possibilidades está contida no “feio” que não é explorada, ou pensada, ou sequer definida por uma nomenclatura. É feita uma escolha do que seja “bonito” e do que seja “feio” podendo variar poucas questões, como o grau, por exemplo, se muito ou pouco.

Dentre as oposições, separadamente, há um emaranhado de possibilidades e condições para que dentro das oposições possam existir, inclusive, oposições entre si. O que proporciona fundamentalmente a pluralidade para além da dualidade, da oposição, mesmo que a definição do argumento seja a necessidade de oposições para que seja efetuado o movimento das coisas. Pode haver dualidades e oposições, assim como, pode haver três, quatro, cinco, infinitas possibilidades que disputem em si, se constituam e se desconstruam entre si.

Assim, a pluralidade, neste caso, a variedade de possibilidades de estruturas está contida em meio à verdade (com ‘V’ maiúsculo) da estrutura binária de pensamento, mesmo que de forma inconsciente, seja no que se confere a variedade de possibilidades nos graus entre as oposições; seja no que se refere ao movimento entre tese e antítese; somente para ficarmos nos exemplos dados acima, ou mesmo, nas inúmeras possibilidades para além da estrutura binária. Assim sendo, a estrutura binária é uma opção em relação a inúmeras possibilidades de estruturas. Todavia, o reino da estrutura binária somado a definição desta estrutura como verdadeira obstrui por meio da força (violência, despotismo) a possibilidade de relacionar outras formas de pensamento as tornando falsas.

Isto não significa que a verdade consiga desaparecer com a pluralidade, mesmo que queira, nada pode ser apagado ou destruído por completo, visto que rastros, trajetos, descaminhos, deslocamentos constituem e desconstituem as relações, ou ainda, os elementos da memória, da história, conscientes e inconscientes. Não somente o que é verdadeiro entre as oposições é o que pavimenta a história, a saber, a memória; as oposições podem fazer parte formalmente, assim como, podem não fazer. Ainda assim, de certo, estão registradas consciente e inconscientemente como parte da história ocidental.

A escolha entre o que possa ser verdadeiro em detrimento ao que deva ser falso, são possibilidades que são reduzidas a dois termos. Assim, levando em consideração momentaneamente a lógica binária, o infinito de possibilidades verdadeiras, ou ainda, tidas como verdadeiras é infinitamente menor do que o infinito de possibilidades falsas, ou melhor, tidas como falsas. Como demonstrarei no exemplo a seguir:

Por exemplo, uma casa arrumada tem uma variação de possibilidades inferior do que uma casa desarrumada, pois a casa arrumada deve cumprir uma série de exigências para que ela seja reconhecida como organizada; diferentemente de uma casa desarrumada que possui grandes possibilidades de ser reconhecida como bagunçada; podendo ser os moveis empoeirados, brinquedos espalhados, areia pelo chão e assim sucessivamente. Neste caso, manter a casa limpa requer elementos específicos para que esta seja reconhecida como arrumada; diferentemente do que seja reconhecido como uma casa desorganizada, como um ambiente caótico, nele existe mais elementos, mais possibilidades de elementos na desorganização do que na sua organização. Os elementos para constituírem uma casa organizada são menores, todavia, são específicos, e assim, tem um número reduzido de possibilidades em relação aos elementos que contribuem para que a casa fique desarrumada. Não menos importante ressaltar que, para que uma casa possa aparentemente permanecer limpa se faz necessário constantemente limpá-la, ou seja, o movimento de repetição é objetivamente o que mantém a casa organizada. Destarte, os elementos verdadeiros são antes escolhas dentro de uma gama de possibilidades. Assim sendo, a casa limpa, arrumada, tem um formato específico, isto é, um método, podendo variar isto ou aquilo; todavia, a casa suja, desarrumada tem vários formatos, vários métodos. E, deste modo, o grupo de possibilidades infinitas de uma dada casa arrumada é menor que o grupo de possibilidades infinitas de uma dada casa desarrumada.

Portanto, não há justeza entre as oposições: verdadeiro e falso, ou contém e não contém, pois, as possibilidades entre o “não contém” e o “falso” são infinitamente maiores do que as possibilidades entre o “verdadeiro” e o “contém”, isto levando em questão a estrutura binária. Levando em consideração a pluralidade, trata-se de uma escolha entre infinitas outras. Trata-se então de um problema moral, visto que se não existe o verdadeiro absoluto, isto é, a verdade, ela é antes estabelecida como iniciática, ao invés de iniciar o que quer que seja. Uma questão entre tantas outras foi elevada ao patamar de “metade de todas as coisas”. Como assim? A partir da interpretação da tradição metafísica um dado ponto foi estabelecido como o verdadeiro, esta verdade eleita trata-se de metade da estrutura instituída pela tradição, e todo o restante tornou-se a outra metade, isto é, todo o universo de possibilidades, exceto um ponto, foi determinado como falso. Refletindo um pouco, é possível observar que existem infinitas possibilidades para além do que seja instituído como verdadeiro.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, debruçou-se significativamente acerca da questão da moral. Em seu último livro *A Genealogia da Moral*³¹ o pensador afirma que na tradição ocidental, a moral do grupo se sobrepõe a moral particular, o que contribui para a diminuição das vontades individuais, para que sobrevivam fundamentalmente os valores morais reconhecidos como centrais, preponderantemente herdados e repetido inconscientemente ao longo de muitos séculos.

Para Nietzsche a razão não é criadora, mas uma vítima da universalização de determinados valores. A moral em detrimento da fuga da condição humana (historicidade e sobretudo vontade de poder), segundo Nietzsche, denota paralisação no tempo e no espaço, isto é, controle (autocondicionamento) de um povo sobre seus membros. Ainda assim, Nietzsche não era tão pessimista quanto se pode pressupor, ou desejar, pois ele acreditava ser possível superar a tradição moral instituída, desde que o homem possa viver como homem, o que implica em poder exercitar sua criatividade como inventor de outras éticas, que não aquelas já existentes, que como mero reprodutor de sons, reprodutor de termos as repete. O homem que vive como homem, segundo Nietzsche as ressignifica.

Nietzsche propõe que o que deva ser feito é uma (re)fundação da moral, tendo em vista que isto deva ser feito a partir de uma arqueologia que se aprofunde na história, compreendendo-a e valorando-a de uma forma diferente da vigente, a ponto de transformar o significado das crenças instituídas. Pois, a moral em si mesma não existe, o que existe é uma interpretação moral dos fenômenos. E assim sendo, pode ser modificada.

Necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tornando-se o *valor* desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento.³²

O movimento de reinterpretação da história, levando em consideração que toda e qualquer questão que seja rearticulada em um novo momento, com novos atores, novas

³¹ NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, 2010.

³² NIETZSCHE, 2010, p. 12.

interpretações será também um novo momento que será recontado. E justamente a repetição, que nunca pode ser idêntica uma à outra é o que possibilita a (re)interpretação dos acontecimentos que aparentemente deixaram de existir. Todavia, eles não deixaram de existir como mágica, e, desta forma, coisa alguma deixou de existir, ao invés disto se transformam, se resignificam, se movimentam.

A história da tradição oral tem por característica a reprodução de termos, como se os termos fossem imutáveis, isto é, não se questiona os termos essenciais, verdadeiros, óbvios, ou ainda, consensuais. Principalmente os consensuais, pois todo mundo concorda com eles e, desta forma, não há a necessidade em discutir sobre algo que não precise ser discutido. Na tentativa de mantê-los o mais fiel possível aos documentos, o discurso oral ora reproduz, ora tenta manter o discurso o mais devoto ao passado quanto possível, para que a memória da tradição seja mantida, todavia, este é o argumento de quem pretende parar o tempo, como se isto fosse possível, ao invés de reinscrevê-lo e reinterpretá-lo.

Poderia se dizer que a tradição é a voz reproduzida por uma multidão, todavia, a voz propagada pela aglomeração é estruturada por um restrito número de pessoas, que na maioria das vezes já estão mortas. E, assim, sobrevive basicamente os valores morais tidos como estruturais, hegemonicamente herdados e inconscientemente repetidos durante a história da tradição ocidental. De todo modo, mesmo desejosa, a força da tradição oral não é suficientemente forte para estacionar o movimento do perecimento, mas somente para retardá-lo.

A universalidade, o comum, são elementos que dão a impressão de pertencimento a quem reproduza seus discursos, quem não estiver afinado ao discurso tradicional, muito provavelmente será definido como louco, como estúpido, como marginal ou rebelde. O ímpeto de refazer a história das coisas é, com frequência, precocemente aniquilado pela voz da maioria que não pretende resignificar seus preceitos preferindo ter razão, ter sentido, ter finalidade e etc. A possibilidade da perda da segurança, da perda do que é certo e verdadeiro; faz tremer a voz, ou melhor, faz encorpar a voz de quem acabara de dar um tapa violento na mesa enquanto dizia sim ao tentame de conceituar estaticamente as coisas e o discurso.

Para continuarmos com o nosso pano de fundo desta presente dissertação, que trata sobre a Guerra Civil Espanhola, tendo como referência a experiência do escritor George Orwell que participou dos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola empiricamente, inclusive nos fronts de batalha, com arma em punho, tendo recebido um tiro que o deixou

com sequelas físicas e a vivência em si proporcionou decorrências sensíveis por toda a sua vida. O contexto histórico espanhol em que George Orwell escreveu o livro “Homenagem a Catalunha”, não pode deixar de ser verificado. Cada linha escrita por Orwell, tendo em vista o clima na Espanha no período da guerra, ou ainda, as contingências que atravessaram aquele período, especialmente, entre os países europeus em meio à guerra na Espanha, ou mesmo, acerca da experiência de um estrangeiro em retratar a guerra a partir de um ponto vista, em certa medida, de fora (alienado); foi levado em conta na escrita de Orwell, mesmo que de forma não intencional.

Quanto ao caleidoscópio de partidos políticos e sindicatos, com seus nomes cansativos – PSUC, POUM, FAI, CNT, UGT, JCI, JSU, AIT -, tudo isso só me deixava mais exasperado. À primeira vista, parecia que a Espanha estava sofrendo de uma praga de siglas. Sabia que estava servindo em algo chamado POUM (ingressara na milícia do POUM e não em outra qualquer, porque cheguei com documentos do Partido Trabalhista Independente), mas não percebi que havia sérias divergências entre os partidos políticos.³³

A multiplicidade de forças políticas que Orwell comenta espantado haver na Espanha, pois, segundo ele na Inglaterra não existiam tantas siglas, é já uma verificação das variações existentes entre estes países, que em certa medida são próximos e, em certa medida, distantes. Próximos, pois as contendas de forças que existiam na Espanha não eram estranhas aos ingleses, por se tratarem de ideologias comuns entre os europeus: de comunistas a cristãos tanto Espanha quanto Inglaterra entendiam muito bem (e ainda entendem, visto que, o cristianismo, em ambos os países, nunca tenha perdido a majestade).

Mesmo havendo inúmeras siglas (especialmente entre o lado dos republicanos), nenhuma ideologia evidentemente nova nascia na Espanha, ou ainda, não existia nada que já não fosse do conhecimento de um inglês comum acerca das linhas ideológicas presentes na Espanha, e inclusive, que já não fosse de conhecimento em toda a Europa. O que lhe chamava a atenção era a variedade de siglas que ao invés de se ajudarem ao reconhecerem o inimigo comum, se digladiavam em torno da república que estava sendo destituída pelo autoritarismo (cristãos e fascistas). O lado republicano não conseguiu conviver com suas diferenças internas, e, além disto, existia uma guerra, e mais, existia toda a Europa com suas questões.

³³ ORWELL, *Lutando na Espanha*, 2006, p.205.

A Espanha começou a se reconhecer como país de forma veemente durante o reinado dos reis católicos Isabel I e Fernando IV que representavam a unificação espanhola, devido à junção entre os reinos de Castela e Aragão. O argumento da cristandade foi o motor para a expulsão dos árabes e judeus do território, agora, espanhol. Ser cristão não era sinônimo de espanhol, mas ser espanhol se tornou sinônimo de cristão. A estrutura da unificação foi cristã. Não à toa, o papa Alexandre VI deu o título de “reis católicos” ao casal responsável pela unificação do que se tornaria Espanha, título que se tornou uma tradição entre os monarcas espanhóis desde então.

O autoritarismo e o cristianismo andaram juntos ao longo dos séculos na região da Espanha, os momentos que mais destoaram na história da Espanha em relação a estas duas coligações foram durante as repúblicas, principalmente durante a Segunda República, que como vimos no capítulo anterior, foi destituída, mais que isto, foi esmagada pela tradição após a Guerra Civil Espanhola e a vitória do fascismo, da igreja e de Franco, o que contribuiu para a perpetuação da condição de espanhol/cristão na Espanha, principalmente durante o governo franquista.

O governo da Segunda República cometeu inúmeras faltas, inclusive, para consigo mesma, mas foi também, certamente, o momento em que a Espanha pode respirar, mesmo que muito pouco, para além do autoritarismo. Mesmo o período em que a Segunda República governou não ficou livre da tradição e do seu peso, tradição que é vigente não somente na Espanha, como em toda a Europa. A Segunda República não tinha forças, nem meios de representar uma ruptura significativa a tradição cristã e autoritária. E mais, dentro da própria república a repetição desta tradição, mesmo queimando igrejas foi mantida.

A Segunda República e também a guerra que se institui na tentativa da manutenção do governo, a saber, a Guerra Civil Espanhola foi talvez o período menos relacionado à tradição ao longo do estabelecimento do território espanhol, foi o momento em que se ousou cogitar criar algo para além da tradição. Mesmo que isto não fosse fundamentalmente tão revolucionário assim; ou seja, os correligionários que defendiam a inversão de poder não eram tão radicais assim, pois não havia uma proposta direta de ruptura com a estrutura binária. Se antes eram uns que mandavam e outros obedeciam, de outro modo, são uns novos que pretendem mandar e os que mandavam não mandariam mais. A inversão de quem será o novo mandante não modifica a estrutura dual hierarquizante entre quem manda e quem obedece; podendo variar, no máximo, quem está no comando e quem é comandado.

A Segunda República representou essa tentativa de mudança de quem estava no poder, o que por mais que não seja uma mudança profunda na estrutura de pensamento e organizacional europeia, é, certamente, mais interessante do que o autoritarismo em consonância com o cristianismo, de todo modo, o autoritarismo pode ser pintado de várias cores e ter várias nuances. A proposta de unificação entre os republicanos poderia representar, em certa medida, a confecção de uma esfera que proporcione a aliança interna acerca das questões de cunho consensual, todavia, em geral, o que é consensual é pouco discutido, averiguado e conseqüentemente deixado de fora das demandas entre os membros que se agruparam em torno de uma(s) concordância(s).

Quando o que é consensual deixa de sê-lo abertamente, a unificação deixa de existir. No que diz respeito à Segunda República acerca do consenso entre seus membros/instituições, tratava-se da luta contra o fascismo como prioridade, ao menos aparentemente, pois como discorre George Orwell (2006), para os comunistas a questão emergencial não era a luta contra o fascismo, mas naquele período em que ocorria a guerra civil, o combate se concentrava contra o trotskismo houvesse o que houvesse. “(...) não há como negar que o Partido Comunista foi o principal agente, primeiro contra o POUM, depois contra os anarquistas e contra o setor socialista de Caballero; de um modo geral, contra qualquer política revolucionária”.³⁴

Não significa que Orwell tenha ou não razão, e isto não importa aqui: ter razão. Trata-se, antes, da construção de pensamento elaborada por Orwell em meio aos acontecimentos da guerra civil na Espanha, inclusive. A questão que quero levantar agora é que devido a uma disputa, inclusive aparentemente para além da Espanha, no que se refere a perseguição aos traidores (para os comunistas) do socialismo na URSS, ou seja, os trotskistas; se tornou também para os comunistas espanhóis um consenso. Bem como, para os anarquistas aparentemente a questão consensual tratava-se da luta contra os fascistas, entretanto, a questão consensual entre eles era a revolução; só que, para isto ocorrer, os fascistas precisariam ser derrotados na guerra. Parte significativa dos republicanos não defendia a revolução, mas lutavam contra o fascismo e mais, alguns tinham talvez até mais receio da revolução socialista do que da ditadura fascista.

³⁴ORWELL, 2006, p. 211.

(...) a razão principal era seguinte: exceto os grupos revolucionários que existem em todos os países, o mundo inteiro estava determinado a impedir a revolução na Espanha. Em especial o Partido Comunista, com a União Soviética por trás, jogara todo o seu peso contra a revolução. A tese comunista era que a revolução, nesse estágio, seria fatal, e que deveria ser almejado na Espanha não era o controle dos trabalhadores, mas a democracia burguesa (...) fora da Espanha, poucas pessoas entenderam que houve uma revolução; dentro da Espanha ninguém duvidava disso.³⁵

E assim, o que parecia consensual, isto é, a luta contra o fascismo em primeiro plano, não se tratava fundamentalmente de um consenso, o que certamente, nunca foi debatido, pois todos se diziam consensuais à luta contra o fascismo como prioridade, entretanto, como as questões tidas como consensuais são quase como axiomas, isto é, não chegam a ser inquestionáveis, mas dificilmente são questionadas. Há de se discutir o óbvio, por vezes!

E, de tal modo, o que cada força política realmente desejava e lutava não foi abertamente defendido, num primeiro momento em meio à guerra civil, entre os partidos que compunham o lado republicano. Ao invés disto, foi preferido o semblante de cada partido e de todos respectivamente, de que uma possível vitória contra os fascistas era o que todos aparentemente concordavam; mas isto não era facilmente reconhecido entre as forças políticas que compunham o governo da república. Entre si os partidos que compunham o lado republicano não confiavam uns nos outros.

Diferentemente da união entre fascistas e cristãos que praticamente ocorreu uma simbiose, devido ao espírito escancaradamente fascista do cristianismo ao longo dos séculos; bem como a estrutura cristã se encaixava bem aos moldes fascistas, e assim, a união se manteve rígida durante toda a guerra civil e durante toda a ditadura de Franco. Ou seja, a tradição cristã continuou a frente da Espanha institucionalmente, bem como se manteve forte no discurso entre os espanhóis.

O discurso da tradição metafísica tem por característica o autoritarismo introjetado em quem o reproduz; da verdade que é inquestionável, da idealização dos conceitos, da reprodução de valores que são incontestáveis. O discurso do que é tradicional tem um “quê” de imperial, do que não pode ser questionado, do que é imperativo como a lei que um rei oficializa para os súditos que a acatam e a perpetuam, ou ainda, do que é elementar aos ouvidos de quem ouve.

³⁵ ORWELL, 2006.

Derrida acredita que a linguagem vem carregada do outro, isto é, da tradição, e logo, cheia de possíveis enganos, portanto, deve-se tomar algum cuidado com ela. Lacan também identifica a relação entre a linguagem e o discurso do Outro, todavia, há distinções fundamentais, uma vez que, para Lacan o Outro é o próprio discurso da tradição introjetado no inconsciente do 'eu', que influencia o discurso de cada ente. Em certa medida, Derrida e Lacan anuam, devido ao discurso da tradição e do Outro ser o mesmo.

Derrida, afirma que Lacan³⁶ centra-se na fala e não à escritura, isto é, segue a tradição metafísica em pôr em primeiro plano a oralidade em detrimento à escritura - todavia, ao final de sua vida isto mudará, especialmente no que se refere à exclusividade da pulsão de morte, não mais pulsão de vida também, e ao pensar principalmente no real e no *sinthoma*. Assim sendo, segundo Derrida, Lacan não propõe uma ruptura com a tradição metafísica da voz, uma vez que, mantém o principal alicerce da tradição desde Platão e Aristóteles, a saber, a tradição oral. Derrida se contrapõe ao discurso teórico de Lacan pela sua fundamentação estruturalista, próximo a Lévi-Strauss, e discorda, principalmente de Lacan, no que diz respeito ao campo da psicanálise, tendo em vista que, para o psicanalista este seria o campo da fala e da linguagem, principalmente, no que se refere ao esquema "L" de Lacan³⁷ que trata do simbólico, pois ainda se trata da presença imediata da coisa na consciência.

Derrida e Lacan se aproximam, uma vez que, ambos dão prioridade ao significante, porquanto, é o significante que produz o sentido e não o significado, e, logo, discordam de Saussure e os linguistas, pois estes defendem que o significado é mais importante do que o significante, isto é, para o linguista, os significantes são apenas palavras, e assim, a relação entre significante e significado é arbitrária. O signo linguístico, segundo os linguistas, é dividido em duas partes: significante e significado; o significante é a imagem acústica de um conceito, e o significado é o conceito em si. Por exemplo, uma cadeira real é o referente, a ideia de cadeira é o significado, e os fonemas reunidos constitui o significante. Esta definição é inquebrantável, para Saussure. A estrutura teórica acerca do significante e do significado é muito próxima à teoria de ideal platônico; o significado seria a essência da coisa, ou seja, o universal, para manter o exemplo, o que pode ser reconhecido em todas as cadeiras invariavelmente.

³⁶ A relação entre Derrida e Lacan ao longo desta dissertação tem o livro de Rene Major "Lacan com Derrida" como uma importante referência. Além disto, o ponto de vista a partir de Derrida no que se refere ao conceito de *desconstrução* influencia a interpretação na leitura dos escritos da Lacan para esta dissertação.

³⁷LACAN, *O Seminário Sobre a Carta Roubada*, 1978.

Lacan, diferentemente de Saussure, defende que o significante é central, pois o inconsciente está estruturado como linguagem, tendo em vista, o inconsciente como simbólico (novamente, questão que veremos mais a frente, que não está presente em toda obra de Lacan, ainda assim, está em boa parte dela). Em *O Seminário Sobre a Carta Roubada*³⁸, a carta (*lettre*) é uma metáfora do significante que transita entre variados sujeitos. Destarte, o significante se converte no componente preponderante do discurso consciente e inconsciente.

(...) a relação indireta decanta a dimensão de linguagem, e o narrador geral, ao reproduzi-la, nada acrescenta ‘hipoteticamente’. Mas, no que diz respeito a seu ofício no segundo diálogo a coisa é totalmente diferente.

Pois, este vem se opor ao primeiro como os pólos que distinguimos alhures na linguagem, e que se opõem como a palavra à fala.

O que equivale dizer que aí se passa do campo da exatidão para o registro (...) situa-se num lugar completamente diferente, isto é, propriamente na fundação da intersubjetividade. Situa-se ali onde o sujeito nada pode captar senão a própria subjetividade que constitui um Outro como absoluto.³⁹

Lacan e Derrida concordam no que se refere ao significante como central, em detrimento do significado. Todavia, a escrita para Lacan se tornará fundamental somente ao final de sua vida, ao relacionar o real ao *sinthoma*. Lacan ao longo da sua escrita, nunca identificou o inconsciente como imaginário, e o simbólico era a principal entrada instituída em seu esquema para designar o inconsciente; somente no Seminário 23, *O Sinthoma*⁴⁰ Lacan identifica o inconsciente como real. E, desta forma, apenas nas suas últimas comunicações Lacan se aproxima de Derrida significativamente, tendo em vista a escrita no inconsciente.

Nietzsche escrevera anteriormente acerca do arquivo ao qual Derrida será um grande entusiasta e defensor. Segundo Nietzsche, para se verificar o “espírito” da moral se fazia necessário uma genealogia desta. E esta genealogia deveria ser anterior ao “nascimento” da tradição ocidental, desta forma, Nietzsche retorna à Grécia antiga, à literatura, às tragédias gregas para verificar, pelo arquivo, a genealogia da moral.

Pois é obvio que outra cor deve ser mais importante para um genealogista da moral: *o cinza*, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o

³⁸ LACAN, 1978.

³⁹ LACAN, 1978, p. 21, 22.

⁴⁰ LACAN, *O Sinthoma*, 2007.

realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!⁴¹

Derrida defende que não há nada fora do texto. E mais, argumenta que a escritura se vê ameaçada pela ordem tradicional que tem por característica o reinado da fala em detrimento à escritura. Ele não é apenas um pensador da linguagem, mas da escritura, todavia, não haveria escritura sem linguagem. Para o filósofo, entende-se por escritura todas as modalidades da escrita que sejam necessariamente não-fonéticas. O que fundamentalmente Derrida pretende apontar a partir da teoria depositada na escritura é a existência de um pensamento do “traço”. O “traço” se contraporía fundamentalmente à tradição da consciência, e desta forma, seria correlato da escritura.

Enquanto Lacan postula o sujeito constituído em relação ao Outro, devido à falta que o sujeito sente deste Outro, Derrida radicaliza e coloca em questão o sujeito, tendo em vista que, somente se a subjetividade for destituída será possível ficar fora da cena para que seja possível analisá-la. Destarte, Derrida ira criticar os Registros lacanianos, pois, para ele, não se deve distinguir estruturalmente os registros simbólicos e imaginários. Os três registros Real, Simbólico e Imaginário, e o quarto registro, o ‘Sinthoma’, instituídos por Lacan:

Primeiramente, o registro simbólico, representado pelo esquema “L”, este articula as quatro extremidades: o sujeito “S” (ES, ou sujeito do inconsciente), o pequeno outro (a circulado), e o “eu” (a), e o grande Outro (A). A linguagem está contida neste registro simbólico, é por meio dela que o sistema de representações, baseado em significantes, determinam o sujeito. É através do sistema simbólico que o sujeito se refere a si mesmo ao usar a linguagem. Autonomia do simbólico em relação aos outros dois registros. “Esta postulação da autonomia do simbólico é a única que permite libertar de seus equívocos a teoria e prática da associação livre em psicanálise”.⁴²

Para Lacan, o Outro aparece como o discurso da tradição, a voz do inconsciente, do misterioso, o que está introjetado, o Outro é a própria tradição através do discurso ao longo das gerações. Destarte, a fala, isto é, a ordem simbólica está aprisionada ao ser. Segundo Lacan, a fala está aquém do sujeito e para além do Outro.

⁴¹ NIETZSCHE, 2010, p. 13.

⁴²LACAN, 1978, p.57.

Assim é que, se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser. A ilusão de que ele a formou com sua consciência provém de ter sido através de uma hiância específica de sua relação imaginária com o semelhante que ele pôde entrar nessa ordem como sujeito. Mas ele só pode fazer essa entrada pelo desfilamento radical da fala, ou seja, o mesmo do qual reconhecemos, no jogo da criança, um momento genético, mas que, em sua forma completa, reproduz-se toda vez que o sujeito se dirige ao Outro como absoluto, isto é, como o Outro que pode anulá-lo, do mesmo modo que pode agir com ele, isto é, fazendo-se objeto para enganá-lo. Essa é a dialética da intersubjetividade.⁴³

O registro imaginário, por sua vez, é o correspondente do “eu” do indivíduo. O indivíduo procura no Outro uma sensação de completude, de unidade (muito próximo ao amor platônico em *O Banquete*⁴⁴ que identifica que o amor é sinônimo de falta. Segundo o diálogo de Platão, procuramos no outro o que nos falta, pois nos foi tirado, procuramos a nossa metade perdida para que possamos novamente obter a completude). Todavia, este Outro não existe para desenvolver a imagem com que o “eu” quer ser sustentado. O Estádio do Espelho, isto é, o “eu” como instância de desconhecimento, assim sendo, sede do narcisismo, localiza-se no registro do imaginário, este tem por característica ser o lugar das relações duais, como por exemplo, amor e ódio.

O registro do real é o imponderável, o irreal e o impossível. O que não pode ser simbolizado, e deste modo, distante de toda forma de linguagem, é o que não pode ser penetrado no sujeito. O real escapa a simbolização, pois há a possibilidade de uma “Verwerfung” (rejeição) primitiva, isto é, que algo é simbolizado e que tende a simbolizar no real.

O “sinthoma” é considerado como o quarto registro, este é o que conduz o trajeto analítico na abordagem do real pelo escrito, isto é, do que não pode ser contido de não se escrever, ou ainda, a contingência inicial do gozo que determina nosso destino. É através do real que Lacan apresenta o saber do “não sentido” que acomete ao simbólico com a possibilidade de situá-lo além de seu discurso que seja apenas de um semblante. Destarte, o “sinthoma” inclui o real, pois ao se desarticular sintoma e sinthoma há uma abertura ao real. E, assim, o sinthoma é o que unirá os outros três registros.

A escrita, os grafos, e os nós borromeanos para Lacan são dados pela topologia borromeana como elementos fundamentais da transmissão da psicanálise ao estabelecer o real

⁴³LACAN, 1978, p.57.

⁴⁴ PLATÃO. *O Banquete*, 1977.

no processo analítico. É através de falhas, desconexões e pela possibilidade de ligação que a psicanálise pode ser inscrita dentro de um quadro epistemológico pelo meio da topologia. A topologia do nó borromeano é o recurso que Lacan utiliza para situar o eixo da sua estrutura através da função do real, núcleo real do gozo que se localiza no núcleo do sinthoma. Lacan localiza, a partir da teoria matemática dos nós, sua teoria de nós; a escolha feita deve-se a máxima da teoria matemática que: ao se cortar uma parte dos nós, todos os anéis se desligam. A partir desta estrutura dos nós, Lacan pretendeu construir uma cadeia que permitisse localizar o real e principalmente, localizá-lo próximo à matemática e à lógica.

De acordo com a estrutura lacaniana, a escrita depende do nó borromeano e a escrita do real não é referida à fala, e, deste modo, trata-se de um escrito do qual possamos nos servir, assim, a escrita do real é de ordem pragmática. Os registros instituídos por Lacan não estão isolados, e assim, eles se relacionam, inclusive, é precisamente o envolvimento entre os registros o que possibilita suas especificidades, sendo que, não existiriam isoladamente. É importante destacar que os registros não são irrefutáveis, ou ainda, imutáveis, e mais, são resignificados a cada novo momento, inclusive, pelo próprio Lacan que ao longo de sua vida acrescentou um a um os registros e, nos seus últimos escritos, debruçou-se sobre o real e o sinthoma.

O nó borromeano, estruturado por Lacan, proporciona uma não hierarquia entre os registros. Portanto, se distancia, mesmo que nem tanto aos olhos de Derrida, da estrutura aristotélica que visa à hierarquização dos conceitos, em maior ou menor grau. A estrutura do nó se distancia de possíveis oposições entre os registros, tornando-se, de tal modo, mais amplo do que a estrutura lógica aristotélica, ou mesmo, mais amplo do que a estrutura cartesiana que se utiliza de um ponto localizado a partir de duas retas não demarcadas em um eixo fixo de duas retas no primeiro quadrante; podendo existir outros três quadrantes. Todavia, Derrida reclama justamente com a estrutura e o pensamento estruturante. Ao que parece, ele defende algo mais amplo, isto é, para além das estruturas a começar por Freud e o inconsciente e, paralelamente, pela matematização dos discursos científicos no século XIX.

Derrida aponta para a não existência de um significado único, isto é, uma verdade, ou seja, uma verdade transcendental. Destarte, existe para o pensador uma pluralidade de significados e uma pluralidade de sentidos para além das estruturas. Assim sendo, ler e escrever não implica em uma procura pelo transcendente, mas uma procura para descobrir as cadeias de significantes que despontam do texto. Logo, o significante perpassa pela leitura,

mas principalmente pela escrita. A verdade transcendental trata-se, no que tange aos escritos derridianos, pelo imperativo da presença. Logos e episteme seriam correlatos deste imperativo da presença. Assim sendo, este pensamento trata-se da tradição metafísica em si. E assim, ele defende que ao invés da presença exista o pensamento do traço, correlato à escritura.

O real quando desprovido de sentido pode ser esclarecido quando tomado como *sinthoma*. O *sinthoma*, por sua vez, está adsorvido em torno da falta primeira e da característica desta não ser cessada em relação ao desejo e ao gozo. O real por ser o que não pode ser simbolizado: é a própria falta, o espaçamento, o vazio. E assim, esta parece ser a aproximação que nos interessa com Derrida, pois, o real não pode ser identificado, cristalizado, ou ainda, definido, tendo em vista, uma essencialização; de tal modo, ele não é da ordem da presença, ou baseada na *episteme* ou *nologos*, visto que ele não pode ser simbolizado ou imaginado.

O pensamento do traço, e o distanciamento do pensamento da presença são pontos fundamentais para entender o pensamento derridiano, além disto, a memória e o arquivo também são necessários. No que se refere à memória, esta seria uma escrita caracterizada por traços diferenciais, através dos quais a rede de marcas escriturais determinaria a constituição e a produção de um determinado sentido. Assim, afirma Derrida, “(...) a teoria da psicanálise tornou-se, portanto, uma teoria do arquivo e não somente uma teoria da memória. Isto não impede o discurso freudiano de permanecer heterogêneo”.⁴⁵

Contar uma história, seja qual for a questão, é já um acontecimento político. A escolha em arquivar isto ou aquilo, desta ou daquela forma, a partir de determinadas estruturas de pensamento, ideologias, ou por qualquer motivação que seja, é uma escolha fundamentalmente política. Destarte, a reapropriação da história pode variar de acordo com as estruturas de pensamento, com os pontos de vista de quem recoloca em jogo determinado arquivo; de acordo com determinada estrutura, ou de acordo com determinado ponto de vista. A reapropriação do que é arquivado e do que é recolocado irá variar de acordo com os interesses políticos.

O problema em instituir verdades trata-se, principalmente em determinar quais acontecimentos serão arquivados e quais serão reapropriados de forma autoritária, ou seja, muitos arquivos são intitulados como falsos, na tentativa de não permitir que eles possam vir à tona; e, assim, procura-se a verdade única e defende-se a verdade única, bem como a verdadeira história, ou o

⁴⁵ DERRIDA, 2001, p. 32.

verdadeiro acontecimento. E, diferentemente, da instituição da verdade absoluta, até mesmo uma invenção através da imaginação, algo da ordem do registro do imaginário, pode ser uma reapropriação arquivológica.

(...) o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável ‘passado’, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido (...) O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação.⁴⁶

Trazer a Guerra Civil Espanhola, ao invés de qualquer outro acontecimento histórico, é uma escolha entre outras tantas, que por causa disto, trata-se de um ato político, isto é, a escolha por isto ou aquilo proporciona já um agir político. Destarte, trata-se de um ato político chamar a atenção para uma versão literária acerca da guerra civil na Espanha, especialmente levando em conta, um olhar alternativo de alguém que vivenciou a guerra propriamente. Bem como trata-se também de uma postura política determinada escolher um discurso do lado republicano; sendo o escritor um crítico da pluralidade e defensor dela. O romance “Por Quem os Sinos Dobram” de Ernest Hemingway, ambientado na Guerra Civil Espanhola poderia ser a escolha como objeto deste presente trabalho, ou mesmo poderia ter como objeto qualquer outro livro, que poderia ser sobre a guerra civil na Espanha ou não.

Mas é fato que Joyce faz uma escolha e, nisso, como eu, é um herético. Pois *haeresis* – termo em latim derivado do grego *háresis* que designa a ação de fazer uma escolha e se traduz por “heresia” (N.T.) – é realmente o que especifica o herético. É preciso escolher a via por onde tomar a verdade. Ainda mais porque a escolha, uma vez feita, não impede ninguém de submetê-la à confirmação, ou seja, de ser herético de uma boa maneira.⁴⁷

As contingências proporcionaram as escolhas. E a política está relacionada tanto com as escolhas, como com as contingências. A contingência é constituída tanto do instante em si, como ela é composta por outros tantos momentos que deixam seus rastros nela e, portanto, ela é atravessada por uma gama de questões. Estes atravessamentos podem ser observados na leitura, na escrita, e no discurso, - assim, certamente, como um infinito de possibilidades mais, mas ficaremos com estes três pontos. O que pode variar é a temporalidade deles. O

⁴⁶DERRIDA, 2001, p. 28, 29.

⁴⁷LACAN, 2007, p. 16.

discurso é o mais efêmero destes três pontos elencados, ainda assim, ele pode ser também o que carrega mais elementos desconhecidos, isto é, bem como já vimos, ele pode estar sobrecarregado do outro, da tradição e, assim sendo, muito pouco de quem diz é exposto e um eco de outros discursos e escritos tomam corpo no discurso de quem diz; A leitura pode ser tanto de uma escrita, o que seria uma espécie de discurso, como pode se tratar de uma conversa atemporal; a escrita, por sua vez, trata-se do documento histórico do discurso e quando lido de sua re colocação. Assim sendo, mesmo pontuando cada elemento separadamente eles se relacionam, talvez porque definição alguma pode determinar o início e o fim certo e definitivo do que quer que seja, nem na física quântica, nem na política.

Para Derrida, a realidade psíquica seria constituída por traços e atravessada por fantasmas, de modo que, o sentido seria determinado por estes e aqueles. E mais, a realidade psíquica seria basicamente inconsciente. Ainda segundo Derrida, ela seria caracterizada pela pulsão de realização do desejo, que se apresenta de maneira efetivamente oculta, indireta e enigmática.

Para Freud em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*⁴⁸ não há a possibilidade de acesso direta à realidade, devido ao fato de que algo que está ali, sempre se perde. Destarte, considera que mais do que a perda de realidade o que interessa seria esboçar de que forma o sujeito substitui à realidade. Freud identifica algumas possibilidades de fuga da “realidade”, tendo em vista algum tipo de categorização, assim sendo, na neurose é a fantasia (ou fantasma) que estrutura o sujeito possibilitando o acesso a alguma forma de prazer parcial; no que se refere a psicose o “eu” rejeita (Verwerfung) a realidade insuportável e, assim, se afasta dela a substituindo, por vezes, por uma nova realidade através do delírio, este é impossível de ser simbolizado na realidade.

O real, segundo Lacan, como já vimos, trata-se do que não pode ser simbolizado, do que escapa a simbolização, isto é, na relação entre sujeito e simbólico há a possibilidade de uma rejeição inicial, desta forma, possibilitando que algum tipo de simbolização se manifeste no real através da articulação com o sintoma; esta manifestação ocorre pelo escrito.

Destarte, é possível ver semelhanças entre o “real” de Lacan, a “realidade” de Freud e a “realidade psíquica” de Derrida, pois ambas se assemelham em suas ausências: sem possibilidade de simbolização, impalpáveis, empegáveis, impossíveis de serem definidas, efêmeras. Ambas podem se aproximar, tendo em vista o instante, a contingência. Não há

⁴⁸ Freud, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, 1924.

simbolização possível para o instante, o que há são apenas suas impressões. Isto poderia ser identificado, sem grande cuidado com a definição de “linha dividida” de Platão, isto é, que as coisas seriam impressões da realidade - pode ser, não deixa de ser uma teoria interessante, mesmo que massacrante. Todavia, o conceito de realidade para Platão é bem distinto da realidade para estes três pensadores contemporâneos, pois para estes, a realidade está bem distante de um ‘ideal’ de alguma coisa, e mais, se levarmos em consideração que a realidade (para os contemporâneos), se assemelha ao instante, isto definitivamente está bem distante do ideal platônico.

O instante não pode ser pego, ou simbolizado, ou imaginado. Ele é movimento puro. Na tentativa de simbolizar o instante como A, ele já se transformou em Ab e assim sucessivamente, deixando apenas o rastro do que foi simbolizado. O instante pode ser o “pequeno objeto a” de Lacan. E, assim, pode haver apenas a tentativa de simbolização, mas não sua simbolização efetivamente; qualquer simbolização estará a quem do instante, será outra coisa. Assim sendo, a representação pela linguagem é uma espécie de rastro do real. O instante em si não pode ser representado pela oralidade ou mesmo pela escrita, enfim, pela linguagem. Pois ao se tentar fazê-lo, se faz outra coisa. Não há simbolização possível para o instante, todavia, a concepção de uma simbolização, enquanto a simbolização acontece, ocorre em um dado instante. Destarte, o instante não pode ser simbolizado, mas a simbolização de algo acontece num determinado instante – a simbolização não dá conta do instante, mas o instante dá conta das simbolizações

O instante não pode ser simbolizado, o que pode ser feito é escrever história, contar história, criar teorias, identificar pontos de vista. O instante é o momento em que escrevo, o espaço entre as palavras, enquanto você lê: muito fugaz. O que é possível? Ora, muita coisa. E este é o problema da tradição metafísica, muita coisa é possível, todavia, as possibilidades são limitadas; como se um instante fosse mais fundamental do que outro e sem questionamentos, como se uma coisa fosse verdadeira em detrimento da falsidade de todas as outras coisas.

Todo tema tende a ser atual, o que se faz necessário é a sua recolocação. Na Espanha o tema sobre a sua guerra civil pode, por vezes, ser reconhecido como repetitivo e monótono, salvo exceções: um filme sensível, um escrito inovador, ou uma pequena reviravolta. Parece ser monótona, pois incide que na Espanha sua guerra civil é ainda recente; a monarquia que foi restituída após a morte de Franco, voltou ao poder devido ao general então em exercício, Franco ter passado a coroa para o novo rei, a saber, Juan Carlos I que, posteriormente, passou

a coroa (devido à perda de prestígio político e envolvimento com desvio de dinheiro público) para seu filho Felipe VI. O filho de Juan Carlos I é o atual rei da Espanha. A vitória fascista da guerra civil na Espanha ainda reverbera fortemente naquele país. Todavia, para além do território espanhol a guerra civil não tomou o papel histórico que poderia lhe ser caro, pouco se lembra dela ao recordar os principais acontecimentos (não somente bélicos) da primeira metade do século XX. O que é compreensível tendo em vista a Revolução Russa de 1917, a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, principalmente esta última ainda tão presente em todo o ocidente. A Guerra Civil Espanhola parece ser o acontecimento político que exerceu a função de ligação entre os notórios grandes acontecimentos da primeira metade do século XX. Isto é, ela se passou no “entre guerras” das duas grandes guerras do século XX, além disto, o ideário revolucionário esteve potente durante a guerra civil na Península Ibérica, especialmente no que se refere ao discurso de boa parte dos partidos do lado republicano em favor da revolução.

Os elementos apresentados acima poderiam ser o suficiente para que a Guerra Civil Espanhola tivesse maior repercussão histórica para além da Espanha, todavia, este não é o caso. Um possível motivo pode ser a indiferença política da Inglaterra e da França ao crescimento do fascismo na Espanha na oportunidade, pois “melhor ali do que aqui”; ou ainda, a validação da ditadura de Franco (notoriamente próximo a Hitler e Mussolini) pelos países “democráticos” durante sua ditadura; ou quem sabe, para não ter que rememorar que é possível a defesa dos ideais políticos sem necessariamente ter que defender um determinado Estado-nação. Ou mesmo porque os republicanos perderam a guerra e, devido a vitória fascista não ser lá uma coisa muito benéfica, ninguém queira relembrar a derrota republicana. Existem variadas possíveis questões que implicam em deixar este evento para a Espanha e não para além dela, o que quero destacar é a escolha entre o que será um grande evento político e o que não será. Todavia, um acontecimento pode ser resgatado, desde que haja registros históricos, sempre que recolocado em pauta, e assim, a Guerra Civil Espanhola, por exemplo, pode ser reavivada desde que ela seja reificada. O que será contado, como será contado, as circunstâncias e etc. são escolhas políticas. Assim sendo, o que guardar, e o que trazer à tona, também.

O primeiro capítulo desta dissertação tem caracterizado o jeito comumente aceito de escrever, ou ainda, de relatar um determinado, ou determinados acontecimentos históricos, levando em consideração a aprovação de um especialista, ou ainda, de preferência de vários especialistas que possam dar validade a um determinado acontecimento. Deste modo, isto ou

aquilo ocorreu/ocorre/ocorrerá desta ou daquela forma na história devido à idoneidade dos peritos, neste caso dos historiadores, ou seja, dos contares de história.

O arquivo é, certamente, muito importante e tão importante quanto ele é: como um determinado arquivo é constituído e como ele será reapropriado. Para além do arquivo e com o arquivo, os agentes os constituem e os recolocam; para além do arquivo e com o arquivo, a política! E, assim, a construção do arquivo e a sua readaptação são ações políticas.

Trata-se de uma escolha política que as obras reconhecidas como literárias sejam menos verdadeira do que as obras que organizem estruturas filosóficas (umas tidas como mais sérias do que outras, a variação se dá de acordo com a moda, isto é, com o que esteja em voga no momento em que se releia – e assim, umas se tornam mais verdadeiras do que outras) ou as obras tecnicistas, que visem uma finalidade. Destarte, alguns determinados livros são escolhidos como verdadeiros. Os livros literários reconhecidos como literatura de ficção (O Antigo Testamento, o Novo Testamento ou a Torá poderiam ser reconhecidos como livros de ficção, todavia são reconhecidos como livros religiosos, isto é, são livros que apresentam a revelação da verdade, em geral, são encaixados como menos verdadeiros, pois não se propõem a ser universalistas, mas particulares, isto é, partículas, ou melhor, se propõe a serem pontos de vista.

Na Grécia antiga, a literatura sofreu graves críticas de Platão⁴⁹ devido ao argumento de que ela se tratava da sombra da sombra. As relações reconhecidas por Platão como reais eram à sombra das ideias. E as ideias, segundo Platão, tratam acerca do formato das coisas, ou seja, a ideia de mesa, refere-se a algo que todas as mesas têm, e assim, existe algo em todas as mesas que é essencial para todas elas. Destarte, na realidade nenhuma mesa pode ser o tipo ideal de mesa e o que conhecemos de uma dada mesa nada mais é do que uma impressão de mesa, visto que seria impossível conhecer a mesa em si. Deste modo, a literatura, segundo Platão, seria constituída das impressões das impressões, assim sendo, a imitação da imitação, e, portanto, muito inferiorizada por Platão.

Ao longo da tradição metafísica as obras tidas como literárias foram organizadas como sendo da ordem das opiniões (*doxa*), longe das obras reconhecidas como engrandecedoras, próprias do conhecimento (*episteme*). As obras literárias, em geral, são identificadas como interessantes, todavia, não são tão levadas a sério como as obras filosóficas, científicas e religiosas. Não são tão levadas a sério, pois a literatura é reconhecida como menos verdadeira

⁴⁹ Especialmente no Diálogo de Platão: *A República*.

do que as áreas mencionadas a pouco, isto é, trata-se da ordem do que é ficcional, como o seu próprio nome apresenta. Assim sendo, a literatura se refere acerca da opinião de alguém que, inclusive, possa não estar autorizado a escrever sobre determinado tema, e quando autorizado, geralmente versa sobre a imaginação de quem escreve, tornando-se da ordem da fantasia, da irrealidade, ou seja, distante do que seja verdadeiro.

A escrita de George Orwell acerca da Guerra Civil Espanhola não é, em absoluto, a história oficial, ou mesmo, ela é levada em consideração para entender determinados aspectos sobre a Guerra Civil Espanhola, e certamente *Homenagem à Catalunha* está longe de ser uma autoridade sobre o assunto. Trata-se de um livro jornalístico, e mais, trata-se de um livro carregado de sentimentos (o que deslegitima a escrita no que se refere ao seu teor “científico”), além disto, este livro versa sobre a ordem do pulsional, tendo em vista as experiências que o autor foi agente.

Este possivelmente seja o livro sensivelmente mais importante para o autor de toda a sua obra (lembrando que se trata de uma especulação, tendo em vista que, ele não documentou isto), mas mesmo neste quesito, dificilmente Orwell é lembrado por este livro, ou ainda, talvez “Homenagem à Catalunha” seja lembrado e traduzido para vários idiomas devido ao fato de que Orwell escreveu *1984*⁵⁰. Se não fosse *1984*. Possivelmente, esta dissertação seria bem diferente, ainda assim, não tratarei sobre este livro, ao menos não diretamente; mas não posso deixar de comentar sobre a existência de *1984*, principalmente, no que se refere a importância no que se refere à obra de Orwell e, especialmente, acerca do desdobramento fantasmagórico que este livro representa para este singelo escrito. Quero apontar a condição de que assim como *1984* ronda a obra de Orwell, *Homenagem à Catalunha* talvez seja ainda mais presente nos escritos de Orwell posteriores à Guerra Civil Espanhola. Assim sendo, *1984* é deveras influenciado por *Homenagem à Catalunha*. Esta dissertação tem como pano de fundo o livro *Homenagem à Catalunha* que chegou até mim, provavelmente, devido ao sucesso de *1984*, todavia, este último livro teve êxito porque Orwell vivenciou a Guerra Civil Espanhola e escreveu *Homenagem à Catalunha*.

A crítica forte de Orwell em *1984* sobre o totalitarismo teve grande repercussão, sobretudo, durante a segunda metade do século XX, este escrito foi extremamente bem-vindo no ocidente, principalmente, por causa da postura contrária à figura de Stalin e a URSS nos

⁵⁰ ORWELL, *1984*, 2005.

anos que se seguiram a Guerra Fria. Não me adentrarei ao que se refere à Guerra Fria, gostaria apenas de comentar que curiosamente o governo de Franco durante o período da Guerra Fria foi apoiado pelos EUA: o totalitarismo e suas variadas facetas; o que parece não mudar é a faceta autoritária que o despotismo carrega consigo. E, assim, o livro *1984* que foi influenciado pelos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, que resultou na escrita de *Homenagem à Catalunha*, devido a vivência de Orwell na Catalunha em meio à guerra civil na Espanha contra o fascismo foi um dos livros que representaram a crítica ao despotismo e a crítica aos países socialistas, a partir do olhar da intitulada -por seus membros- democracia. Ainda na segunda metade do século XX, os países democráticos liderados pelos EUA contra o totalitarismo de países como a URSS, defendiam a pluralidade apoiando, por exemplo, as ditaduras militares na América Latina (neste caso não se tratou apenas de apoio, mas de intervenção mesmo) e o governo de Franco na Espanha.

Ao que parece, a crítica de Orwell poderia ser para qualquer condição em que o despotismo tenha força significativa, e, assim sendo, possivelmente, ele não ficaria satisfeito com a postura autoritária que os EUA tomaram e ainda tomam em relação à política externa e mesmo interna. Entretanto, o escritor, em geral, perde o controle de sua obra no momento em que ela é concluída, e, assim, ela não é mais totalmente dele, neste caso, é um pouco dos membros do governo dos EUA durante a Guerra Fria, é um pouco minha, e enquanto você lê isto: já é nossa. A perda do controle do escritor em relação ao seu escrito (que num segundo momento não será mais somente dele) será uma constante, pois o escrito será sempre resignificado no instante da ação. E, desta forma, uma obra pode ser reinterpretada tantas e tantas vezes, de tantas e tantas maneiras. Assim sendo, cada novo escrito é novo, e, sobretudo, único!

Orwell, ao longo do livro reclama significativamente do número elevado de siglas e seus significados do lado republicanos (visto que havia uma divisão em duas partes: fascistas versus republicanos), entretanto, Orwell estava organizado em um desses partidos menores, isto é, ele não era membro nem do partido anarquista, tão pouco, do partido comunista, ou ainda, a inscrição partidária ao qual ele ingressou durante a Guerra Civil Espanhola não se tratava do partido republicano, mas de um partido próximo ao trotskismo, que mesmo se vencesse a guerra contra os fascistas, ainda existiriam os republicanos, os comunistas, somente os anarquistas eram simpáticos aos olhos dos trotskistas, e uma possível vitória anarquista também seria um problema futuro para os trotskistas, entretanto, isto não é exclusividade desta linha de pensamento. Poucas são as linhas ideológicas que estão

satisfeitas fora da sua área de conforto, a saber, o poder político e menos comum ainda são os que conseguem implementar a proposta desejada quando estão à frente do poder político.

Uma determinada força política pode estar enfraquecida de várias maneiras, mesmo sendo mantido o poder simbólico e a união com outras forças, ainda assim, em alguns estágios os interesses entre os variados discursos não se coadunam, isto é, num dado momento siglas que ora são próximas se tornam inimigas noutro momento, ou ainda, siglas enormes se fragmentam; são os jogos de interesses, que por estarem em movimento, por vezes se aproximam, noutras se chocam, ou ainda, sequer se percebem; está tudo em jogo o tempo todo, mas a história (que pode ser o inconsciente, o outro e etc.) e a ação determinam o curso do movimento. Contudo, quero salientar que o movimento se refere, tendo em vista, a dialética e para além dela, podendo ser dialético e não apenas tendo que ser dialético. Não se trata da exclusão da estrutura dialética em detrimento de outra estrutura, isto seria já dialético, se trata de identificar que a dialética também faz parte, mas não é exclusiva. Deste modo, a pluralidade permite também a estrutura dialética, mas não sua exclusividade permanente.

A variedade de forças apresentada na Espanha durante a sua guerra civil (que fique registrado que não se trata apenas do caso da Espanha durante a guerra civil, mas me refiro a este tema, tendo em vista que escolhi este contexto histórico), pode ser identificada dentro da estrutura dialética, mas pode também ser identificada para além dela, de acordo com as influências de variadas possibilidades e a ação: todas são questões políticas. A pluralidade de interesses é uma marca reconhecida do lado republicano, diferentemente do que se refere ao ponto de vista fascista que propõe a redução de forças a todo o momento, ou seja, defende que apenas um ponto de vista prevaleça. Geralmente a defesa do despotismo se apresenta como sendo da ordem do discurso de universalidade. Deste modo, o discurso de universalidade trata-se do “semblante” (ou faceta) de um particular.

Parece difícil a manutenção da pluralidade, pois os interesses particulares, volta e meia, se sobressaem em relação à possibilidade de pluralidade, o movimento de ampliação, diminuição e, principalmente, de modificação é constante, visto que pessoas morrem e nascem a todo instante. Ainda assim, tendo em vista a possibilidade de multiplicidades é que as particularidades se apresentam. Levando em conta o aspecto político desta questão é possível verificar essas mudanças a partir dos discursos e a partir dos escritos, nem mesmo os escritos são definitivos, são apenas conservados por mais tempo se comparado aos discursos, por sua vez, mais efêmeros.

Homenagem a Catalunha assemelha-se mais como uma forma de relato quase oral, do que propriamente uma estrutura formal que necessitaria da escrita. A escrita para Orwell, neste caso, é constituída próximo à oralidade, todavia muito mais constante por ter sido documentada, ou seja, escrita, ainda assim, é possível imaginar Orwell dizendo em voz alta seus percalços e seus pontos de vista. Este livro parece uma mistura entre a oralidade e o escrito. Como um contador de histórias que a voz retumba quase que de forma atemporal por ter documentado seus casos.

Curiosamente, ao final de sua vida, Orwell preocupou-se, principalmente, com o livro *Homenagem à Catalunha* mais do que qualquer outro escrito que tenha produzido até então, assim sendo fez algumas modificações no livro, que inclusive, nunca teria a oportunidade de vê-las editadas, pois veio a falecer antes da edição com suas modificações. Orwell faleceu aos 46 anos, ainda jovem e muito promissor como escritor. É fundamental verificar a importância desta obra ao longo da vida de Orwell para, desta forma, identificar em seus escritos posteriores influências diretas e indiretas do período em que esteve na Catalunha em meio a Guerra Civil Espanhola.

Orwell apresenta ao longo do livro sua experiência numa guerra, inclusive, esta foi sua primeira e última experiência em campo de batalha, que ocorreu justamente no período “entre guerras”. Durante a Primeira Guerra Mundial era ainda muito jovem e durante a Segunda Guerra Mundial, também não esteve nos fronts, pois abandonou a carreira militar e não era jovem o bastante para ter que servir ao exército na linha de frente; assim sendo, sua experiência derradeira em guerras ocorreu na Espanha, país, inclusive, que nunca mais retornou.

Em segredo, estava assustado. Sabia que a linha estava calma no momento, mas, ao contrário da maioria dos soldados ao meu redor, eu era velho o bastante para me lembrar da Grande Guerra, embora não velho o bastante para ter lutado nela. A guerra, para mim, significava projéteis rugindo e estilhaços ricocheteando; acima de tudo, significava lama, piolhos, fome e frio.⁵¹

Orwell começa o livro contando um caso referente a afeição que guardou por um homem italiano que nunca mais teria notícias, já enquanto escrevia (longe da Espanha, pois nenhuma linha do livro foi produzida neste país) sabia que possivelmente aquele homem

⁵¹ORWELL, 2006, p.42, 43.

poderia já estar morto, todavia, ao escolher começar o livro contando sobre o contato fugaz que teve com um tal italiano por quem gerou afeição, Orwell dá feição ao sentimento para com todos e particularmente com cada um que, assim como ele, estiveram na Guerra Civil Espanhola e mesmo após a guerra civil neste país: tornaram-se espanhóis. Eram espanhóis enquanto ali estiveram e ao rememorar as feições e afeições que a guerra lhes proporcionou. Assim sendo, a superficialidade aparente do contato entre Orwell e o italiano não se tratou de algo aparentemente ínfimo, todavia, o sentimento foi profundamente íntimo, este para Orwell, possivelmente, e por isto a escolha deste contato para iniciar o seu livro. A descrição deste homem poderia definir o sentimento para com seus companheiros de batalha que estavam ao seu lado na guerra:

Quando saímos, ele cruzou a sala e apertou a minha mão com força. Estranho, a feição que se pode sentir por um desconhecido! Foi como se o espírito dele e o meu tivessem por um instante conseguido atravessar o abismo da linguagem e das tradições e conhecer na mais profunda intimidade. Esperava que ele gostasse de mim tanto quanto gostava dele. Mas também sabia que para conservar minha primeira impressão não devia vê-lo de novo; e, nem é preciso dizer que nunca mais o vi de novo. Estávamos sempre fazendo contatos desse tipo na Espanha.⁵²

O episódio ocorrido na companhia Telefônica, talvez tenha sido o estopim para a crítica de Orwell em relação aos comunistas e em relação à URSS, especialmente, devido ao sentimento de traição, visto que, para Orwell, os comunistas traíram seus princípios, seus ideais ao se posicionarem, a partir do ponto de vista de Orwell, a favor da vitória fascista, ao invés de estarem a favor da revolução socialista. Não se trata de estar certo ou errado, trata-se, antes, das impressões que por haver escolhas entre o que seja certo ou errado não são levadas significativamente em consideração, tornando-se, se não falsas, duvidosas. A informação que Orwell apresenta acerca da disputa da Telefônica não é reconhecida como falsa, entretanto também não é a oficial, pois Orwell não foi um especialista sobre guerras, ou história, ele “apenas” contou uma história, e assim sendo, dependendo de quem conta a história ela é ou não é reconhecida como verdadeira. Torna-se um relato e é justamente o que quero destacar: um relato pode ser verdadeiro ou falso, entretanto, isto será determinado somente num segundo momento, sendo específica, no momento em que alguém aponta e diz que aquele relato é verdadeiro ou falso, ou seja, alguém torna válido de acordo - pisme: do ponto de

⁵²ORWELL, 2006, p.28.

vista. E mais uma vez voltamos a questão do óbvio. O óbvio, neste caso, trata-se de que a verdade, aquela reconhecida como verdadeira, refere-se a um ponto de vista entre tantos outros! Destarte, também me refiro a um ponto de vista, ou melhor, alguns pontos de vista.

George Orwell ficou empolgadíssimo com a cidade de Barcelona, todavia, como bom inglês que era, tinha que reclamar da desorganização dos espanhóis. Reclamou que as instruções eram insuficientes para o preparo em uma guerra; que não havia armamento para todos e, por isto, não havia armamento para o treinamento; segundo ele, os espanhóis não sabiam fazer guerra e eram muito impontuais. Todavia, ficou impressionado com a generosidade espanhola: “Mas antes ser estrangeiro na Espanha do que na maioria dos outros países. Como é fácil fazer amigos na Espanha”.⁵³

Uma guerra poderia ser definida menos pelas estratégias, pelas conquistas de território, pelas crises, ela poderia ser definida por sensações, a partir das impressões, tendo em vista, o que definimos como nossos sentidos. A percepção de Orwell em relação à guerra foi apresentada desta forma por ele: “Agora estávamos perto da linha de frente, perto o bastante para sentir o cheiro característico da guerra – na minha experiência, um cheiro de excremento e comida estragada”.⁵⁴ Especialmente, por se tratar de seu primeiro contato com a guerra propriamente, é possível fazer menção ao instinto ancestral humano em relação ao olfato, este entre os cinco sentidos classificados que conhecemos é o mais visceral para a sobrevivência nos primórdios da humana (certamente que isto pode ser questionado, como qualquer outra questão seja ela qual for, e instituída por quem quer que seja), possivelmente, Orwell entrou em contato com nossos ancestrais e identificou que a guerra não poderia ser boa coisa, tendo em vista que, excremento e comida estragada não representam sensações agradáveis.

Por causa do número reduzido de armamentos, os treinamentos eram inexistentes, assim, quem nunca tinha pegado num fuzil, ou em qualquer outro armamento não fazia a menor ideia de como proceder, e muitos não sabiam como providir, principalmente, pois muitos dos homens a frente nas trincheiras eram meninos, alguns com 14, 15, 16 anos e que precisariam de treinamento, mas isto não era possível. Além do reduzido número de armas, boa parte tratava-se de armas obsoletas e de má qualidade. Ainda assim, segundo Orwell, o lado fascista era um tanto acomodado. “Só Deus sabe quantas vezes o padrão de pontaria

⁵³ ORWELL, 2006, p.35.

⁵⁴ IBID, p.40.

espanhola salvou minha vida”.⁵⁵ Entretanto, justamente devido à má pontaria espanhola Orwell tenha sido atingido e pela mesma má pontaria, tenha sobrevivido.

“A verdadeira arma não era o fuzil, mas o megafone. Incapazes de matar o inimigo, gritava-se com ele”.⁵⁶ Ao invés de tentar atirar no inimigo, visto que não era tão fácil, pois os armamentos não eram bons, os atiradores também não, e, ao que parece, não era muito diferente do lado fascista, deste modo, tanto um lado, como o outro tentava convencer o inimigo a se tornar um desertor. Com a vinda do desertor se ganha três vezes: o inimigo perde um soldado, soma-se um soldado a mais para o lado em que o desertor migrou e mais, geralmente o desertor trazia consigo o seu fuzil, o que ao menos para o lado dos republicanos era uma boa coisa, pois os fuzis alemães, segundo Orwell, eram muito bons. Assim sendo de cada lado gritava-se “Torradas com manteiga”,⁵⁷ na tentativa de seduzir seus inimigos.

No final de março, Orwell pegou uma infecção na mão, devido a isto ficou dez dias internado no hospital de Monflorite (próximo de onde estava na oportunidade), lá os ajudantes de enfermagem roubaram quase todos seus objetos de valor e sua câmera com todas as suas fotografias, logo, não existe nenhum registro fotográfico remanescente realizado por George Orwell, mesmo que ele tenha se preparado para tanto; além das fotografias que estavam em sua máquina fotográfica, posteriormente, outras fotografias e documentos que estavam no hotel com sua esposa Eileen Blair foram apreendidas pelo governo (segundo Orwell, especificamente pelos comunistas membros do governo).

Orwell observou que não existiam muitas reverências para com os mortos na Espanha, mesmo as lápides datadas de antes da guerra civil não possuíam inscrições religiosas, e mais, fica impressionado sobre o sentimento daquela região da Espanha em relação à religião, especialmente, no que se refere a sua relação com a instituição religiosa, neste caso, a igreja católica:

Impressionou-me que o povo nessa parte da Espanha não possuísse nenhum sentimento religioso – sentimento religioso, quero dizer, no sentido ortodoxo. É curioso que durante todo o tempo em que estive na Espanha nunca tenha visto, nenhuma vez, uma pessoa fazer o sinal-da-cruz; e, no entanto, pensaria que um movimento assim se tornasse instintivo, com ou sem revolução. Obviamente a igreja espanhola voltará (como se diz, ‘a noite eos jesuítas sempre voltam’), mas não há dúvida de que no início da

⁵⁵ IBID, p.60

⁵⁶ IBID, p. 66.

⁵⁷ IBID, p.67.

revolução ela entrou em colapso e foi esmagada numa medida que seria impensável, até mesmo para a moribunda Igreja Anglicana em circunstâncias semelhantes. Para o povo espanhol, ao menos para a Catalunha e de Aragão, a Igreja era pura e simplesmente uma embromação. E é possível que a crença cristã tenha sido substituída em parte pelo anarquismo, cuja influência é muito difundida e que, sem dúvida, possui uma coloração religiosa.⁵⁸

Do lado fascista Orwell comenta que a escassez era generalizada em relação aos pertences pessoais quase que inexistentes, se entre os soldados republicanos as condições da guerra não eram fáceis, para os soldados fascistas havia apenas pão mofado e, como é de praxe em uma estrutura fundamentalmente militar, como entre os fascistas, a impessoalidade era bem marcada; do lado republicano, por vezes, Orwell reclamou da falta de hierarquia, da displicência juvenil, da má preparação em relação aos armamentos, mas ainda assim, era mais comum ver um desertor fascista lutando ao lado republicano, do que um republicano virar-casaca.

Era impossível não ficar impressionado com a flagrante miséria dos abrigos fascistas. Não se via nem mesmo os montículos de mudas deroupa, livros, comida, pequenos objetos pessoais que se viam em nossos abrigos; esses pobres conscritos sem salário pareciam não possuir nada além de cobertores e alguns nacos de pão mofado.⁵⁹

Orwell aponta para os soldados fascistas como pessoas que poderiam estar ao lado dele, entre os republicanos; e que possivelmente por uma questão meramente regional estavam lutando em defesa da bandeira fascistas menos devido a uma convicção ideológica e mais pela obrigação, em certa medida, uma convicção próxima da qual quem acorda todos os dias para trabalhar numa mina de carvão, ou para cortar cana: sobrevivência! Os soldados fascistas não eram defensores do fascismo teoricamente, inclusive, parte significativa sequer sabia ler. Entre os soldados republicanos, especificamente, os espanhóis, o analfabetismo também era elevado, todavia, a defesa da república simbolizava mesmo para quem não soubesse ler, a melhoria das condições de vida, ou ao menos, a utopia como sonho, os soldados republicanos ainda podiam sonhar. Mesmo Orwell sendo, aparentemente, sensível aos soldados fascistas e as suas condições de vida, ainda assim, estavam de lados opostos e, quando possível, se matariam, cada um por seu motivo, e, em última análise, cada um

⁵⁸ IBID, p.79.

⁵⁹ IBID, p.94.

defendendo a sua vida. Mesmo que ambos os lados possam entender a si e ao outro, no que se refere as suas motivações, ainda assim, o jogo instituído devido a guerra grita e cada um defende a sua própria vida.

Agachamos esperando a explosão. O rastilho sibilou, vermelho, enquanto voava pelos ares, mas a bomba falhou. (Pelo menos um quarto dessas bombas era imprestável)(...) gritei para os outros para saber se alguém tinha uma bomba para me ceder. Douglas Moyle remexeu no bolso e me passou uma. Atirei-a e joguei-a de braços. Por um desses golpes de sorte que acontecem mais ou menos uma vez por ano, consegui jogar a bomba quase exatamente onde o fuzil disparara (...) pegáramos um deles, de qualquer forma; não sei se morreu, mas estava certamente muito ferido. Pobre desgraçado, pobre desgraçado! Sentia uma vaga tristeza, enquanto o ouvia gritar. Mas, no mesmo instante, na luz difusa dos clarões dos fuzis, vi ou imaginei ver uma figura em pé, perto de onde o fuzil estava disparado. Levantei meu fuzil e abri fogo.⁶⁰

A respeito da vivência no front de batalha, Orwell identificou que aquela experiência se aproximava da experiência do socialismo.

Em certo sentido, seria verdadeiro dizer que se antegozava ali o socialismo, ou seja, a atmosfera mental predominante era a do socialismo (...) não havia mais ninguém ali, a não ser nós mesmos e os camponeses, e ninguém era dono de ninguém (...) Estivéramos em uma comunidade onde a esperança era mais comum do que a apatia ou o cinismo, onde a palavra ‘camarada’ significava camaradagem e não, como na maioria dos países, tapeação. Respirávamos o ar da igualdade.⁶¹

Neste fragmento é possível observar que Orwell tinha uma visão romantizada no que se refere ao socialismo, este se tratava muito mais de um estado de espírito para ele, do que de uma estrutura de governo. G. Orwell apresenta certa mágoa em relação aos socialistas em outros países, ele ainda não escreve isto neste ponto, mas nos capítulos posteriores irá apontar para a decepção em relação ao socialismo na URSS. E em relação aos seus escritos posteriores será um crítico fervoroso da URSS. Infelizmente, será reconhecido como um escritor liberal, defensor do liberalismo – seus escritos tornaram-se potentes na crítica ao socialismo – do que um escritor que critica o que se tornou o socialismo na URSS especificamente. Orwell tornou-se um crítico do socialismo na URSS, que, aparentemente na

⁶⁰ IBID, p.97.

⁶¹ IBID, p.105.

percepção de Orwell, deixou sensivelmente deixou de ser socialista, para se tornar um governo controlador (1984) e burocratizado (*Revolução dos Bichos*). Orwell não se tornou contrário ao socialismo, mas um crítico da degenerescência do sistema socialista da URSS. Tornou-se um crítico duro em relação ao socialismo da URSS justamente devido a sua idealização, assim sendo, sentiu-se traído pelo partido comunista da União Soviética, pois os ideais socialistas não poderiam existir juntamente ao Stalinismo.

Após alguns meses no front de batalha, Orwell retorna à Barcelona. A cidade estava dividida da seguinte forma segundo Orwell: a classe trabalhadora acreditava numa revolução e a burguesia estava assustada, assim, temporariamente se disfarçava como trabalhadores; todavia, ele percebe algumas diferenças quanto ao espírito dos moradores da cidade, segundo ele, estavam ‘aburguesados’. Além disto, o Exército Popular, que defendia a retaguarda, naquele momento em Barcelona era mais elevado do que as milícias que estavam no front, o que gerou certo desconforto aos milicianos e a Orwell.

Neste período que voltou para Barcelona, Orwell desejava ir para a frente de Madri, e assim, deixaria o POUM para juntar-se aos anarquistas, ou mesmo, para juntar-se aos comunistas, caso fosse necessário.

Dissera a todo mundo já havia muito tempo que deixaria o POUM. Se fosse pelas minhas preferências estritamente pessoais, gostaria de me juntar aos anarquistas. Se me tornasse um membro da CNT, era possível entrar na milícia da FAI, mas me disseram que era mais provável que me mandassem para Teruel do que para Madri. Se eu quisesse ir para Madri, devia ingressar na Coluna Internacional, o que significava conseguir uma recomendação de um membro do Partido Comunista. Procurei um amigo comunista ligado à assistência médica espanhola e expliquei-lhe meu caso. Pareceu-me ansioso para me alistar e me pediu, se possível, para convencer alguns dos outros ingleses do Partido Trabalhista Independente a virem comigo. Se estivesse melhor de saúde, provavelmente teria concordado na mesma hora. É difícil dizer agora que diferença isto teria feito. Muito provavelmente, teria sido mandado para Albacete antes que as batalhas de Barcelona começassem; neste caso, não tendo visto as batalhas de perto, poderia ter aceitado a versão oficial delas como verdadeira.⁶²

Enquanto isso, a cidade de Barcelona, silenciosamente, se dividia, segundo Orwell, a divisão consistia no antagonismo entre os que desejavam a revolução e os que desejavam que ela fosse evitada ou reprimida, isto é, a disputa tratava-se entre anarquistas contra comunistas.

⁶² IBID, p.118.

E assim, começava a Batalha de Barcelona, episódio que parece ter sido fundamental para o desgosto de Orwell em relação ao Partido Comunista, especialmente, o Partido Comunista Soviético que, na oportunidade, tinha grande influência em relações com o Partido Comunista Espanhol.

A Guerra Civil Espanhola ficou marcada pela experiência bélica, especialmente, em relação as frotas de aviões da Alemanha nazista; como a principal guerra na Europa no período que ficou conhecido como “entre guerras”, que se refere a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial; pela vitória fascista e a perpetuação do fascismo até 1975, isto é, até a morte de Franco; todavia, o que quero chamar a atenção neste ponto trata-se da disputa entre os republicanos, que se juntaram para não permitir o domínio fascista. Quero pontuar acerca da disputa interna entre os partidos que constituíram o eixo republicano, assim sendo, neste caso a possibilidade da pluralidade dentro do governo contribuiu para o aniquilamento das forças a favor da manutenção da república.

A Companhia Telefônica de Barcelona era operada por membros da CNT e funcionava como uma espécie de quartel general dos anarquistas em Barcelona. No mês de maio de 1937 o local foi atacado pela Guarda de Assalto, tratava-se da polícia da República. Este episódio ficou marcado pela contenda entre membros que constituíam o lado republicano, a saber: comunistas (PSUC) versus anarquistas (CNT-FAI) e alguns poucos trotskistas (POUM). Nos dias do final do mês de maio de 1937, Barcelona se transformou em cenário de uma guerra urbana. “(...) poucas experiências podem ser mais fastidiosas, mais desencorajadoras, ou, por fim, mais arrasadoras para os nervos do que aqueles malditos dias de guerra urbana.”⁶³

Nenhum lado gostaria que a batalha na cidade tomasse grandes proporções, pois isto poderia significar na vitória fascista. A possibilidade da derrota para os franquistas foi receada por comunistas e anarquistas. A solução para essa disputa, segundo Orwell, foi a de responsabilizar o POUM e, deste modo, este partido tornou-se ilegal e seus membros foram perseguidos e presos. Para Orwell, os anarquistas eram a própria representação dos trabalhadores e eram pessoas do próprio povo, diferente dos comunistas e dos republicanos, o POUM, partido em que ele tornou-se membro durante a GCE preferiu ficar ao lado dos anarquistas ao invés de ficar do lado dos comunistas, muito compreensível, pois os partidos comunistas de toda a Europa eram influenciados diretamente pelo Partido Comunista

⁶³ IBID, p.131.

Soviético e o POUM detinha proximidade com o pensamento trotskista, que era o principal rival soviético na ocasião. Desta forma, não seria razoável ao POUM juntar-se ao PC Espanhol, pois mesmo que os comunistas espanhóis fossem reconhecidamente do povo pelos membros do POUM, este partido ainda seria seu inimigo pela proximidade com o trotskismo. Como os anarquistas eram muito mais fortes numericamente do que os comunistas na Catalunha, não seria razoável, ou melhor, estratégico tornar a CNT uma organização ilegal.

Jamais se fará um relato completamente isento e correto das batalhas de Barcelona porque os registros necessários não existem. Os futuros historiadores não terão nada em que se basear a não ser uma montanha de acusações e propagandas partidárias. Eu mesmo tenho poucos dados, além do que vi com meus próprios olhos e do que soube através de testemunhas oculares, que acredito serem confiáveis.⁶⁴

Os documentos sobre a GCE a partir de uma perspectiva de parte do lado republicano, especialmente, no que se refere aos dias de guerra urbana que ocorreu em Barcelona são quase inexistentes, principalmente, tendo em vista que, por mais de 30 anos todo o território espanhol sofreu com a ditadura franquista, isto é, a história sobre a GCE e nela as contendas entre os membros do lado republicano não eram importantes, ou ainda, se eram importantes, era fundamental que se mantivesse silêncio acerca do que não fosse de interesse franquista, em outras palavras: a perspectiva do lado republicano, inclusive, no que se refere as suas contendas foram ignoradas pela ditadura franquista, isto é, por quem detinha os documentos sobre a guerra civil e, logo, quem detinha o poder de determinar o que seria documentado ou não, assim sendo, os fascistas venceram a guerra e detiveram o “direito” de contar a guerra de acordo com seus interesses e ponto de vista.

Muita poeira foi baixada pela imprensa antifascista, mas, como sempre, só um lado foi ouvido. Isso resultou na versão de que as batalhas de Barcelona tinham sido uma insurreição de anarquistas e trotskistas desleais, que ‘apunhalaram o governo espanhol pelas costas’ e assim por diante. A questão não era assim tão simples. Sem dúvida, quando se está em guerra com um inimigo mortal, é melhor não começar a brigar entre si; mas vale a pena lembrar que só se inicia uma briga com dois, e que as pessoas não começam a construir barricadas, a menos que tenham sofrido algo que considerem uma provocação.⁶⁵

⁶⁴ IBID, p.229.

⁶⁵ IBID, p236.

Este parágrafo acima fica explícita a tentativa de Orwell em deixar registrado o ponto de vista anarquista e trotskista, respectivamente da CNT e do POUM, especialmente, pois parece ser de sua compreensão que mesmo entre os republicanos existiam divergências significativas, algumas, inclusive, que não conseguiram esperar ao final da GCE para eclodirem, e, desta forma, ficou, em grande parte, sob sua responsabilidade registrar as impressões de duas linhas política que tinham pouca, ou nenhuma força para além das fronteiras da região da Catalunha, pouca ou nenhuma força em relação ao restante da Espanha e pouca ou nenhuma força em relação ao restante de Europa.

Em geral a pluralidade pode ficar escondida devido uma determinada disputa de forças que esteja em curso e que ao final de um certo ciclo, um dado vencedor detém os “direitos” para contar a história, assim sendo a pluralidade é mais visível em meio à contendas políticas, quando determinado campo se torna vitorioso o eventual perdedor (vitorioso pontualmente, pois vitória, ou derrota alguma é eterna, mesmo que pareça, mesmo que se afirme isto) perde a condição de documentar seu ponto de vista como verdadeiro e, assim, torna-se especulação, os dados são insuficientes, ou como neste caso, pertence a literatura jornalística, não sendo grande valor histórico, apenas literatura. E assim sendo, a história oficial do que quer que seja é volátil de acordo com o movimento político, de acordo com as contendas políticas.

Tenho tentado escrever de maneira objetiva sobre as batalhas de Barcelona, embora seja óbvio que ninguém possa ser completamente objetivo nesse tipo de questão. Somos quase que obrigados a tomar partido e por isso deve ficar bem claro qual partido tomei. Mas ainda, devo ter inevitavelmente cometido erros factuais, não apenas aqui, mas em outras partes desta narrativa. É muito difícil escrever com acuidade sobre a guerra espanhola, por causa da falta de documentos que não sejam propaganda. Advirto todos quanto às minhas preferências, e advirto também quanto aos meus erros. Ainda assim, tenho feito o melhor que posso para ser honesto. Mas é visível que o relato que faço é completamente diferente do que apareceu na imprensa estrangeira e, sobretudo, na comunista. É preciso examinar a versão comunista, porque foi publicada em todo o mundo, tem sido suplementada a intervalos desde então e é, provavelmente, a mais amplamente aceita.⁶⁶

E continua no parágrafo seguinte: “Na imprensa comunista e pró-comunista, toda a culpa pelas batalhas de Barcelona foi jogada no POUM”.⁶⁷ (P.239). Esta última frase fica aparente a insatisfação com a postura comunista, em certa medida, certa ingenuidade em

⁶⁶ IBID, p.239.

⁶⁷ IBID, p.239.

relação à política de bastidores, das correlações de força, todavia, ingenuidade ou não, certamente desiludido em relação aos comunistas e seus aliados.

Orwell apresenta seu ponto de vista, tendo em vista que o mesmo não representa a verdade, ou ainda, sequer se propõe a ser o relato verdadeiro, ainda assim, afirma estar relatando a verdade. Neste caso, a verdade a partir de suas impressões, isto é, tendo em vista a sua experiência. O que quero salientar é: por que algumas literaturas são menos verdadeiras que outras? A(s) resposta(s) vem sendo apresentadas ao longo deste capítulo: porque alguém disse/documentou que uma coisa é verdadeira em detrimento de outras serem falsas, ou menos importantes, ou ainda, de fonte duvidosa. Especialmente, quando alguém que escreve afirma possíveis erros, falhas; em geral, o discurso/escrito verdadeiro afirma ser o universal e não apenas parte de um todo.

(...) devo dizer algo a respeito da acusação geral de que o POUM era uma organização fascista secreta, financiada por Franco e por Hitler (...) essa acusação foi repetida muitas e muitas vezes na imprensa comunista principalmente a partir de 1937. Fazia parte do esforço mundial do Partido Comunista oficial contra o ‘trotskismo’, do qual se pensava que o POUM era o representante na Espanha.⁶⁸

Seja pela proximidade, pela afetividade que foi despertada, ou mesmo pelo caráter pessoal que parecia deter, tendo em vista seus escritos, Orwell, tomou como responsabilidade a defesa do ponto de vista do POUM, principalmente, em relação à postura do Partido Comunista quanto ao POUM; que mesmo lutando ao lado comunista nas trincheiras em defesa da república espanhola, tinha antes o “estigma” de trotskista, mesmo não sendo um partido trotskista efetivamente.

Para além da responsabilidade de documentar o ponto de vista trotskista e anarquista, Orwell se envolveu com a guerra em si, em grande medida pela escassez, de variadas maneiras, sendo elas: de material bélico; de soldados que possuíssem habilidade para manusear as armas disponíveis; de enfermeiras e médicos; de estratégia de guerra (aos moldes ingleses, de certo); e tantas outras reclamações referentes à falta que não poderiam deixar de acontecer, tendo em vista, a criação britânica de Orwell. Além das formas de escassez que, em geral, as guerras proporcionam, existiram condições que preencheram sensivelmente o autor, sendo elas: a luta contra o fascismo; o companheirismo, o ímpeto, a esperança espanhola; a

⁶⁸ IBID, p.249.

graça italiana; a experiência da guerra; e outras tantas mais que ele possa ter omitido na escrita. Além disto tudo existiam os comunistas: camaradas italianos e a burocracia do Estado socialista russo; militantes e o Estado, ambos comunistas e tão distintos para Orwell. A estrutura dos Partidos Comunistas, da Espanha e da Rússia eram repudiadas, em contrapartida, os militantes comunistas inesperadamente eram homens valorosos para Orwell, tanto que começa o livro pela descrição da imagem do italianocomunista: “Algo em seu rosto me tocou profundamente. Era o rosto de um homem que iria matar e jogar sua vida fora por um amigo – o tipo de rosto que se esperaria num anarquista, embora, contra todas as expectativas, ele fosse comunista”.⁶⁹

Mesmo que ele não desejasse, sentia afeição pelos militantes comunistas, que assim como ele ocuparam os fronts de batalha, que do mesmo modo que ele tinha o fascismo como seu principal inimigo. Ao longo da guerra muita coisa mudou e após a GCE o fascismo tornou-se a principal linha política (a única legal) na Espanha por décadas; boa parte dos comunistas vindo da Itália morreram e, possivelmente, o italiano que, para Orwell, representava o espírito dos homens que lotavam os trens em direção aos fronts, possivelmente faleceu antes mesmo que uma linha de *Homenagem a Catalunha* fosse escrita.

Duas grandes questões foram fundamentais para os escritos de Orwell a partir da Guerra Civil Espanhola, primeiramente, sua postura crítica ao Estado socialista e aos Partidos Comunistas e, especialmente, crítico ao stalinismo; o outro grande evento para o autor trata-se do tiro que recebeu no pescoço que quase o matou, ou seja, sua experiência de quase morte. “Toda experiência de ser atingido por uma bala é muito interessante e acho que vale a pena descrevê-la em detalhes”.⁷⁰ A experiência em receber um tiro que quase o matou é tratada com otimismo e ironia por Orwell, talvez porque ao escrever a experiência o perigo já estava longe: “Mesmo agora, cinco meses depois, meu indicador ainda está dormente – um efeito esquisito para uma ferida no pescoço.”⁷¹ *Homenagem à Catalunha* começa a ser escrito assim que Orwell tem condições objetivas para escrevê-lo, pois mesmo os documentos e fotos que ele vinha guardando da guerra se perderam, não sobrou nada, apenas suas memórias. O que não deixa de ser menos impressionante, pois a memória de Orwell é espantosa!

As sequelas referentes ao tiro que levou permaneceram consigo ao longo da sua vida, e por causa disto, sua voz nunca mais foi a mesma, ele ganhou uma voz falha e fina até o final

⁶⁹ IBID, p.27.

⁷⁰ IBID, p.156.

⁷¹ IBID, P.165.

de sua vida, além disto, as sequelas emocionais também permaneceram com ele, bem como seu interesse pela Guerra Civil Espanhola. E mesmo tratando o caso com certa ironia, trata-se antes de seu estilo de escrita e de sua característica pessoal, do que propriamente indiferença ou superficialidade quanto aos eventos que ocorreram consigo e ao seu entorno.

Devem ter passado uns dois minutos durante os quais admiti que tinha morrido (...) é interessante saber quais seriam seus pensamentos numa hora dessas. Meu primeiro pensamento, bem convencional, foi para minha mulher. O segundo foi um ressentimento violento por ter de abandonar este mundo que, no fim das contas me cabia tão bem. Tive tempo para sentir isso intensamente (...) também pensei no homem que me atingira (..) não conseguia sentir qualquer ressentimento contra ele. Refletia que se ele era um fascista, eu o teria matado se pudesse, mas que se ele fosse prisioneiro e trazido diante de mim nesse momento, eu simplesmente o cumprimentaria pela boa pontaria. Pode ser, no entanto, que se estivermos morrendo de verdade, nossos pensamentos sejam bem diferentes.⁷²

Entre outras tantas coisas, guerra também é sinônimo de morte, mesmo que não se morra propriamente, há de se falar/escrever sobre morte, do desejo que o outro morra, ou ainda, de matar o inimigo que ideologicamente é completamente distante, mas que se encontra no outro lado da trincheira, e que por vezes, mal sabe o que representa. As contendas políticas os atravessam, e na maioria das vezes, sequer são apresentadas a ele e o entendimento acerca do conflito em si perpassa entre o lado certo e o lado errado e, claro, o outro está sempre errado, por vezes, se tem razão. De certo, isto dependerá do resultado da guerra e dos seus documentos deixados.

⁷² IBID, p.158.

Capítulo III - O Retorno da Verdade e o Instante da Ação

Os acontecimentos históricos que marcaram determinado instante, tendo em vista, as variadas possibilidades de interpretações, de pontos de vista, de estruturações, de ideologias podem e são resignificados a cada novo momento. Acontecimentos históricos documentados, redocumentados, contados e recontados desta ou daquela forma interferem como fantasmas no instante da ação.

Seja qual for o acontecimento histórico é uma possibilidade entre tantas outras, uma interpretação, que ao vencer, mesmo que temporariamente – levando em conta que o movimento de ressignificação tem por característica a constância e verdade alguma é soberana ao tempo – torna-se verdadeiro: ao vencedor, a verdade! E como vitória alguma é eterna, o que se encontra verdadeiro também não é eterno. A língua portuguesa nos concede um exemplo interessante no que se refere à temporalidade da verdade (ou, quem sabe, talvez marque melhor a dificuldade), ao diferencia “ser” e “estar”; quero apontar que o que “é” está e o que “está” pode também não estar, ou estar outra coisa, noutra coisa. E assim, o que se refere à verdade histórica, tornar-se-ia um novo arquivo, uma nova interpretação, uma nova significação a cada novo momento da ação, a cada nova abertura de arquivo, a cada nova revisão.

Deste modo, alguns acontecimentos históricos influenciam diretamente outros a partir da reabertura de um dado arquivo. Por exemplo, nesta dissertação o arquivo histórico reaberto trata-se da Guerra Civil Espanhola, no primeiro capítulo deste escrito a GCE foi apresentada a partir de uma estrutura mais próxima da verdade oficial, mesmo que contada, um tanto tendenciosamente a partir do lado republicano (que não venceu a guerra); no segundo capítulo apresento que a GCE foi documentada por vários pontos de vista, inclusive pelo lado vencedor, a saber, o fascista; e assim, existem versões: fascista (sim, sem o plural, pois o fascismo é um defensor cego da verdade, através da violência e não permite, sequer, a possibilidade da pluralidade), republicanas e reinterpretações. Preferi, especialmente, no segundo capítulo desta dissertação as reinterpretações entre os republicanos e o relato de alguém que esteve na GCE propriamente.

O arquivo influencia a ação, e cada novo arquivo é constituído de histórias que num dado momento tratou-se da ação e, novamente, constitui o arquivo que influenciará uma nova ação e assim ao infinito. O que pretendo apresentar aqui é que a virada entre uma coisa e outra é muito sutil, pois uma depende da outra para existir, como no dito popular: “quem vem primeiro, o ovo ou a galinha?” – O que veio primeiro o dito ou a escrita dele? Quero deixar aparente que esta apresentação que consiste em dois termos é meramente ilustrativa, pois cada ação é única, do mesmo modo que, cada reabertura de arquivo é única e cada escritura também, e, deste modo, as possibilidades são múltiplas e infinitas.

A ação, para Hannah Arendt é contingente, bem como o agente e o ato em si também são. Deste modo, a ação sempre começa algo novo que sempre é proveniente de uma relação reconciliadora como o passado. Assim sendo, por ser contingente, a ação é invadida pela pluralidade. No que alude à pluralidade dos variados discursos, especialmente, no que se refere à história e a sua irreversibilidade, Arendt apresenta o *poder de perdoar*, e mais, apresenta a possibilidade da *promessa*. Parece ser uma tentativa da pensadora em estender o momento da ação, tanto ao passado no que se refere ao *poder de perdoar*, quanto ao futuro no que se refere à *promessa*.

O remédio contra a irreversibilidade e a imprevisibilidade do processo que ela desencadeia não provém de outra faculdade possivelmente superior, mas é uma das potencialidades da própria ação. A redenção possível para a vicissitude de irreversibilidade – da incapacidade de se desfazer o que se fez, embora não se soubesse nem se pudesse saber o que se fazia – é a faculdade de perdoar. O remédio para a imprevisibilidade, para a caótica incerteza do futuro, está contido na faculdade de prometer e cumprir promessas. As duas faculdades formam um par, pois a primeira delas, a de perdoar, serve para desfazer os atos do passado, “cujos” pecados pendem como a espada de Dâmoacles sobre cada nova geração; e a segunda, o obrigar-se através de promessas, serve para instaurar no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, ilhas de segurança sem as quais nem mesmo a continuidade, sem falar na durabilidade de qualquer espécie, seria possível nas relações entre os homens.⁷³

Para Arendt, o perdão libera as consequências dos atos feitos, pois segundo ela, sem o perdão a capacidade de agir ficaria restringida a apenas um determinado ato, e assim, seríamos sempre vítimas das consequências de tais atos. Por outro lado, as obrigações referentes ao cumprimento das promessas nos tornam capazes de preservar nossa identidade,

⁷³ ARENDT, *A Condição Humana*, 2010, p.295.

especialmente, no que se refere ao domínio público, pois pela presença dos outros é possível confirmar entre quem promete e quem cumpre. A promessa é uma forma de redenção possível do que alude a imprevisibilidade da ação que ocorre em meio à teia de relações humanas.

O instante da ação, isto é, o momento em que os agentes estão reunidos no *espaço-entre* (*in-between*) é o ápice da política para Arendt, ou ainda, é a política em si. Já a estrutura para que a ação possa acontecer está relacionada ao campo pré-político, e, assim sendo, trata-se de um produto da *fabricação*. Arendt com alguma frequência retorna à antiguidade grega para dar corpo aos seus escritos, assim, retoma à polis grega para pensar acerca das questões do seu tempo (tempo em que Arendt escrevia), para que, como ela mesma afirma, haja a “retomada da dignidade da política”⁷⁴. Na Grécia antiga as leis, o legislador e os muros da polis não eram questões propriamente políticas, mas eram condições fundamentais para que a política fosse possível. Retomar a dignidade da política trata-se, para Arendt, acerca de não pensar a política como meramente administrativa, ou ainda, especificamente, as questões administrativas não são questões políticas propriamente.

É importante destacar que, para Arendt, a função da lei não é somente a de determinar os limites da ação no domínio público, é, todavia, essencialmente o de estabelecer relações que não são pautadas fundamentalmente ao momento da fundação da estrutura da comunidade política, mas, nas relações que são estabelecidas tendo em vista, a práxis da liberdade e a isonomia entre os cidadãos.

É em virtude dessa teia preexistente de relações humanas, com suas inúmeras vontades e intenções conflitantes, que a ação quase nunca atinge seu objetivo; mas é também graças a esse meio, onde somente a ação é real, que ela “produz” histórias, intencionais ou não [...] Essas histórias podem então ser registradas em documentos e monumentos podem tornar-se visíveis em objetos de uso e obras de arte, podem ser contadas e recontadas e forjadas [*worked*] em todo tipo de material [...] ninguém é autor ou produtor de sua própria história de vida. Em outras palavras, as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém as iniciou e delas é o sujeito, na dupla acepção da palavra, seu autor e seu paciente, mas ninguém é autor⁷⁵.

A ação política acontece num instante, isto é, ela é fugaz, e, deste modo, toda história, todo arquivo é constituído posterior à ação para Arendt, ou seja, somente quando uma determinada ação tem fim é possível documentar seu acontecimento. Por meio da teia de relações humanas a ação quase nunca atinge seu ápice, mas também é devido a ela que a ação

⁷⁴ ARENDT, *Eichmann em Jerusalém*, 1999.

⁷⁵ ARENDT, 2010, p.230.

é real, e assim, ela produz estórias⁷⁶que podem ser registradas de várias maneiras, como escritos, monumentos, obras de arte e, inclusive, podem ser recontadas oralmente e, mais, as estórias podem ser produzidas em qualquer tipo de material. Além disto, ninguém pode ser autor ou produtor da sua própria estória de vida.

Ainda para Arendt, a possibilidade de narrar acerca de qualquer estória sobre a vida de um dado indivíduo tendo começo e fim, é a condição pré-política e pré-histórica da história. Assim sendo, as estórias são pré-históricas para a história – levando em consideração que o conceito de pré-política para Arendt refere-se à condição estrutural para que a ação política aconteça – ou seja, as estórias são a arena da história da humanidade, todavia, o sujeito da história, a humanidade, jamais poderá se tornar um agente ativo. “(A) história [history], a grande história sem começo nem fim”⁷⁷

(...) até mesmo Aquiles depende do contador de histórias, do poeta e do historiador, sem os quais tudo o que ele fez teria sido em vão: mas ele é o único “herói”, e, portanto, o herói por excelência, que põe nas mãos do narrador o pleno significado do seu feito, de sorte que é como se ele houvesse não apenas encenado, mas também “feito”, a estória de sua vida.⁷⁸

E quem é Aquiles, se não alguém que foi apresentado e descrito por Homero? Ou ainda, quem é Aquiles, se não as descobertas sobre esta personagem, tendo em vista as inúmeras releituras da obra de Homero? Ou ainda, quem é Aquiles, sendo ele mesmo parte de um escrito? Aquiles foi Aquiles, ora; todavia, Aquiles tornou-se um fantasma ao se retirar da vida e entrar para história. Aquiles continua vivo através de Homero, que por sua vez, também ainda vive. Tantas e tantas personagens fictícias que foram constituídas ao longo do tempo que estão vivas tanto quanto Aquiles ou Sócrates; bem como tantos e tantos escritos que são tão fundamentais neste momento e que daqui uns tempos podem não ser, e, posteriormente podem voltar a ser imprescindíveis.

A ação para Arendt acontece quando os cidadãos se reúnem na qualidade do discurso. A escrita, por sua vez, é para a coletividade, com a coletividade, mas é constituída numa aparente solidão. Aparente solidão, porque enquanto escrevo não há ninguém lendo simultaneamente este escrito, ainda assim, escrevo em virtude dos escritos que li, e, em grande medida, em resposta a eles, como num diálogo atemporal. A escrita não é instantânea

⁷⁶ Hannah Arendt difere “estória” de “história”, sendo a primeira relativa ao indivíduo e a segunda é relativa à história da humanidade.

⁷⁷ ARENDT, 2010, p.230.

⁷⁸ ARENDT, 2010, p.242.

como a definição de ação em Hannah Arendt, mas ela tão momentânea quanto – guardada cada experiência particular –, além disto, a equidade é também condição básica para o acontecimento da escrita. O principal diferencial não se trata da solidão aparente da escrita, mas da sua temporalidade. Assim, um determinado escrito pode ficar “adormecido” por centenas de anos e retomar extremamente atual; e este escrito redigido há num tempo longínquo não será o mesmo quando relido e retomado, assim como, na qualidade do discurso e do diálogo, para Arendt, que se trata de um momento único e que não pode ser repetido, pois o momento da escrita para quem escreve é somente de quem escreve e enquanto escreve, quando alguém lê transforma-se em outra coisa.

A ‘realização de grandes feitos e o pronunciamento de grandes palavras’ não deixarão qualquer vestígio, qualquer produto que possa perdurar depois que passa o momento da ação e da palavra falada. (...) os homens que agem e falam necessitam da ajuda do *homo faber* em sua capacidade suprema, isto é, da ajuda do artista, dos poetas, dos historiadores, dos construtores de monumentos ou escritores, porque sem eles o único produto da atividade dos homens, a estória que encenam e contam, de modo algum sobreviveria⁷⁹.

Arendt define a expressão *vita activa* como fundamentalmente três atividades humanas fundamentais, sendo elas: *trabalho*, *obra* e *ação*. Nesta presente dissertação utilizarei duas das três atividades definidas como fundamentais por Arendt, a saber, *obra* e *ação*, sendo que nos interessará, principalmente, o conceito de *ação*. Segundo Arendt, o conceito de ação corresponde à condição humana da pluralidade, isto é, de que os homens habitam o mundo e não o Homem. Assim sendo, o conceito de Homem não é o que habita a Terra, mas quem habita a Terra são os homens que criam conceitos. Conceitos podem ser inventados a partir da relação dos indivíduos entre si, todavia, quem escreve o faz discutindo silenciosamente com os mortos e/ou como os vivos de um momento passado da ação. A escrita não se trata da ação em si, nem mesmo o ato de escrever corresponde à ação (especialmente no que se refere ao pensamento arediano), pois, o diálogo entre quem escreve e quem lê não é tão dinâmico quanto o discurso e a ação, todavia, em meio ao discurso os espectros do passado rondam as palavras lançadas na arena.

A ação cria a condição para a memória, e assim, para a história, como apresenta Hannah Arendt, o que pretendo argumentar é que: a ação, ela mesma é também influenciada pela história, isto é, o discurso, comum a ação é influenciada pelos acontecimentos da

⁷⁹ ARENDT, 2010, p.217.

história, e, destarte, o escrito influencia o discurso. Tendo em vista que o escrito é solitário e silencioso e, portanto, não se trata do campo da ação propriamente, ela, a ação é influenciada por elementos que não se tratam da ordem do discurso em si. De forma clara, parte significativa do discurso político é constituída pela influência solitária do escritor. A própria Hannah Arendt é ela mesma, escritora.

A ação, na medida em que se emprenha em fundar e preservar corpos políticos, cria condição para lembrança [*remembrance*], ou seja, para a história. O trabalho e a obra, bem como a ação estão também enraizados na natalidade, na medida em que tem a tarefa de prover e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que nascem no mundo como estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta.⁸⁰

De certo, nada é permanente, nem as histórias\escritos, nem quem as escreve, nem mesmo suas personagens (apesar de não haver tempo determinado para perpetuação disto ou aquilo). E, assim, as histórias interferem na ação: a ação é acometida pelos fantasmas das histórias; os agentes e particularmente cada um é atravessado pelos fantasmas de outros períodos, fantasmas das personagens e dos escritores\historiadores; a cada nova escolha entre esta ou aquela estrutura, este ou aquele autor, estes ou aqueles personagens; ou ainda, a cada contato, aproximação com determinados escritos em determinados momentos, o que dá uma pista do “porquê” alguns autores são mais procurados, lidos e pesquisados do que outros em determinados momentos, quero apresentar que se trata de uma espécie de rede que se constrói entre escrito, leitor e agente.

No momento da ação o inconsciente traz à tona uma gama de experiências, sensações, sentimentos que influenciam o discurso, e que influenciam uma nova escrita e estes se relacionam entre si. Assim sendo, existe relação entre o escrito e a ação, perpassando pelo leitor e sendo atravessado por outros agentes, que constroem outros escritos. O movimento entre a ação, a escrita e seus espaços não necessariamente transcorre pelo objeto do conhecimento, e mais, não necessariamente é documento ou discurso, assim sendo, a política também está para além do documento, para além da escrita e não centrada somente na ação. Deste modo, quero deixar patente que para a política o discurso e a ação são fundamentais, tal qual afirma Arendt, assim como, a ação e o discurso são influenciados pelo arquivo, pelos sentimentos, pelos não ditos, pelo inconsciente; destarte, parte fundamental da política é o discurso, mas não se trata de sua totalidade. Somente o conhecimento, ou somente o discurso, ou somente o arquivo não dão conta da política.

⁸⁰ ARENDT, 2010, p.10.

O que está documentado interfere na ação, e assim, o documento não se trata da ação propriamente, mas de parte dela, ou seja, compõe a cena da ação, do instante. Segundo Arendt, basta que os agentes se reúnam no espaço-entre e discurssem, e este se torna o espaço da ação. O que gostaria de questionar é: se a ação trata fundamentalmente do discurso entre os agentes, logo, os agentes são influenciados pelas histórias que constroem e desconstroem o instante do discurso e, assim, a ação é atravessada pelas histórias; pelos vencedores; pelas verdades construídas; pelos atores, autores que não podem falar que sequer estão vivos, mas estão documentados. Destarte, os agentes trazem a partir do discurso, os escritos, e, por vezes, os leem em voz alta.

Para Derrida tudo é escritura. E o instante que ainda não se tornou documento, isto é, o momento da escrita? O pensamento derridiano da escritura não se preocupa com o presente tanto quanto se preocupa com o futuro; sua maior questão é com o que virá. Deste modo, relacionando Derrida com Arendt, o legado da ação da escrita é a escritura. Todavia, por se preocupar mais com o futuro do que com o presente, para ficarmos com a analogia, a ação não é propriamente o problema derridiano, mas, ressignificando este ponto da obra de Derrida, é possível observar que um dado escrito referente a uma dada ação influencia uma nova ação no presente.

E, assim, dependendo disto ou daquilo, deste ou aquele escrito, este ou aquele ato; determinadas ideologias, linhas de pensamento estarão em voga; dependerá do que for atribuída a condição da verdade(s), se da ordem da dualidade, da multiplicidade, se única e assim sucessivamente. Dependerá do que seja eleito como verdadeiro, seja reapropriando determinados escritos, seja inaugurando outros; o primeiro não será uma cópia exata, pois a releitura traz dados novos e o segundo não será completamente novo, pois arquivos anteriores influenciam na construção de novos arquivos.

A ação política é atravessada pela solidão de quem escreve, pela solidão de quem reflete, e assim, o discurso não tem seu início, meio e fim em si mesmo, antes, ele é construído a todo o momento até que no instante da ação estas ou aquelas palavras pareçam saltar no espaço constituído do debate. As palavras que aparecem no discurso, em boa parte têm a ver com os escritos, e mesmo com outros discursos, que foram estruturados através de outros discursos mais e de outros escritos.

Platão ao escrever os diálogos de Sócrates, apresenta muito mais o ponto de vista seu do que o de Sócrates, mesmo que Platão tenha todo o cuidado em descrever a cena e mesmo

que se preocupe em escrever sinceramente o que Sócrates dizia, de todo modo, é Platão quem escreve. Assim sendo, tendo em vista a ação a partir de sua resignificação, ou seja, relativo aos novos começos, quando numa discussão Sócrates for trazido, muito mais de Platão estará presente num determinado novo discurso ou escrito.

(...) depõe muito a favor de Sócrates o fato que só ele entre todos os grandes pensadores – singular neste aspecto como em muitos outros –, jamais tenha se importado em dar forma escrita a seus pensamentos; pois é obvio que, não importa o quanto um pensador possa estar preocupado com a eternidade, no instante em que se põe a escrever os seus pensamentos ele deixa de estar fundamentalmente preocupado com a eternidade e volta a sua atenção para a tarefa de legar algum vestígio deles. Ele ingressou na *vita activa* e escolheu sua forma de permanência e de imortalidade potencial.⁸¹

A(s) forma(s) de contar história(s) se modifica(m) e, provavelmente, irá se modificar tantas e tantas outras vezes no decorrer da(s) própria(s) história(s). O conceito comum ao nosso tempo de história trata-se da história linear que contém uma direção e que tem em si um início e um fim, ou seja, ela é teleológica. Santo Agostinho inaugura a concepção de história que nos é peculiar, ele interpreta a história fundamentalmente da seguinte forma: a *origem* a partir do conceito de criação divina (contida no antigo testamento no livro “Genesis”); a *revelação*, no que se refere ao conceito agostiniano de “iluminação” influenciado pelo conceito platônico de “reminiscência⁸²”, que segundo Agostinho é através da interioridade⁸³ que é possível verificar a verdade através da iluminação, assim, à luz da revelação (até nisto os modernos foram influenciados por Agostinho: “luz”, mesmo sendo “racionais”) que apresenta que ao final a cidade divina vencerá; e, por *fim*, a história, a partir do ponto de agostiniano tem um sentido determinado que pode ser interpretado através da revelação divina. Deste modo, para Agostinho a história além de ser linear apresenta três momentos: a origem, a revelação e o fim.

George Orwell escreveu “Homenagem à Catalunha”, inclusive, fora da região e longe da Guerra Civil Espanhola, destarte, os acontecimentos que lhe acometeram poderiam ser escritos visto que o momento propriamente da ação no que se refere à guerra civil já havia acontecido. Assim sendo, a história poderia ser contada. A Guerra Civil Espanhola termina para Orwell antes da data oficial do fim da guerra; a guerra acaba para Orwell dias após a sua quase morte, devido ao seu ferimento no pescoço ele deixa a Catalunha rumo à Paris e lá

⁸¹ ARENDT, 2010, p.24.

⁸² Conceito epistemológico apresentado por Platão em “Mênnon”.

⁸³ O conceito de interioridade em Santo Agostinho prenuncia o conceito de subjetividade instituído na modernidade. Ver conceito em “A Cidade de Deus” de Santo Agostinho.

mesmo começa a escrever. O momento do começo da escrita marca o final da guerra – no que se refere o conceito de ação arendtiano – para Orwell. Logo, o final da guerra na Espanha, para Orwell, é diferente em relação à data oficial do fim da guerra. Bem como, para o restante da Europa, sensivelmente, a guerra civil na Espanha influenciou o cenário de guerras na Europa durante a primeira metade do século XX. E, mais ainda, não seria absurdo a defesa de que a Guerra Civil Espanhola acabou de fato com a morte de Franco. Deste modo, existe uma temporalidade ampla para o período que corresponde esta guerra civil, para ficarmos com o exemplo, podendo variar sensivelmente de acordo com as experiências, de acordo com os interesses e as histórias.

Os documentos são construídos pelos eventos, isto é, na ação e através da ação, assim sendo são construídos através dos discursos que influenciam à escrita e tanto como a escolha do estilo, como a escolha do assunto, a escolha dos atores, e tantas mais escolhas que o destino puder oferecer; além disto, outros documentos também interferem na feitura de um novo escrito e, além do mais, interferem objetivamente na ação. Este escrito, por exemplo, é interferido diretamente pela bibliografia desta dissertação, assim como, os livros literários que venho lendo e que aparentemente não tem relação íntima com o presente trabalho, os livros literários que estou lendo interferem nesta escrita, bem como todos os livros que já li ao longo da vida (mesmo os que li e não me lembro sequer que tenha lido), todos interferem de algum modo neste escrito. Além disto, têm o contexto da ação, os ditos que interferem na escrita, que são, por vezes, foco da escrita, e a política e as coisas da política; escrevo em português, vivo no Brasil, e sou obviamente atravessada pelos acontecimentos recentes da política nacional, a saber, (para quem, por um acaso ler isto muito além do ano de 2016), o despotismo da elite brasileira e mundial interferindo de forma aguda na sorte de milhões de pessoas. Trata-se da disputa política esta também faz parte da política, querendo ou não, mas isto, certamente, poderia ser assunto para muitos outros escritos, apenas quero me referir a ele aqui, pois influencia, mesmo que de forma discreta todo escrito que tenho feito.

Na Grécia Antiga, as histórias eram contadas a partir das perspectivas dos contadores de história, não se limitava apenas na perspectiva da história verdadeira, correta, todavia, ao lermos a respeito da Grécia sobre aquele período encontramos “A” história da Grécia Antiga, pois resignificamos os escritos daquele período de acordo com nossa perspectiva verdadeira. Outra forma de contar história na antiguidade grega se refere numa perspectiva religiosa, refiro-me ao destino – ilustrado pelo Oráculo de Delfos – que mesmo a sorte sendo

constituída através da vontade dos deuses, não se trata de um deus apenas, mas de vários deuses para definirem a fortuna de todos os mortais e de cada um especificamente.

A verdade histórica substitui o ponto de vista, o universal substitui a pluralidade. Os acontecimentos históricos deixam de ser contados através de uma perspectiva entre tantas outras mais, para serem contados por um padrão universal, isto é, verdadeiro. Destarte, o verdadeiro é a perspectiva que exclui todas as outras perspectivas, além dela mesma. Os pontos de vista não deixam de existir, o que ocorre na nossa tradição é a supervalorização de um determinado ponto de vista que se intitula verdadeiro. Deste modo, mesmo a “Pós-Modernidade” que propõe uma conversa mais ampla acerca das perspectivas, ainda mantém o verdadeiro, especialmente ao que se refere à *forma* dos pontos de vista. Por exemplo, esta dissertação se propõe a discorrer sobre a pluralidade de pensamentos, sobre o que é arquivado, sobre política e subjetividade e poderiam ser outros tantos temas mais ou no lugar destes; o que há em comum entre este presente trabalho e todos os outros na academia refere-se a forma que todos os trabalhos precisam seguir, sendo elas, por exemplo, o tipo de formatação, o tamanho da letras, a fonte da letras, existe uma forma, ou seja, um método correto que uma dissertação de mestrado deve seguir. Bem como se espera esta ou aquela entrada teórica, ou este ou aquele campo observado de tais e tais formas.

Um determinado escrito para ser arquivado terá uma série de exigências que deverá ser cumprida, desde a manutenção física do arquivo devido à decomposição natural dos documentos, seguindo à sua resignificação, pois arquivo algum é imutável. Os desenhos rupestres da Pré-História, por exemplo, também foram escolhidos para serem mantidos e, mais ainda, foram e são resignificados a cada novo consenso do que se trata acerca do significado deste ou daquele símbolo. Assim sendo, a escolha dos documentos que serão conservados é tão importante quanto a sua manutenção e sua resignificação. O que será documentado e o que será reaberto e, logo, resignificado, trata-se, sobretudo, de uma escolha política.

O ato de documentar e o discurso entre os agentes (que evidencia a ação) são antes, escolhas entre o que dizer e o que escrever; escolhas que podem ser feitas em relação ao grupo de possibilidades referente às perspectivas do discurso e da escrita, isto é, podendo alterar de acordo com variadas possibilidades, podendo ser linguísticas, legais e etc. e para cada questão, variados pontos de vista que estarão em disputa entre as pessoas através da ação.

As condições necessárias para que a política aconteça, isto é, as condições pré-políticas, tendo em vista a separação entre pré-política e política na teoria arendtiana, são antes discutidas entre as pessoas reunidas na política propriamente, e assim, as condições pré-políticas são instituídas na coletividade que é a condição básica para que a política aconteça. São as questões pré-políticas que possibilitam as condições para que as pessoas se reúnam e possam agir, e, enquanto agentes as pessoas discutem as questões pré-políticas para que a política aconteça. Uma depende da outra e estão intimamente relacionadas; as estâncias existem (porque foram criadas) e são quebradas constantemente na política e para ela. Deste modo, o que acontece é uma espécie de paradoxo, pois, para que a política aconteça se faz necessário que as condições básicas estejam garantidas, como, por exemplo, as leis; ainda assim, as leis são instituídas entre os agentes, na política mesmo tendo como característica a condição de estrutural para que a política aconteça.

Os termos “trabalho”, “obra” e “ação”, em Hannah Arendt – usarei este exemplo para não me distanciar das questões levantadas neste escrito –, são identificados, assim como os termos quase que obrigatoriamente são produzidos: destacando-os. Faz-se necessário separá-los para identificarmos, por vezes, através dos próprios termos outros tantos termos. Trata-se de um movimento sem barreiras, ou ainda, com barreiras (forjadas) que podem e são rompidas, tendo em vista, as convenções que estejam em vigência, ou seja, tendo em vista, as leis, as regras, as simbologias que são de variadas espécies. As definições e, logo, as separações são escolhas de ordem política. São de ordem política, pois, são as formas que encontramos para a construção e reconstrução do discurso e, também, para o ato em si de discursar.

As definições dos termos são alegóricas, pois mesmo os termos que parecem imóveis são resignificados, todavia, suas aparentes modificações podem ser mais demoradas do que outras. Destarte, qualquer que seja o termo transforma-se em um novo termo, readaptado, remodelado. E assim, um dado conceito instituído não é o mesmo, inclusive, se observarmos o conceito propriamente, seja ele escrito na língua original; seja o observando no livro original em que foi escrito; seja uma pintura rupestre, ou um livro de autoajuda escrito há dez anos; em qualquer uma dessas situações, e em todas elas serão sempre novidades.

Não existe escritor que não seja ele mesmo um leitor, que não conte algo a alguém; e, portanto, que não discursar e que não escute o discurso alheio, e, desta forma, não existe escritor que não seja ele também um agente. Pois o documento é ele mesmo um discurso! O

que será arquivado e o que será lembrado de seu arquivamento são escolhas e reafirmações no presente, assim sendo, é no presente que se decide que um determinado arquivo seja verdadeiro e vivo. E, assim, a história é recontada e contada pela primeira vez todos os dias, pois a cada dia é um novo dia de escolhas. Cada vez que se recontar um dado acontecimento, este determinado acontecimento se transforma e se renova com os que estão vivos. Pois somente quem é vivo escreve, lê, discursa e ouve.

A ação no contexto que apresento neste trabalho é constituída a luz do conceito arendtiano, todavia, o que pretendo enfatizar é que as pessoas se reúnem para além da esfera pública, assim como, na esfera pública interesses privados vem à tona, e deste modo, a instauração dessa divisão entre público e privado é fundamentalmente alegórica. Cada vez que se concorda com qualquer conceito que seja, nasce um novo conceito, mesmo que formalmente repetido e recordado; cada momento que se recorda algo é uma nova história que se inaugura, a partir de um dado ponto de vista, única e instantânea.

A verdade como uma das possibilidades entre as opiniões, isto é, como uma possibilidade entre tantas outras a partir de infinitos pontos de vista é reafirmada a cada novo momento, o que evidencia a contínua disputa entre forças, visto que a cada novo instante uma determinada verdade é reafirmada. A “paz”, por exemplo, não tem uma definição específica, como um conceito de um determinado autor, ou um escrito, ou mesmo uma definição que seja definitiva (perdoe-me a redundância), pois a paz, como a verdade muitas vezes se apresenta como um argumento que visa à tentativa da manutenção dos direitos herdados. Como assim? A paz é o argumento de quem deseja manter seu exército forte, de quem guerreou e venceu temporariamente e documentou o seu feito.

Assim sendo, a cada nova geração a história “verdadeira” é reafirmada (história verdadeira equivale à interpretação dos arquivos acessíveis e reinterpretados), porque, existe, em certa medida, uma herança do que seja verdadeiro como uma espécie de indicação do que possa ser (não necessariamente será) mantido. Para usar um termo corrente, algo como uma *essência* é mantida, o que pode ser determinado também como as tradições – tentativa de manutenção de determinados elementos. A memória de um determinado grupo de pessoas, uma comunidade ou um país é, por vezes, preservada na tentativa de conservação de determinados pontos, a saber, as questões que são eleitas como verdadeiras e estruturais por aqueles que estão vivos.

O vocábulo “verdade” é usado em dois sentidos: para referir-se a uma proposição e para referir-se a uma realidade. No primeiro caso se diz de uma proposição que é verdadeira em oposição a “falsa”. No segundo caso se diz

de uma realidade que é verdadeira em oposição a “aparente”, “ilusória”, “irreal”, “inexistente” e etc. (...) Os filósofos gregos começaram por buscar a verdade, o verdadeiro, em oposição à falsidade, à ilusão, à aparência e etc. A verdade era neste caso idêntica à realidade, e esta última era considerada como idêntica à permanência, ao que é, no sentido de “ser sempre”(…) O permanente era, pois, concebido como verdadeiro em oposição ao mutante – que não era considerado falso, mas só como aparentemente verdadeiro sem sê-lo “de verdade”(…) Esse sentido grego de verdade não é historicamente o único possível. (...) Para o hebreu, em sua época “clássica” pelo menos a verdade (*‘emunah*) é primariamente a segurança, ou melhor dizendo, a confiança. A verdade das coisas não é então sua realidade em oposição à sua aparência, mas sua fidelidade em oposição à sua infidelidade. Verdadeiro é, portanto, para o hebreu, o que é fiel, o que cumpre ou cumprirá sua promessa, e por isso Deus é o único verdadeiro, porque é o único realmente fiel. Isto quer dizer que a verdade não é estática, que não se encontra tanto no presente quanto no futuro, e por isso, assinala Zubiri, enquanto para manifestar a verdade o grego diz que algo é, que possui um ser que é, o hebreu diz “assim seja”, isto é, *amém*.⁸⁴

Ao pensar acerca de arquivos sagrados, certamente remete as religiões, especialmente, as religiões com grande influência no mundo, que têm por característica, suas escrituras como sagradas, as interpretações variam, mas os documentos (livros reconhecidos como sagrados por seus membros e seguidores) são mantidos. O retorno histórico é possível somente através dos livros tidos como sagrados; sendo eles sagrados as possibilidades de interpretações estão presentes, todavia, o peso do sagrado faz com que alguns pontos não possam ser questionados. Em geral, os documentos históricos têm um apelo ao sagrado (ao menos os que são eleitos como verdadeiros), na medida em que é através dos arquivos que a verdadeira história pode ser desvelada, e, assim, a sacralidade de determinados arquivos não se trata de uma exclusividade dos livros religiosos.

Como referido anteriormente neste capítulo, Santo Agostinho apresenta que o conceito de história pode ser interpretado através da revelação divina, este seria o intervalo entre a origem e a finalidade; a origem é a criação divina que é revelada a partir das escrituras sagradas que apontará para a finalidade, deste modo, a finalidade é revelada pelo deus criador. A origem (criação divina) é documentada nos livros sagrados; a revelação somente é possível para quem leia os livros sagrados, se faz necessário, para Agostinho, a interiorização do arquivo sagrado, pois, deste modo, a verdade seria constatada através da iluminação em relação à verdade apresentada por deus. O processo de iluminação perpassa pela escritura sagrada, bem como o seu conceito de história.

⁸⁴ FERRATER MORA, *Dicionário de Filosofia*, 2004, p.2991, 2992.

Todavia, os arquivos nem sempre foram tão acessíveis, ora pela sua escassez, ora pela impossibilidade de decifrar seus códigos (analfabetismo ou não domínio da língua documentada), assim sendo, especialmente entre as religiões alguns interpretes apresentavam as escrituras sagradas oralmente, como é o caso dos padres, pastores, rabinos, assim, estas figuras ajustavam quais seriam as urgências de seus discursos de acordo com seus interesses, ou mesmo, de acordo com os interesses das instituições da qual fizessem parte, ou seja, de acordo com o interesse de seus pares.

Um arquivo pode representar a verdade, bem como outro arquivo pode anunciar sua ruína ao proporcionar uma nova verdade, isto dependerá das escolhas políticas dos agentes que manipulam determinados arquivos, em outras palavras, dependerá das pessoas vivas que novos documentos e a interpretação dos arquivos eleitos sejam reconhecidos como verdadeiros, assim sendo, desde a escolha deste ou daquele documento à quais pontos específicos serão primordiais serão escolhidos pelos agentes, pelas pessoas vivas, enquanto novos documentos estão sendo escritos, enquanto os discursos e debates acontecem. Todo escrito é um novo documento que será arquivado e reutilizado de acordo com os interesses políticos de um dado momento histórico.

O discurso é proferido através de uma voz, assim como, o escrito é materializado a partir de uma mão. Contudo, quem discursa não o faz sozinho e, mais, o discurso é sempre proferido a alguém. O momento de solidão em torno da confecção do discurso ou do escrito é ele mesmo uma conversa fantasmagórica, não somente consigo mesmo, mas com uma série de outros discursos e escritos que tem em si um lastro temporal muito maior do que a vida de alguém, todavia, é imprescindível registrar que nada persistiria sem os vivos.

O documento é sempre referente ao passado e sempre é direcionado ao futuro. Ele é a tentativa da representação do instante, que no tentame de simbolizar um instante passado proporciona outra coisa, a saber, um novo instante. E a cada nova releitura um novo instante é configurado. A escrita refere-se ao passado, que pode ser o que acabou de acontecer a alguns minutos, como a literatura jornalística se baseia; ou pode se referir aos restos mortais de um neandertal, ou ainda, pode ser relativo às pinturas rupestres feitas há mais de três mil anos. Todo elemento passado trazido ao presente, pertence ao presente toda vez que trazido, e os elementos aparentemente do passado serão novos, pois, por exemplo, o tal neandertal que é possível verificar seus restos mortais está obviamente morto e os seus ossos estão em estado de corrosão avançado; as pinturas rupestres ganharam chuva e sol ao longo de tanto tempo

que a coloração encontrada nas paredes não é a mesma de quando estavam frescas. Pois, todo o passado que temos é o que encontramos no presente.

Não há um período passado puro, ou intocado, o que há é uma resignificação continua dos objetos que identificamos serem do passado. A escrita é lançada ao futuro, pois um documento é elaborado com o intuito de que alguém leia, assim, diferentemente do neandertal, as pinturas rupestres também se lançam ao futuro intencionalmente, isto de ser intencional ou não em relação ao futuro são características que podem ou não serem levadas no instante da ação ou na escrita, em outras palavras, será determinante tendo em vista os planos do presente (ação/escrita) para o futuro, ou seja, podem ser muito importantes ou insignificantes.

A escrita procura pontos do passado para se lançar ao futuro. O escritor expõe seus sentimentos seja em forma de estruturas, de termos, seja contando causos, seja literalmente apontando para o futuro, assinala o que o marcou e oferece ao leitor, em retribuição ao que lhe foi ofertado; ou em resposta como numa conversa com as leituras que travou, assim, a escrita é uma resposta a leitura de algum(s) escrito(s), que quando escritura será lida e possivelmente influenciará novas escritas. Assim sendo, a escritura não é imóvel, pois suas páginas amarelam, novas edições são apresentadas, cada novo leitor terá uma impressão distinta de um dado texto clássico e, novas interpretações sobre uma dada escritura nascerão.

O escritor e o leitor diferente do documento é quem vivencia o instante; o documento é como o som em uma conversa, mas com uma temporalidade muito mais extensa do que o discurso, isto é, para além do instante, mas fundamentalmente contido nele. O escritor é o agente aparentemente ativo, digo aparentemente, pois ele é atravessado por uma infinidade de elementos, entre eles, outros escritos. O leitor é uma espécie de agente passivo, que nunca é tão passivo assim, pois, por mais que esteja emerso na leitura de um documento, ainda assim, é influenciado por tantos outros escritos, lidos e/ou escritos por ele.

É possível identificar em um arquivo uma gama de possibilidades referente à ação: seja no ato que é objeto da escrita, e, portanto, um relato de algo que se passou; seja o ato da escrita, aparentemente solitário, mas que é, em geral, em resposta à ação alheia; seja no ato da leitura, que é o momento em que ação do escritor invade o leitor. Seja novamente o ato da escrita, desta vez, em resposta à leitura da escrita de outrora como numa conversa atemporal. E, além disto, o arquivo não é imóvel (mesmo que algumas partes dele demorem mais do que outras para se movimentarem, isto, talvez, seja o que aparente sua inércia), pois ele se renova a cada leitura, a cada adendo, a cada nova descoberta, ele continua vivo desde que tenham

pessoas para lê-lo, para pensar sobre ele, para escrever em resposta a ele, para refutá-lo e assim sucessivamente.

Não é possível isolar um termo sem perder parte dele e ganhar outras partes, e, mais, não é possível isolar um termo, pois ao fazê-lo cria-se um novo termo. A novidade está constantemente conosco mesmo que na tentativa de conservar o que quer que seja. Fazemos escolhas constantemente do que queremos para o presente e do que prometemos ao futuro, A promessa ao futuro é a tentativa dos agentes de se perpetuarem, de deixarem seu legado, que nunca será aceito completamente no futuro, visto que, no futuro deixarão de ser agentes, pois estarão mortos. A maior proximidade com o instante é para quem está vivo.

A tentativa de perpetuação na vida é uma das características dos agentes em rememorar outros feitos e inscrever seus feitos para o futuro; em certa medida se respeita os mortos na tentativa de que se tenha algum zelo no futuro quanto a si quando não for mais possível agir. Preserva-se a história, ou ao menos se procura isto, para entrar na história. Se não é possível viver por mais de cem anos (quando muito) devido a implicações biológicas, que se viva na história (mesmo que de forma limitada) entre os novos vivos. A construção do arquivo contribui para a tentativa de ampliação do instante anterior.

O Antigo Testamento é um livro confeccionado por cerca de mil anos e sua feitura teve início há cerca de três mil anos, este se mantém extremamente atual e renovado pelos seus leitores; suas personagens são vivas e se propõem a estarem vivas por muitos e muitos anos ainda. Quem escreve aqui é alguém que se afirma nunca ter vivido, e, portanto, não morrerá: deus. Talvez, parte de sua atualidade se deva a não-morte (eternidade) de seu escritor. Todavia, mesmo o escritor ainda vivo pode somente justificar ou comentar um determinado escrito, pois o escrito deixa de ser somente seu e se transforma em algo coletivo, isto é, ao tornar-se um arquivo, o instante da escrita faz parte do passado. Deste modo, mesmo se deus quiser fazer algum adendo referente ao Antigo Testamento, ele escreveria outra coisa. Devido à condição de que este livro se renova e se transforma a cada nova interpretação, possíveis novas “revelações” divinas seriam invariavelmente novos escritos.

As tecnologias concebidas a partir do século XX proporcionam novas formas de arquivo, como é o caso dos arquivos em áudios e vídeos, deste modo, o que é arquivado não é mais apenas o documento escrito, mas o discurso oral; deste modo, o discurso, propriamente, começa a poder se arquivado. O discurso oral ao longo da tradição durou o tempo de seu próprio discurso, após este momento, o que se tinha era já a transformação do discurso de um intermediário ao escrito, como o caso dos representantes religiosos em seus cultos; a

interpretação de um escrito na contemporaneidade é já um documento novo, quando arquivo, certamente.

Partindo do princípio que algum tipo de tecnologia esteja entre o documento e seu agente, proporcionando, deste modo, a impossibilidade da presentificação da escrita nos moldes de um discurso, ainda assim, ela, a escrita é construída por pessoas que ao escrever se tornam agentes; a diferença fundamental entre a escrita e o discurso é sua temporalidade. Enquanto no discurso a resposta é praticamente imediata, na escrita quase nunca isto acontece. Isto tem se modificado devido a mudanças tecnológicas; o envio até o recebimento de cartas que poderiam levar meses, dias, e na atualidade pode-se chegar ao remetente no mesmo dia que se poste a carta – isto me referindo ao envio do mesmo objeto físico que se escreveu; e por e-mail uma carta pode chegar instantaneamente ao remetente, desde que todos estejam conectados pela internet⁸⁵. Por mais que a tradição metafísica seja ela fundamentalmente oral como indicam Nietzsche e Derrida, ainda assim, esta mesma tradição conserva bem seus arquivos tidos como historicamente verdadeiros e a contemporaneidade a partir desta nova tecnologia vem se habituado a rearquivar os documentos através da digitalização, por exemplo, e funciona como local de arquivo para qualquer pessoa com seus e-mails, nuvens e etc.

Voltemos ao George Orwell que teve por característica escrever ao futuro literalmente, através do seu escrito mais famoso que apresenta uma distopia como iminente. No livro *1984* Orwell apresenta como central a vigilância da população por poucas pessoas, representando de forma óbvia o totalitarismo. Orwell criticava fortemente o governo Soviético e não de forma tão direta, mas também o fazia, criticava o fascismo e o nazismo e, mais criticava a postura inglesa em relação aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Na primeira frase do ensaio “O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio Inglês” (1941) que foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial e que tem por característica um aspecto fundamentalmente panfletário, isto é, uma linguagem simples e direta, como de costume: “Enquanto escrevo, seres humanos civilizados sobrevoam-me, tentando matar-me”.⁸⁶

Orwell escreveu ainda outros ensaios assinando algumas de suas publicações ainda com o nome de Eric Blair e já assinando com o seu pseudônimo famoso: George Orwell. Escreveu vários ensaios e entrevistas em periódicos entre 1928 e 1949, que abordavam temas políticos e literários. Entre eles: “Política e a Língua Inglesa”, “Um enforcamento” e “Por que escrevo”, neste último ensaio é possível verificar os motivos sensíveis à sua escrita, bem

⁸⁵ Sim, esta forma de tecnologia que representa(rá) o totalitarismo.

⁸⁶ORWELL, *O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio Inglês*, 1941.

como seus eventuais motivos para escrever. É possível verificar a grande influência da Guerra Civil Espanhola na escrita de Orwell a partir deste ensaio, principalmente no que se refere aos livros escritos posteriormente a Guerra Civil na Espanha.

The Spanish war and other events in 1936-37 turned the scale and thereafter I knew where I stood. Every line of serious work that I have written since 1936 has been written, directly or indirectly, against totalitarianism and for democratic socialism, as I understand it. It seems to me nonsense, in a period like our own, to think that one can avoid writing of such subjects. Everyone writes of them in one guise or another. It is simply a question of which side one takes and what approach one follows. And the more one is conscious of one's political bias, the more chance one has of acting politically without sacrificing one's aesthetic and intellectual integrity.

What I have most wanted to do throughout the past ten years is to make political writing into an art. My starting point is always a feeling of partisanship, a sense of injustice. When I sit down to write a book, I do not say to myself, 'I am going to produce a work of art'. I write it because there is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing. But I could not do the work of writing a book, or even a long magazine article, if it were not also an aesthetic experience. Anyone who cares to examine my work will see that even when it is downright propaganda it contains much that a full-time politician would consider irrelevant. I am not able, and do not want, completely to abandon the world view that I acquired in childhood. So long as I remain alive and well I shall continue to feel strongly about prose style, to love the surface of the earth, and to take a pleasure in solid objects and scraps of useless information. It is no use trying to suppress that side of myself. The job is to reconcile my ingrained likes and dislikes with the essentially public, non-individual activities that this age forces on all of us.

87

Orwell tem por característica uma escrita direta e emocionada; o envolvimento emocional influencia como um texto será escrito e recontado, e, assim sendo, desde que forma, com que intuito, quais são as prioridades, como as personagens serão retratadas e etc.. Deste modo, a escrita terá muitos elementos pessoais de quem escreve e porque escreve e, não menos importante, para quem escreve. Certamente, este último ponto ao longo do tempo vai perdendo sua atualidade, entretanto, isto não deve ser minimizado, quando for possível identificar para quem se escreveu para tentar entender o contexto histórico em que o texto foi confeccionado.

Os elementos passionais, afetivos, sensíveis e etc, estarão sempre presentes no arquivo, seja por quem escreve, seja por quem lê. O documento que é determinantemente frio, não existiria sem seus agentes, seja na sua feitura, seja na sua interpretação que sempre terá elementos sensíveis, passionais e afetivos, mesmo que utilize o semblante da imparcialidade,

⁸⁷ ORWELL, *Por que Escrevo*, 1946, p.4 e 5.

ou o argumento da frieza em si do arquivo, pois a utilização do argumento propriamente é a priori sensível.

Os elementos que constituem um texto estarão presentes no próprio arquivo que surgiu do texto, deste modo, o arquivo está repleto de elementos pessoais de quem o escreveu, estes são elementos mais obscuros, isto é, os mais passíveis de interpretação, e, portanto, constantemente sofrerão reinterpretações ao longo das releituras do arquivo. Além disto, outros arquivos oferecem informações sobre um dado arquivo, deste modo, os primeiros compõem o contexto histórico. Alguns textos são eleitos como arquivos formadores do contexto histórico e outros arquivos são subjugados aos arquivos de referência. Assim, alguns arquivos são reconhecidos como imparciais e fazem parte da verdadeira história, outros, constituem uma espécie de história auxiliar, ou “lado B”⁸⁸ da história.

Não existe imparcialidade propriamente, o que há é a possibilidade de auto identificação como imparcial, o que determina, por conseguinte, o conceito de parcialidade, no que se refere propriamente à definição de imparcialidade. Assim como a imparcialidade, o consenso propriamente não existe; o que há entre os membros que estão em consenso é o não debate de um determinado ponto, em vista da fortificação para disputar com outra força política (ou mais forças), alguma questão que se imagine mais urgente entre os membros que estão formando um consenso. O consenso existe quando algumas partes abrem mão de um ponto para somarem forças contra outro ponto entendido como mais nocivo. Um consenso é: “vamos nos unir aqui, mas isto será pontual”. Destarte, o consenso não existe, o que existe é um determinado lado mais forte que imprime sua opinião. Os termos “consenso” e “imparcialidade” são próximos no que diz respeito ao semblante político apresentado ao se utilizar estes termos. Curiosamente o discurso imparcial é defendido por quem (pessoa ou instituição – formada por pessoas) está tentando manter o poder atual, ou seja, é uma opinião de quem deseja a manutenção do que esteja vigente, como um prolongamento do instante.

George Orwell deixa explícita sua relação afetiva no que se refere aos acontecimentos na Guerra Civil Espanhola, seja no que alude a sua escrita no livro “Homenagem à Catalunha”, seja em “Por que Escrevo” ao mencionar o livro que escreveu sobre a guerra civil na Espanha, seja sobre seu posicionamento contra o totalitarismo que foi construído principalmente enquanto esteve na Espanha e que foi o basilar para a escrita de “Revolução

⁸⁸ “Lado B” como referência as músicas que estão num disco de vinil, que já ao se produzir o disco, elas tendem a não serem as principais músicas, deste modo, há uma escolha entre as músicas do repertório, entre quais serão as músicas principais do disco – que irão compor o lado A - e quais serão as músicas secundárias – que irão compor o lado B. Por vezes uma ou outra música do lado B se destaca, mas geralmente isto acontece quando as músicas do lado A já tocaram nas rádios e se tornaram sucesso.

dos Bichos” e o seu mais celebre livro “1984” (o “lado A” de seus livros). Orwell é sem dúvida alguma parcial, mesmo que apresente o intuito de desvelar a verdade, esta por sua vez, se trata para o escritor fundamentalmente acerca de suas experiências. Ele identifica o que lhe parece verdadeiro e apresenta aos leitores a verdade que acredita que deva contar, ora por meio de um relato jornalístico, ora por meio da ficção.

It is not easy. It raises problems of construction and of language, and it raises in a new way the problem of truthfulness. Let me give just one example of the cruder kind of difficulty that arises. My book about the Spanish civil war, *Homage to Catalonia*, is of course a frankly political book, but in the main it is written with a certain detachment and regard for form. I did try very hard in it to tell the whole truth without violating my literary instincts. But among other things it contains a long chapter, full of newspaper quotations and the like, defending the Trotskyists who were accused of plotting with Franco. Clearly such a chapter, which after a year or two would lose its interest for any ordinary reader, must ruin the book. A critic whom I respect read me a lecture about it. ‘Why did you put in all that stuff?’ he said. ‘You’ve turned what might have been a good book into journalism.’ What he said was true, but I could not have done otherwise. I happened to know, what very few people in England had been allowed to know, that innocent men were being falsely accused. If I had not been angry about that I should never have written the book.⁸⁹

Em seus escritos, George Orwell pretende apresentar um ponto de vista divergente com o ponto de vista dominante, a saber, o verdadeiro. Orwell almeja apresentar a verdade do seu ponto de vista, ele não propõe uma ruptura profunda no que se refere à verdade propriamente, antes disto, ele disputa a verdade; disputa contar a verdade através do seu ponto de vista. Para tanto, documenta os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola a partir das suas impressões. E, é, em geral, o que é disputado através dos arquivos históricos: contar a verdade! Como já vimos nesta dissertação acerca da verdade, ela é, antes de qualquer coisa, um ponto de vista que se assegura verdadeiro. Deste modo, para o que está verdadeiro se mantenha verdadeiro se faz necessário sempre um novo jogo formado por reafirmações que se ambientam de acordo com os interesses dos jogadores, isto é, dos agentes. Orwell, enquanto esteve vivo perdeu esta disputa, especialmente no que se refere aos acontecimentos que presenciou na Espanha e relatou em *Homenagem à Catalunha*, não perdeu somente a guerra no campo de batalha, perdeu a guerra que realmente disputou e que o levou à Espanha naquela oportunidade: seus escritos não se tornaram a expressão da verdade acerca da guerra.

Orwell não é lembrado primeiramente por ter lutado na Guerra Civil Espanhola e escrito um documento sobre esta guerra civil, ele é lembrado por escrever sobre o

⁸⁹ ORWELL, 1946, p.5.

totalitarismo a partir de uma distopia. Os escritos de Orwell sobre a guerra civil na Espanha têm algum valor histórico por causa do escritor e não por conta do seu escrito. *Homenagem à Catalunha* é lembrado primeiramente como um livro de George Orwell e não como um livro que retrata a Guerra Civil Espanhola. Mesmo que *Homenagem à Catalunha* seja fundamental para entender porque a questão do totalitarismo é algo tão importante para Orwell sensivelmente e que, por conta disto, a experiência e o escrito sobre a guerra espanhola influenciaram sensivelmente Orwell a escrever *1984*, ainda assim, isto se trata sobre o escritor e suas influências.

Homenagem à Catalunha é um livro que tem tudo para não ser reconhecido como um documento verdadeiro, pois é escrito como um relato jornalístico, ou seja, não se trata de uma ciência, mas de “achismos” e impressões de alguém que não estava autorizado a escrever um livro que pudesse se tornar um documento histórico, além disso, se propunha a ser claramente tendencioso para com o lado dos anarquistas e trotskistas (forças sem grande expressão mundial, especialmente após a derrota na guerra) que o distancia de uma tal ciência “imparcial”. E, sem dúvidas, a imparcialidade costuma tender para o lado do mais forte, do vencedor, e por isto, verdadeiro. Ao longo do governo franquista na Espanha os heróis eram os nacionalistas e os republicanos, anarquistas e comunistas tinham pacto com o diabo ou coisa que o valha, pois afinal de contas, eram os derrotados. Este livro de Orwell não seria lido na Espanha governada por Franco. Além disto, *Homenagem à Catalunha* não tem a distância necessária entre o autor e o acontecimento para alcançar o status de um livro historiográfico. Há numa espécie de cartilha implícita que determina o que deve ser cumprido, e, caso não seja cumprido isto ou aquilo está descartado. Trata-se de uma disputa ferrenha por quem irá identificar como e quais serão os documentos oficiais e mesmo os “oficiosos”, estes também disputam entre si sua permanência.

E assim, está em disputa o que determina as formas científicas pertinentes, o que é um tema pertinente e assim sucessivamente; antes de determinarmos quais serão os documentos, as formas de escolha entre o que será documento e o que será apagado estão acontecendo. Existe uma disputa que não é direta, mas que também não é velada pelo método que determinará como os arquivos devem ser estruturados, isto é, qual será a estrutura verdadeira; logo em seguida há outra disputa que se trata de quais arquivos serão selecionados como verdadeiros e assim sucessivamente.

Diferentemente dos textos científicos, históricos e oficiais, os textos literários têm um pouco mais de possibilidades, pois não necessariamente precisam ser verdadeiros, isto é, não

entram na disputa acerca da verdade. A Literatura é anterior à verdade, esta é inventada com a Filosofia e reinventada com a Ciência.

Alguém escreve, todavia, o que encontramos são os documentos, isto é, este “alguém” escritor é invariavelmente apagado seja pela sua morte, pelo movimento, pela impermanência, assim como, o documento também não é o mesmo e cada um que o lê é único bem como o instante da leitura é único e o instante da escrita também o é. Este “alguém” também foi inventado, assim como, as verdades e a verdade: inventos.

Considerações Finais

Um determinado instante pode conter um universo de possibilidades, e, deste modo, dificilmente poderá ser delimitado, mas nada impede a sua tentativa, isto é, nada impede de tentar construir uma estância em volta do que quer que seja. Fazemos isto de tentar cercar o que for possível, fazemos isto com os termos, com as coisas, com as histórias e ao inventar o que inventamos, como: termos, coisas e histórias, para ficarmos com o exemplo. E, assim sendo, não há simbolização possível para o instante; o que há são as variadas possibilidades de pontos de vista. E, assim, a verdade instituída e delimitada é ante de tudo, “uma” possibilidade e não “a” possibilidade de ponto de vista.

A proposta de condicionar um ponto de vista como o universal, isto é, o verdadeiro é, fundamentalmente política, em outras palavras, o intuito é convencer outras pessoas de que um determinado ponto é mais fundamental do que outro. Destarte, o conceito do que é verdadeiro é construído e modificado de acordo com as contendas políticas. O conceito de verdade propõe um sentido, uma finalidade, ou ainda, um fechamento. Para o filósofo Santo Agostinho, o conceito de história tem começo, meio e fim bem como tem sentido que é revelado por Deus através da iluminação interna em cada um. Este conceito criado por Agostinho é um marco do pensamento ocidental e cristão: a verdade é criada e com ela o ponto de vista (que não seja reconhecido como verdadeiro) torna-se inferior, deste modo, o que há é a verdade de um lado e o restante de outro, ou seja, tudo o que não for circundado como verdadeiro será falso.

Segundo este preceito, os contadores de história da Roma antiga, e da Grécia antiga que contavam as histórias a partir de suas perspectivas não revelam a verdade, mas apenas um ponto de vista. As artes, incluindo a literatura, foram fortemente criticadas por Platão, por se tratarem da imitação da imitação, pois, para este filósofo a realidade é uma sombra do mundo verdadeiro, isto é, do mundo ideal. Platão tem forte influência no pensamento de Agostinho e, ambos, têm forte influência no que se refere à tradição ocidental.

O arquivo é continuamente alusivo ao passado e continuamente é direcionado ao futuro. Ele é o tentame da representação do instante, que na tentativa de simbolizar um instante passado proporciona outra coisa, assim sendo, um novo instante. E a cada nova releitura um novo instante é constituído. A tentativa de manutenção na vida é uma das características dos agentes em recordar outros feitos e inscrever seus feitos para o futuro, assim como, defender este ou aquele ponto de vista, criar estruturas de pensamento e etc.. Somente a partir do documento temos acesso as estruturas de pensamento de quem quer que seja, filósofos, historiadores, escritores. O arquivo é o que possibilita a atualidade de determinadas questões, deste modo, o que será arquivado e como será arquivado é disputado politicamente bem como também se trata de uma escolha política abrir este ou aquele arquivo.

É possível identificar em um arquivo inúmeras possibilidades alusivas à ação: seja no ato que é objeto da escrita, e, deste modo, um relato de algo que se passou; seja o ato da escrita, aparentemente solitário, mas que é, em geral, em resposta à ação alheia; seja no ato da leitura, que é o momento em que ação do escritor invade o leitor. O que está documentado interfere na ação, e assim, o documento não se trata da ação propriamente, mas de parte dela, ou seja, compõe a cena da ação, do instante.

Escolhi para esta dissertação a reabertura de alguns arquivos referente à Guerra Civil Espanhola, e preferi relatos que são familiarizados com o ponto de vista republicano tanto no primeiro capítulo ao utilizar documentos produzidos por historiadores pró-repúblicanos, como nos demais capítulos, ao escolher como pano de fundo um autor que vivenciou a guerra civil nos fronts de batalha no lado dos republicanos e apresentou seu ponto de vista acerca da guerra.

Esta dissertação pretende apresentar que “a” verdade é fundamentalmente um ponto de vista, como tantos outros pontos de vista e que essa tal verdade pode ter inúmeras qualificações, como a sinceridade: “ I write it because there is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing”⁹⁰. Orwell escreve isto em relação ao livro *Homenagem à Catalunha* e aos acontecimentos na Espanha em seu artigo *Por Que escrevo*.

⁹⁰ ORWELL, *Why I Write*, p.5, 1946.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo, 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira, 15ª edição. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida, 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Nestor Silveira Chaves, 15ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Espanhola*. Tradução para o castelhano de Gonzalo Pontón Diseño. Barcelona: Critica, 2005.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *A “questão social” no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Autoritarismo Afetivo: A Prússia Como Sentimento*. São Paulo: 2005.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene *Ecos da Segunda República e da Guerra Civil Espanhola*. Revista Tempo. Niterói. nº 8. Agosto de 1999, p.1-16.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Édipo e Excesso*. 1ª edição. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2002.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio; KONDER, Leandro FIGUEIREDO, Eurico de Lima. *Por Que Marx?* Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. *Sentimento e Política: (a) ventura sociológica para o século XXI*. Versão em Inglês apresentada no Seminário *Critical Approaches and Social-Legal Studies: new grounds, new paths, new politics for*

sociologiststudies, realizado na *Universidad Antigua de Oñati*, Espanha 8 a 10 de junho de 1994.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Sufoco nas Alturas Sobre Páramo de Guimarães Rosa*. In Passagens. Revista Internacional de História política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 2. Maio-agosto, 2013, p. 168-204.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de carvalho. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Tradução de Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. 2001.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Tradução de Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Who Comes After Subject*.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.4*. Tradução de Suely Rolnik, 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. PUC - Rio, Edições Loyola, 2002.

ESCOLÁ, Carlos Blanco. *La Incompetencia Militar de Franco*. Madrid: Alianza, 2000.

ETTINGER, Elzbieta. *Hannah Arendt/Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos, volume 1*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos, volume 2*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FREUD, Sigmund. *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, 1924.

- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Tradução de Paulo César de Souza 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013
- FREUD, Sigmund. In: *Obras Completas - vol VII: Três ensayos de teoría sexual*. Tradução de J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1995.
- FUSI, Juan Pablo. *Franco*. Madrid: El País, 1985.
- LACAN, Jacques. In: *O Seminário – Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- LACAN, Jacques. In: *O Seminário – Livro 5: As Formações do Inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. In: *O Seminário – Livro 8: A Transferência*. Tradução de Dulce Duque Estrada. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, Jacques. In: *O Seminário – Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais de Psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, Jacques. In: *O Seminário – livro 23: O Sinthoma*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, Jacques. *O Seminário Sobre a Carta Roubada* In *Escritos*. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MAJOR, René. *Lacan com Derrida: Análise Desistencial*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos*. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2006.

ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ORWELL, George. *O Caminho Para Wigan Pier*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ORWELL, George. *Why I Write*, 1946.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Eloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de Sampaio Marinho. Sintra: Europa América, 1977.

PRESTON, Paul. *Franco “Caudillo de España”*. Barcelona: Grijalbo, 1994.

VILAR, Pierre. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Grijalbo, 1986.

VILAR, Pierre. *La História de España*. Barcelona: Grijalbo, 1978.

WOODCOOK, George. *História da Ideias e Movimentos Anarquistas – vol.1. A Ideia*. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&M Pocket, 2002.